



UNIVERSIDAD DE BURGOS
Programa de Doctorado en Educación

**A Contribuição científica dos Tremembé, através da Educação Intercultural
e Diferenciada com base nos Saberes Tradicionais**

**DIRECTORES: Dr. Juan Alfredo Jiménez Eguizábal y Dra. Maria
Dolores Fernández Malanda**

Daniel Valério Martins

**Universidad de Burgos – España
2019**



UNIVERSIDADE DE BURGOS
Programa de Doutorado em Educação

**A Contribuição científica dos Tremembé, através da Educação Intercultural
e Diferenciada com base nos Saberes Tradicionais**

DIRETORES: Dr. Juan Alfredo Jiménez Eguizábal

Dra. Maria Dolores Fernández Malanda

Daniel Valério Martins

Universidade de Burgos – Espanha

2019



UNIVERSIDAD DE BURGOS

DEPARTAMENTO DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

INFORME DEL DIRECTOR DE LA TESIS.

(Art. 16.1 del Reglamento de Doctorado de la Universidad de Burgos. BOCYL 18/03/2014)

D. Alfredo Jiménez Eguizábal, Catedrático de Universidad, y **Dña. Maria Dolores Fernández Malanda**, Contratada Doctora, adscritos al Departamento de Ciencias de la Educación de la Universidad de Burgos

HACE CONSTAR:

Que el trabajo de investigación titulado **A Contribuição científica dos Tremembé, através da Educação Intercultural e Diferenciada com base nos Saberes Tradicionais**, que presenta el doctorando **D. Daniel Valerio Martíns**, para la colación del Grado de Doctor por la Universidad de Burgos, ha sido realizado bajo su dirección y que hallándose finalizado y cumpliendo con los requisitos formales y el rigor científico exigidos, autoriza su depósito, dado que reúne las condiciones necesarias para su presentación y defensa ante el Tribunal correspondiente que ha de juzgarlo en la Universidad de Burgos.

Para que así conste y surta los oportunos efectos, firmamos en Burgos, a

DIRECTOR DE TESIS

Fdo.: Alfredo Jiménez Eguizábal Maria Dolores Fernández Malanda

Epígrafe

“Não há um trabalhador do ensino, no Brasil ou em qualquer sociedade, como algo abstrato, universal. O trabalhador do ensino, enquanto tal, é um político, independentemente de se é, ou não, consciente disto. Daí que me pareça fundamental que todo trabalhador do ensino, todo educador ou educadora, tao rapidamente quanto possível, assuma a natureza política de sua prática [...]. Situando-se entre os educadores e as educadores progressistas do Brasil, hoje, diria que nos assumir assim significa, por exemplo, trabalhar lucidamente em favor da escola pública, em favor das melhorias de seus padrões de ensino, em defesa da dignidade dos docentes, de sua formação permanente. Significa lutar pela educação popular, pela participação crescente das classes populares nos conselhos de comunidade, de bairro, de escola. Significa incentivar a mobilização e a organização não apenas de sua própria categoria, mas dos trabalhadores em geral como condição fundamental da luta democrática com vistas à transformação necessária e urgente da sociedade brasileira” (FREIRE, 2000,p.50).

Dedicatória

Dedico esse trabalho às Bodas de Ouro de meus pais, exemplo de pais, família, companheirismo e amizade. À vocês dedico minha sincera admiração.

Agradecimentos

Sigo agradecendo aos 7 anjos a mim enviados, que me permitiram fechar mais esse ciclo, em uma caminhada árdua, porém necessária para o engrandecimento da alma.

Agradeço aos meus pais, por entenderem a minha ausência e afastamento durante anos, mas que em todo esse período, eles sempre estiveram em meus pensamentos.

Agradeço aos diretores Alfredo Jiménez e Dolores Fernández, pelas orientações, apoio, palavras de conforto e ânimo para seguir sempre em frente.

Agradeço aos amigos que diretamente me ajudaram e apoiaram nessa pesquisa e em sua conclusão, entre eles faço um agradecimento especial: ao Benício Pitaguary, que sem suas mediações interculturais teria se tornado bem mais difícil a conclusão do trabalho; ao amigo Huan Ferraz, pelo apoio nas transcrições das entrevistas; à Racquel Valério e Rute leite, pela correção de estilo e idioma do texto; à Veirislene Lavor pelo apoio ao trabalho de campo; aos meus amigos Luiz Corchete e Carlos Eduardo por todo o apoio e palavras diárias de ânimo nos momentos de fraqueza; à todos os companheiros do mestrado de Antropologia de Iberoamérica e em seus nomes o Diretor Àngel Espina; à Josemar Júnior, um grande companheiro de luta, se tornando um pilar na base de construção desse trabalho e um agradecimento mais que especial à toda comunidade indígena Tremembé, por todos os ensinamentos a mim proporcionados.

Folha de Assinaturas

DIRETORES :

Juan Alfredo Jiménez Eguizábal

Maria Dolores Fernández Malanda

Membros da Banca:

Presidente

Secretário

Vocal

Burgos a ___ de setembro de 2019

LISTA DE ABREVIATURAS

AC – Análise de Conteúdo

AD – Análise de Discurso

CCR-PGR – Câmara de Coordenação e Revisão da Procuradoria Geral da República

FUNAI – Fundação Nacional de Assistência ao Índio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LII-PITAKAJÁ – Licenciatura Intercultural Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé

MISI-PITAKAJÁ – Magistério Intercultural Superior Indígena Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé

MITS – Magistério Indígena Tremembé Superior

PUC- GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFC – Universidade Federal do Ceará

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UIIM – Universidad Intercultural Indígena de Michoacán

UNED – Universidad Nacional de Educación à Distância

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNIBOL – Universidade Indígena da Bolívia

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Blocos de Temas	77
Gráfico 2 – Por que escolheu esse tema?	120
Gráfico 3 – Motivos	121
Gráfico 4 – Relação do tema com problemas na comunidade	122
Gráfico 5 – Problemas mencionados	123
Gráfico 6 – Perspectiva em relação ao livro	124
Gráfico 7 – Olvro gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?.....	125
Gráfico 8 – Possíveis impactos gerados.....	126
Gráfico 9 – Sensação em transcrever a oralidade indígena	127
Gráfico 10 – Ossaberes tradicionais podem contribuir com a ciência?.....	128
Gráfico 11 – Como os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência?..	129
Gráfico 12 – Interesse em continuar os estudos?.....	130
Gráfico 13 – Pretensão de curso / dificuldades	131
Gráfico 14 – Já começou a utilizar sua publicação em sala de aula?.....	132
Gráfico 15 – Melhorias com a utilização do material didático produzido pelos indígenas.	133
Gráfico 16 – Qual a interação dos alunos com esse material didático?.....	134
Gráfico 17 – Pensa e escrever novos materiais?	135
Gráfico 18 – Esse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?.....	136
Gráfico 19 – O material te trouxe mais segurança no processo de ensino?.....	137
Gráfico 20 – Contribuições do material para melhorias na escola.....	138
Gráfico 21 – Visãodos anciões sobre a publicação dos saberes tradicionais...	139

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

FIGURA 1 – TRIANGULAÇÃO CONCEITUAL.....	74
FIGURA 2 – TABELA DE TEMAS ABORDADOS NOS LIVROS	76
FIGURA 3 – ESTRUTURA DO TORÉM.....	80

ÍNDICE

RESUMO	13
RESUMEN	14
ABSTRACT	15
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – ESTRUTURA DA PESQUISA	23
1.1 JUSTIFICATIVA.....	23
1.1.1 DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	23
1.1.2 DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NO EXTERIOR	26
1.1.3 QUANTO À ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO DE REALIZAÇÃO DO CURSO	28
1.2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	29
1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA	32
1.3.1 OBJETIVO GERAL	32
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	32
1.4 HIPÓTESES	33
1.5 METODOLOGIA	34
1.5.1 DAS FONTES DE PESQUISA	34
1.5.2 TRIANGULAÇÃO CONCEITUAL DA PESQUISA.....	41
1.5.3 DOS PRINCIPAIS CONCEITOS ABORDADOS	44
1.6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	49
1.7 BIBLIOGRAFIA OBJETO DE ESTUDO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS.....	53
CAPÍTULO II – HISTÓRIA, LUTAS E RESGATE CULTURAL TREMEMBÉ	55
2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA TREMEMBÉ	55
2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA E MARCO LEGAL.....	57
2.2.1 MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO	68
2.2.2 MITS- MAGISTÉRIO INDÍGENA TREMEMBÉ SUPERIOR.....	69
2.3 SABERES TREMEMBÉ DO CÉU, DA TERRA E DO MAR.....	71
2.4 A SOBRECULTURALIDADE E SUAS FASES NO CASO TREMEMBÉ	71
2.5 O TORÉM E A COSMOVISÃO TREMEMBÉ	78
2.6 OS SABERES ANCESTRAIS/ TRONCOS VELHOS TREMEMBÉ	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS.....	84

CAPÍTULO III A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DOS TREMEMBÉ, ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DIFERENCIADA COM BASE NOS SABERES TRADICIONAIS.....	85
3.1 PRÉ-ANÁLISE E DIVISÃO EM BLOCOS DE CHAMADAS DE ATENÇÃO	85
3.2 BLOCO 1 - TERRAS E TERRITÓRIOS.....	87
3.2.1 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	87
3.2.2 – ANÁLISE DE DISCURSO	89
3.3 BLOCO 2 – MEIOS DE SUBSISTÊNCIA / PESCA	92
3.3.1 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	92
3.3.2 – ANÁLISE DE DISCURSO	94
3.4 BLOCO 3 – EDUCAÇÃO / EDUCAÇÃO DIFERENCIADA.....	98
3.4.1 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	99
3.4.2 – ANÁLISE DE DISCURSO	101
3.5 BLOCO 4 – HISTÓRIA / RESGATE HISTÓRICO	104
3.5.1 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	105
3.5.2 – ANÁLISE DE DISCURSO	107
3.6 BLOCO 5 – MEDICINA/ CULTURA/ MITOS E LENDAS.....	109
3.6.1 – ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	109
3.6.2 – ANÁLISE DE DISCURSO	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS.....	117
CAPÍTULO IV – ETNOGRAFIA.....	118
4.1 TRABALHO DE CAMPO	118
4.2 APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	119
4.3 TRANSCRIÇÕES.....	140
4.4 CADERNO DE FOTOGRAFIAS	178
CAPÍTULO V – RESULTADOS DA PESQUISA.....	186
5.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	186
5.2 RESPOSTAS ÀS HIPÓTESES.....	193
5.3 CONCLUSÕES.....	196
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	206
ANEXOS.....	214

A Contribuição Científica dos Tremembé, através da Educação Intercultural e Diferenciada com Base nos Saberes Tradicionais

Resumo

No presente trabalho pesquisamos a cultura da etnia indígena Tremembé localizada na região litorânea do nordeste Brasileiro no município de Almofala-Ceará, dando ênfase na educação diferenciada, pois, consiste em ser uma ferramenta utilizada na busca pelo desenvolvimento local, com a formação de professores qualificados, responsáveis por propagar o ativismo indígena na conscientização do alunado.

Portanto, a ideia central é analisar os estudos realizados na produção dos trabalhos de conclusão de curso do Programa de Magistério Indígena Tremembé Superior, Magistério Pé no Chão, realizado em parceria com a Universidade Federal do Ceará que culminou na publicação de 19 livros e um DVD, de autoria indígena com o propósito de desenvolver internamente a própria comunidade.

Em posse desse material, utilizamos uma metodologia voltada para o paradigma indiciário para em seguida realizar as análises de conteúdo e discurso, bem como a utilização do conceito de Sobreculturalidade, resultado de pesquisas anteriores, e suas fases de execução como processo de sobrevivência e manutenção da cultura indígena.

Palavras-chave: Sobreculturalidade; interculturalidade; educação; desenvolvimento e saberes tradicionais.

La Contribución Científica de los Tremembé, através de la Educación Intercultural y diferenciada con base en los saberes tradicionales

Resumen

En el presente trabajo se investiga la cultura de la etnia indígena Tremembé ubicada en la región costera del nordeste brasileño en el municipio de Almofala - Ceará, haciendo hincapié en la educación diferenciada, que es una herramienta utilizada en la búsqueda del desarrollo local, a través de la formación de profesores cualificados, responsables de difundir el activismo indígena para fomentar la concienciación del alumnado.

Por lo tanto, la idea central es analizar los estudios realizados en la producción de los trabajos de fin de grado del *Programa de Magisterio Indígena Tremembé Superior – Magistério Pé no Chão*, llevado a cabo en colaboración con la Universidad Federal de Ceará, lo que culminó con la publicación de 19 libros y un DVD, de autoría indígena, cuyo propósito fue promover el desarrollo interno de la propia comunidad.

En posesión de este material, hemos utilizado una metodología basada en el Paradigma Indiciario, para desarrollar a continuación el análisis de contenido y discurso, así como la aplicación del concepto de Sobreculturalidad y sus fases de ejecución como proceso de supervivencia y conservación de la cultura indígena, resultado de investigaciones anteriores,.

Palabras – clave: Sobreculturalidad; interculturalidad; educación; desarrollo y saberes tradicionales.

The Scientific Contribution of the Tremembes, through Intercultural Education and differentiated based on traditional knowledge.

Abstract

The present work research the culture of the indigenous Tremembé ethnic group located in the coastal region of the Brazilian Northeast in the municipality of Almofala - Ceará, emphasizing the differentiated education, since it is a tool used in the search for local development, with the training of qualified teachers, responsible for disseminating indigenous activism in the awareness of students.

Therefore, the main idea is to analyze the studies carried out in the production of the end-of-grade works of the Tremembé Indigenous Intercultural Licentiate Program, - *MagistérioPé no Chão*, in partnership with the Federal University of Ceará, which culminated in the publication of 19 books and a DVD, of indigenous authorship with the purpose of developing internally the own community.

In possession of this material, we have used a methodology focused on content analysis and discourse analysis, as well as the use of the concept of Sobreculturalidade, the result of previous research, and its execution phases as a process of survival and maintenance of culture indigenous.

Keywords: Overculturality; interculturality; education; development and traditional knowledge.

INTRODUÇÃO

No presente estudo, são expostos os pontos centrais da pesquisa desenvolvida no programa de Doutorado em Educação da Universidade de Burgos. Objetivando seu pleno desenvolvimento, partimos da consideração do objeto de estudo, a saber: A Contribuição Científica dos Tremembé, através da Educação Intercultural e Diferenciada com base nos Saberes Tradicionais.

Com a presente pesquisa, se investiga a cultura da etnia indígena Tremembé localizada na região Litorânea do nordeste brasileiro, no município de Almofala no estado do Ceará fazendo uma análise da produção científica, com a publicação acadêmica de 19 livros e um DVD, pela Universidade Federal do Ceará, sendo os mesmos, frutos dos TCCs - Trabalhos de Conclusão de Curso, dos alunos indígenas do projeto de Licenciatura Intercultural Indígena Tremembé (formação de professores) ressaltando elementos como a história, a territorialidade, a religiosidade, a situação econômica, a formação identitária e, em especial, a garantia dos direitos específicos dos indígenas, dentre os quais põe-se em relevo o da educação diferenciada.

De acordo com a autora, Juliana Monteiro Gondim *in* Palitot (2009), na segunda edição do livro *Na mata do Sabiá*, os Indígenas Tremembé de Almofala estão entre as primeiras populações do Ceará a organizar-se pelo reconhecimento oficial da identidade étnica perante o Estado e a sociedade em seu entorno. Seguindo ainda nas palavras da autora, tal reconhecimento garante-lhes o direito a terra tradicionalmente por eles ocupada, além de saúde e educação diferenciadas.

Partindo do conceito de sobreculturalidade¹, de Martins(2016), nesse caso em específico, fundamental para a compreensão do papel da Educação Diferenciada intercultural Indígena trabalhada no Brasil, observa-se, em uma primeira perspectiva, o modelo educacional tradicional não indígena como

¹A Sobreculturalidade se refere ao processo de contato cultural, partindo do pressuposto do contato inevitável, fazendo com que o indivíduo ou comunidade passe por suas fases no intuito de manter viva sua cultura. Conceito elaborado pelo autor dessa tese em pesquisas anteriores.

instrumento impositivo de externalidades, havendo um desrespeito as intraculturais dos elementos envolvidos. Afinal, neste modelo educacional, objetiva-se, de um modo geral, uma homogeneização cultural de grupos indígenas, frente aos conhecimentos não indígenas. Situação semelhante a pregada por Aparício; Tilley & Orozco (2015), em seus estudos sobre a situação indígena dos Mapuche no Chile, onde o estado não optou por elaborar um sistema educativo que levasse em conta a diversidade cultural existente.

Assim, a criação da Escola Diferenciada Indígena seria, exatamente, para atender as necessidades dos distintos grupos étnicos culturais, que antes desconsiderava muitas vezes suas particularidades, dado a falta de profissionais (professores) indígenas qualificados, razão pela qual se justificou a criação de Cursos de Licenciaturas Interculturais no Nordeste brasileiro.

Ocorre que, a exemplo do Nordeste brasileiro, era comum, entre os indígenas, o sentimento de estigma devido à educação imposta em sua totalidade. Este modelo de educação, que era promovido pela FUNAI (Fundação Nacional de Assistência ao Índio), se dava de acordo com uma perspectiva de integração², das diferentes comunidades indígenas com a sociedade como um todo, compreendendo que a mesma consistia em sinônimo de progresso e desenvolvimento das comunidades, o que terminava por desconsiderar as particularidades existentes em cada uma³.

Com esse modelo, o que se pode observar em realidade, é a inevitável conversão dos indígenas em indivíduos “aculturados”, uma vez que o convívio com diferentes culturas resultaria em um intercâmbio cultural e conseqüentemente a perda de parte de sua cultura. Trata-se, aqui, da compreensão do termo “multicultural” como um referencial na busca de atender a várias culturas, ainda que existam diferenças entre elas.

²Compreendendo por “integração” como uma sugestão de algo puro, homogêneo ou completo, que tinha por base a invisibilização dos povos indígenas em meio ao corpo da sociedade nacional. Tema abordado por Tito Barros Leal em sua obra *Imanência indígena*. Cf. LEAL, Tito Barros. *Imanência indígena*. Fortaleza: Secretaria da Cultura, 2011.

³ Como se lê, no Estatuto do Índio (Lei nº 6001, de 19 de Dezembro de 1973), “Cabe ao Estado preservar a cultura do índio que vivia em perigo de extinção”. “Para afastar essa ameaça seria necessário integrá-los, progressiva e passivamente, à comunhão nacional”.

Diante de tais argumentos, se entende que os indícios teórico-práticos apontam que o campo da educação popular/indígena se torna plural, complexo e intercultural, uma vez que tem procurado repensar a si mesma a partir de novos horizontes, inclusive com ferramentas não indígenas, o que nos mostra sua capacidade de crescente diálogo com uma amplitude de sujeitos e formas de produção de conhecimentos e retroalimentação da educação, recriando práticas e trabalhando na construção partilhada de produção de conhecimentos, identificando não somente os problemas, mas, alternativas de mudanças.

Assim, o que observamos com o contato, seria a conjunção de dois modos de transmissão cultural, ou seja, utilizariam elementos da Endoculturação⁴ e ao mesmo tempo da Difusão⁵, da mesma maneira que iriam absorver culturas passadas de geração em geração dos mais velhos aos mais jovens, também iriam absorver culturas de sociedades distintas à indígena, nesse caso, com a tentativa de fortalecer a comunidade, vemos aqui, os livros de produção indígena, pois esses elementos observados acabaram de sair da oralidade para a escrita, na produção científica, e que estarão no repositório e bibliotecas de universidades não somente cearenses, mas de todo o Brasil e quiçá de outros países.

Para Brennan e Guedes (2003), a educação tem como função primordial a tradição, de transmitir, de entregar à nova geração os elementos que constituem uma cultura, o modo de pensar, de sentir e de agir de um grupo humano. Portanto, a educação tende independentemente da metodologia ou do projeto pedagógico, à conservação de uma cultura.

⁴Segundo o autor Marvin Harris em seu manual de antropologia cultural, o termo endoculturação significa a tradição de passar ensinamentos entre os membros mais velhos aos mais jovens em uma determinada sociedade.

⁵ A Difusão seguindo também o conceito de Marvin Harris significa a aquisição de culturas através do contato com sociedades distintas.

O resultado disto não é uma homogeneização, típica do período colonial brasileiro⁶, mas uma absorção dos elementos que podem contribuir, no âmbito particular e/ou coletivo, para cada cultura e diversidade em contato por meio da educação.

Como processo resultante do fenômeno multicultural, tem-se a *interculturalidade* que, conforme Ángel B. Barrio Espina, responsável pela implementação e aperfeiçoamento desse conceito no contexto acadêmico espanhol, nos diz que corresponde a um espaço compartilhado de diálogo e de comunicação que não põe a supremacia de umas culturas sobre outras ou uma concorrência de muitas culturas vivendo próximas, mas isoladas em espécies de guetos subculturais. E, nesta tarefa de conformar os futuros cidadãos do mundo – conhecedores e orgulhosos de suas diversas tradições, mas não obcecados na defesa fundamentalista de ideais nacionalistas, étnicos, religiosos e desejosos de aprender, “dos outros”, estilos, estéticas, comidas, filosofias e experiências – os antropólogos, felizmente, não estamos sós; trabalhamos com historiadores, jornalistas, tradutores, pedagogos, filósofos⁷. (ESPINA, 2006)

À medida que ocorre a busca por um desenvolvimento sustentável interno pessoal ou comunitário, decorrente da aquisição de novas culturas por meio do contato, educação e da interação⁸, verifica-se o que Jesús M. Aparício Gervás

⁶ Como afirma Leal, na obra *Imanência Indígena*, “No final do século XVIII, por volta de 1780, após a expulsão dos jesuítas das terras portuguesas, a mudança e laicização do controle dos índios, novos métodos integracionistas foram utilizados para posteriormente culminarem na absorção do indígena consoante a lógica de vivência do homem branco e a pretendida homogeneização das diferentes etnias presentes nas terras da Capitania do Ceará” (LEAL, Tito Barros. *Imanência indígena*. p.12).

⁷ ESPINA, Ángel B. *Culturas locales iberoamericanas, comunicación e interculturalidade*. In. Conocimiento local, comunicación e interculturalidad. Ángel B. Espina (ed.). Recife: Massangana, 2006. p.14. “globalización, ni de multiculturalidad, para dejar claro que propugnamos un espacio compartido de diálogo y de comunicación que no entrañe la supremacía de unas culturas sobre otras o una concurrencia de muchas culturas viviendo próximas pero aisladas en especies de guetos sub culturales. Y en esta tarea de conformar los futuros ciudadanos del Mundo – conocedores y orgullosos de sus diversas tradiciones, pero no obcecados en la defensa fundamentalista de ideales nacionalistas, étnicos o religiosos, y deseosos de aprender, de “los otros”, estilos, estéticas, comidas, filosofías y experiencias – los antropólogos felizmente no estamos solos; trabajamos con historiadores, periodistas, traductores, pedagogos, filósofos...”

⁸ A interação aqui passa a ser entendida como uma ação dominada pelo espírito crítico que implica em escutar e ser escutado, resultando o enriquecimento mutuo com o diálogo bidirecional entre as culturas, com a ideia de que toda cultura, sociedade ou indivíduo tem algo positivo a ser somado. Cf. GARCÍA, Verónica Tejerina. *Diversidad Cultural, educación intercultural y currículo*. Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en América Latina. Madrid: Pirámide, 2011. p 73-74.

conceitua de “*intraculturalidad*”, baseando-se principalmente nos seus pilares de autoconhecimento e autoaceitação.

Diante do exposto, a ideia que motivou o presente estudo se vincula, de início, a partir do paradigma indiciário, realizara análise de conteúdo e de discursivos 19 livros e um DVD, frutos das pesquisas de alunos indígenas do projeto de Magistério Indígena Tremembé Superior, levando em consideração o processo cultural de contato, da *intraculturalidad* rumo a sobreculturalidade.

Tais métodos se configurariam como um estímulo ao alunado a seguir rumo ao ensino superior (em nível de pós-graduação). Afinal, compreende-se que a educação diferenciada consiste em uma ferramenta fundamental a ser utilizada para o desenvolvimento local e para formação de professores qualificados, responsáveis por propagar o ativismo indígena na conscientização do alunado.

A partir deste ponto, tenta-se refletir sobre como essa produção científica com base nos saberes tradicionais utilizando como ferramenta de execução a educação diferenciada, objetiva a formação de profissionais que possam desenvolver internamente a própria comunidade servindo de empoderamento e visibilidade da comunidade Tremembé com seu aporte cultural e pioneirismo no processo de educação superior indígena no nordeste brasileiro, para comunidades indígenas de todo o Brasil.

Ademais, por se constatar que ainda existem, no âmbito acadêmico brasileiro, diversas lacunas no que se refere aos estudos acerca da educação diferenciada indígena, que discutam os conceitos anteriormente citados, pretende-se, com esta pesquisa, somar elementos que possam contribuir para uma melhor reflexão sobre a forma como foram elaborados esses livros e como os mesmos podem ser utilizados na promoção desse modelo de educação.

Apresenta-se, deste modo, como uma pesquisa a ser realizada em um momento oportuno, tendo em vista as recentes discussões sobre o sistema de cotas que abrangem as comunidades indígenas, a discursão sobre as

demarcações de suas terras e territórios, bem como a incorporação do Ministério do Meio Ambiente ao Ministério da Agricultura no atual governo.

Trata-se, pois, de um trabalho de análise material e conceitual, à medida que tal projeto foi levado a cabo utilizando elementos de produção indígena e contrastando com os pensamentos de teóricos entre os quais se destacam pedagogos e antropólogos e ao mesmo tempo se projeta como um esforço a mais, favorável para o debate de questões tão fundamentais no contexto da educação sociocultural brasileira, se vertendo, assim, em um importante instrumento de reflexão sobre essa comunidade, empoderamento da mesma e exemplo para as demais comunidades indígenas brasileiras.

Portanto, essa tese foi dividida em cinco capítulos, que vamos apresentar sua divisão da seguinte forma:

No primeiro capítulo, iremos apresentar toda estrutura da investigação, desde a situação problema encontrada, nesse caso, os anseios dos autores indígenas quanto a produção de seu material e possível repercussão dos mesmos, como a delimitação do objeto de estudo, mostrado aqui o material escrito pelos indígenas com base nos seus conhecimentos tradicionais, bem como a hipóteses e objetivos planteados e traçados, como o método utilizado e toda metodologia planteada para o desenvolvimento da pesquisa e o cronograma levado em consideração.

No segundo capítulo, parte histórica da tese, iremos abordar ademais da história Tremembé, suas lutas, o resgate cultural e de suas memórias, como também a história da educação diferenciada Tremembé, abordando como os conceitos de intra, multi, inter e sobreculturalidade podem contribuir com esse modelo de educação, levando em consideração seus saberes tradicionais e sua cosmovisão.

No terceiro capítulo, denominado, “A Contribuição científica dos Tremembé, através da educação Intercultural e Diferenciada com base nos

Saberes Tradicionais”, iremos abordar nesse momento a partir de indícios com o aporte do Paradigma Indiciário, a posta em prática das metodologias de Análise de Conteúdo e Análise de Discurso de todo o material produzido. Para tanto, o material escolhido como objeto de estudo, foi dividido em cinco blocos temáticos, podendo ser apresentado da seguinte forma: Terras e Territórios; Meios de Subsistência/pesca; Educação e Educação Diferenciada; História e resgate histórico e Medicina, cultura, mitos e lendas. As análises aqui serão apresentadas por bloco.

No quarto capítulo será abordado todo o trabalho de campo realizado na comunidade Tremembé, pois nesse caso, mesmo partindo de uma análise teórica, do material produzido pelos alunos em seus trabalhos de fim de curso, foi necessário o desenvolvimento de uma etnografia com o intuito de observar os anseios, perspectivas, sentimentos de empoderamento e até mesmo ideia de difusão e visibilidade da cultura Tremembé pelos autores sobre o material trabalhado. Para tanto, partimos aqui de entrevistas semiestruturadas e nesse mesmocapítulo apresentaremos as transcrições dessas entrevistas, bem como um caderno de fotografias.

No quinto e último capítulo, serão apresentados os resultados bem como as conclusões em resposta a cada objetivo proposto, os aportes para a comunidade Tremembé e nossas considerações finais.

CAPÍTULO I

ESTRUTURA DA PESQUISA

Nesse capítulo será abordada a estrutura do trabalho de pesquisa, ressaltando a justificativa da mesma, o objeto de estudo e sua delimitação, além de todo o procedimento metodológico empregado bem como o método de pesquisa, as hipóteses planteadas, o objetivo geral e os respectivos objetivos específicos, as categorias de análise empregadas e o método de análise de conteúdo e discursotrabalhados.

1.1 JUSTIFICATIVA

1.1.1 Do desenvolvimento da pesquisa

A presente pesquisa consiste, fundamentalmente, em aportar conhecimentos científicos, culturais e pedagógicos por meio de estudos realizados pelos próprios indígenas na comunidade indígena Tremembé do Estado do Ceará. Ela se apresenta como uma significativa colaboração para futuros estudos sobre indígenas no Brasil.

Afinal, tal comunidade desenvolveu um programa de estudos a nível superior, na formação de magistério indígena, que vem a contribuir na perspectiva de um processo educacional diferenciado que atendendo às particularidades daqueles a quem está voltado, estimula a consolidação do ativismo indígena.

O estudo dessa comunidade e de seus aportes científicos com suas publicações vem a servir como pilares para uma promoção do processo de desenvolvimento de diversas outras comunidades indígenas no Brasil, além de aportar novos conhecimentos para a Universidade de Burgos sobre as comunidades indígenas da América Latina.

Para tanto, nada mais viável que a busca por realizar essa análise dos trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal do Ceará com a comunidade Tremembé, pois ambas vem tornando evidentes os benefícios da utilização de modelos de educação baseados em uma economia sustentável e ligada aos conhecimentos tradicionais.

Por esta via, destacam-se as vantagens que se obtém com uma pesquisa sobre o material de produção científica dos Tremembé com base nos seus saberes tradicionais. Afinal, elas correspondem, exatamente, à observação de como ocorre o procedimento educacional baseado na interculturalidade, possibilitando vislumbrar os pontos positivos do mesmo como reflexo, gerando, não somente, o desenvolvimento da comunidade, mas também o contentamento de seus membros, a diminuição dos conflitos e a manutenção e sobrevivência de sua cultura fortalecida como pregado no processo de sobre culturalidade.

Nesse sentido, vemos a educação popular no seu viés indígena vinculada à visão da educação como ato político, que para Freire (1999), mostra esse elemento como central e inspirador, ou seja, aborda a preocupação em politizar a educação, abordando questões políticas na pedagogia, recriando práticas educativas de acordo com o cotidiano, ganhando espaço os interesses e valores da vida e de seus praticantes com o objetivo de construir um projeto de educação humanista, intercultural e solidário.

Considera-se, portanto, que a presente pesquisa vem a contribuir para a promoção da Educação Diferenciada, compreendida como uma importante ferramenta que as comunidades indígenas possuem em concreto, para, a partir dos conhecimentos adquiridos com ela com base nos saberes tradicionais, vislumbrar e buscar os benefícios em prol da coletividade, tais como seus direitos políticos e socioculturais.

Isto porque os cursos superiores diferenciados têm a finalidade de colaborar para o desenvolvimento interno e sustentável das comunidades

indígenas, fazendo ver a importância da seguinte triangulação: Saberes tradicionais - Educação Intercultural - Contribuição científica.

A princípio a comunidade Tremembé parte do objeto de estudo dessa investigação juntamente com sua contribuição científica por meio da publicação de livros que divulgam a todos sua cultura, serviu de base e exemplo às comunidades que participaram do projeto LII-PITAKAJÁ, que concluíram também, seu programa de licenciatura.

De imediato, todas essas comunidades indígenas do nordeste brasileiro, serão de certo modo, beneficiadas com o estudo desenvolvido nessa Tese, e para as quais se volta a atenção devido à carência de estudos sobre elas e situação de urgência que se encontram tais comunidades. Isso, levando em consideração os dados, referentes às mesmas, divulgados pela FUNAI, pelo censo do IBGE (de 2000 a 2010) e pelos estudos de João Paulo Vieira, Alexandre Gomes e Juliana Muniz, sobre os povos indígenas do Ceará em 2007, quando nos diz que o crescimento da população indígena do Nordeste foi de 4,7% ao ano nesse período e no Ceará, entre esses 4,7%, o crescimento foi ainda mais significativo, sendo de 6,2% ao ano.

Além do exposto até aqui, ressalta-se, ainda, que a presente pesquisa parte de uma análise não vislumbrada até o momento e que não existem estudos no Brasil a respeito dos conceitos de intraculturalidade e sobreculturalidade, mesmo que sejam vistos trabalhos voltados para a temática intercultural e multicultural.

Constatar isso nos faz perceber o quanto podemos contribuir com o sistema de educação indígena, onde os mesmos sentem como uma espécie de necessidade de superar uma debilidade teórica e buscam meios para a aplicação conceitual para que este quadro seja invertido, ou seja, utilizar conceitos de criação não indígena, mas com a ideia central de manter suas culturas, que muitas vezes foram sufocadas por imposição e não postas em interação.

1.1.2 Do desenvolvimento da pesquisa no exterior

Hoje, no Brasil, é possível constatar que não foi desenvolvido, até o presente momento, nenhum trabalho voltado para as temáticas da *Intraculturalidade* e sobreculturalidade, sendo esse último um conceito formulado em uma tese doutoral defendida pelo autor dessa pesquisa na Universidade de Salamanca, dirigida pelos doutores Jesús M. Aparício Gervás, Professor das Universidades de Valladolid e Salamanca na Espanha e Ángel Baldomero Espina Barrio da Universidade de Salamanca e da UNED.

A ênfase dada aos referidos conceitos se dá, em especial, pelo fato de os mesmos ponderarem sobre a necessidade das comunidades indígenas de, com o inevitável contato com outras culturas, passarem por um processo de aculturação, mas não de esquecimento de suas raízes. Ao contrário, destaca o fenômeno do reconhecimento de si mesmo e do outro e como o contato intercultural pode vir a enriquecer a cultura interna, pessoal e coletiva de cada comunidade passando por uma fase de adaptação e conseqüentemente de transformação.

Por isso, com a realização desta pesquisa, a aplicação dos conceitos, que estão sendo trabalhados nas universidades anteriormente citadas, poderão ser discutidas no Brasil, de modo a contribuir com o desenvolvimento interno das comunidades indígenas e nesse caso em específico, desenvolvida em um caso prático: A contribuição científica, por meio da educação baseada nos conhecimentos e saberes tradicionais do povo Tremembé.

Ocorre que, ainda que se constate a presença de bons pesquisadores sobre a Antropologia da Educação no Brasil, a ausência de pesquisas sobre os conceitos citados anteriormente, refletem uma escassez de material sobre o tema, tão significativa para a compreensão do fenômeno antropológico e cultural observado nas diferentes comunidades indígenas, não só brasileiras, mas de toda América Latina.

Tendo em vista o que foi dito, o conceito da *intraculturalidade*, que vem sendo trabalhado na Espanha desde o ano de 2002 e implantado nas Universidades Indígenas de Bolívia (UNIBOL), vem auxiliando na elaboração de um currículo acadêmico diferenciado que atende às necessidades e exigências específicas dos povos indígenas.

Outro fator que merece ser destacado, para a efetivação desta pesquisa na Espanha, é a parceria que vem acontecendo entre algumas universidades do Brasil e Universidades Espanholas. Recente parceria com a Universidade Federal do Ceará criou um curso de Mestrado em Antropologia que irá fortalecer essas linhas de pesquisa e contribuir para a promoção de cursos de graduação e pós-graduação indígenas.

Fica, portanto, evidente que o pleno desenvolvimento do objeto central desta pesquisa será de suma importância para a reflexão sobre a educação diferenciada indígena do Brasil.

Irà colaborar, antes de tudo, para uma melhor análise e compreensão de como se dá a passagem e processo da oralidade para a escrita dos saberes tradicionais indígenas atualmente, e o impacto que o mesmo pode gerar na comunidade Tremembé. Para tanto, nada mais recomendável que vislumbrar as teorias que vem surgindo sobre o assunto no lugar onde estão sendo criadas, (Brasil na prática e Espanha na teoria).

A oralidade indígena relaciona-se com seus repasses de conhecimentos e diz respeito à forma oral que esses repasses acontecem, torna-se importante para preservação e manutenção da cultura (Wittmann, 2015).

Assim, entendemos que a articulação entre os saberes pode favorecer a ampliação de se fazer educação, com a produção de novos conhecimentos. Nesse ponto visualizamos os pontos de convergência entre a educação e a antropologia, pois com essa união de pensamentos e esforços, se possibilita a capacidade de conferir visibilidade e credibilidade aos saberes e práticas

silenciados e assim, vislumbrar esse tipo de educação como ato político (Freire, 1999).

1.1.3 Quanto à escolha da instituição de realização do curso

A decisão de realizar a pesquisa na Universidade de Burgos (UBU), na Espanha, se deveu à reunião de diversos fatores, dentre os quais se destaca a presença de investigadores voltados para a discussão de questões que envolvem os mais diversos âmbitos sobre a América Latina. Dentre eles, ressalta-se a Professora Maria Dolores Fernández Malanda, muito ativa na questão da cooperação educativa com a participação em projetos de cooperação internacional em vários países da América Latina, se tornando uma conhecedora da temática proposta.

Outro fator importante para o desenvolvimento do presente estudo na Espanha é o fato de que, atualmente, são encontradas várias pesquisas sobre os conceitos de interculturalidade, *intraculturalidad* e *sobreculturalidad*, desenvolvidos por Ángel B. Bário Espina e Jesús M. Aparício Gervás, somado aos conhecimentos sobre educação do Professor Alfredo Jiménez Eguizábal da Universidade de Burgos. Todos realizadores de vários trabalhos voltados para América Latina, seja no contexto da Antropologia ou da Educação nos enfoques da interculturalidade e multiculturalidade, dentre os quais se cita a obra *Conocimiento local, comunicación e interculturalidad*, dirigido por Ángel Espina e publicado no Brasil pela Fundação Joaquim Nabuco.

Produzir, pois, um trabalho numa Universidade cujo são frequentes os debates acerca dos conceitos abordados nesta pesquisa é, antes de qualquer coisa, reunir materiais e conhecimentos fundamentais para, num futuro breve, levá-los ao Brasil. Afinal, o principal interesse que se visa é, justamente, através do material colhido, ou seja, dos 20 TCCs produzidos pelos alunos indígenas Tremembé, e a oportunidade de entrar em contato com Centros que já implementaram, na prática, os conceitos teóricos abordados, analisar a

contribuição e aportes dos mesmos ao contexto educacional indígena diferenciado brasileiro.

Desse modo, realizar um estudo em proximidades a estudiosos como Juan Alfredo Jiménez Eguizábal e Maria Dolores Fernández Malanda com consolidadas pesquisas e produção bibliográfica, além de longa experiência na tutoria de trabalhos no assunto, e em um ambiente que possibilita condições materiais favoráveis, tornará os resultados, objetivados neste processo de pesquisa, mais precisos à medida que também poderá proporcionar eventuais intercâmbios entre pesquisadores das universidades brasileiras e espanholas.⁹

1.2 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

Os povos indígenas da região cearense, ao longo dos anos e da luta por suas identidades, terras, territórios e reconhecimento social, buscam, na Educação, o meio alternativo para conseguir manter e propagar sua cultura. Cultura esta que vem sendo sufocada pelo padrão de sociedade que lhe rodeia.

O processo educacional diferenciado, nestas comunidades indígenas, se torna indispensável, uma vez que se trata de pequenas comunidades, com poucos habitantes e não suficientemente desenvolvidas para manter a todos com seus recursos naturais e escassas oportunidades de emprego. (MARTINS,2016)

⁹Juntamente com essa Tese na Universidad de Burgos, venho, como colaborador, exercendo a função de coordenador do Mestrado de Antropologia de Ibero América da Universidade de Salamanca, atividade esta que se constituiu como resposta ao desempenho, observado pelos orientadores e professores do programa de Mestrado em Antropologia, durante o período de elaboração da dissertação que, após defendida, foi avaliada com um conceito 10 (dez) e com título de honor. Com a participação nos referidos institutos e com o desenvolvimento de diversos trabalhos, dentre os quais, o de Vice-Presidente da *Asociación de Alumnos Brasileños de la Universidad de Salamanca- ABS*, tendo, como objetivo central, promover articulações e intercâmbios entre universidades espanholas e brasileiras. Como exemplos, podem ser citados os diálogos, visando futuros acordos, entre os programas de Antropologia e Educação das Universidades de Salamanca, Valladolid e Burgos com a Universidade Estadual do Vale do Acaraú, a Universidade Estadual do Ceará, a Universidade Federal da Grande Dourados – Mato Grosso do Sul, na qual sou membro do Grupo Iberoamericano para a Pesquisa e Difusão da Antropología Sócio-cultural e atualmente professor visitante da Universidade Federal da Paraíba.

Desse modo, delimita-se o objeto desta pesquisa na produção científica dos 19 livros e um DVD, publicados pela Universidade Federal do Ceará tendo como autores os alunos indígenas Tremembé do projeto de Licenciatura Intercultural Indígena, MITS- Magistério Indígena Tremembé Superior.

Afinal, diante do que foi exposto, busca-se verificar e analisar os resultados de sua produção bem como seus impactos e contribuições na teorização da educação indígena antes somente obtidas por informações orais.

Por conseguinte, para que a pesquisa se cumpra com maior precisão, o primeiro ponto a ser considerado é a relevância de uma educação diferenciada que promova a interculturalidade nas comunidades indígenas. A pesquisa, então, se direciona a uma perspectiva voltada para o ensino superior; ou seja, a produção científica nos cursos superiores diferenciados com a finalidade de propagação, visibilidade e sobrevivência cultural, teorizando as memórias indígenas e contribuindo com a formação de profissionais indígenas que não seriam somente os da educação, como vem ocorrendo atualmente.

Trata-se de possibilitar e fomentar outras produções científicas, o desenvolvimento de novas licenciaturas que possam gerar outras profissões e que venham a desenvolver internamente a própria comunidade, baseando-se no conceito de *intraculturalidade*. (Aparício, 2011).

A abordagem que nos propomos desenvolver nessa pesquisa está vinculada em evidenciar ou negar a intencionalidade política e pedagógica da educação indígena a serviço do coletivo indígena, e seu poder de abertura na contemporaneidade, e dessa maneira vinculada e comprometida com as lutas pela democracia e emancipação, seja cultural, política, social e territorial, à medida que apresenta crítica a questão dialética entre modernidade e colonialidade.

Portanto, alguns questionamentos surgem no trajeto que nos conduz à compreensão da proposta de uma educação indígena diferenciada: 1. A

Educação Diferenciada indígena com base nos saberes tradicionais pode contribuir cientificamente e assegurar a manutenção das comunidades? 2. É possível afirmar que os livros produzidos por autoria indígena com base nos conhecimentos empíricos e tradicionais são também científicos e, portanto, contribuem para o desenvolvimento não somente das comunidades indígenas, mas da ciência de um modo geral? 3. Esses livros terão impactos positivos no ensino superior indígena, uma vez que tem como referência a comunidade Tremembé em que seus membros passaram todo o período de formação estudando em uma Escola Diferenciada, com um “currículo direcionado a vida”? 4. A publicação de um material com base nos conhecimentos tradicionais, costumes, história, lendas e seus segredos, pode se converter em uma arma contra a própria comunidade? 5. Esse material produzido está relacionado diretamente com as necessidades que enfrenta a comunidade Tremembé, servindo de espécie de chamada de atenção? 6. Quais os anseios e perspectivas dos autores indígenas com a elaboração desse material?

Em suma, a pesquisa realizada tem como base as monografias desenvolvidas pelos alunos Tremembé e, por isso, o objetivo é desenvolver um trabalho teórico e prático que parte da análise desse material comparando ou tendo em questão o conceito de *sobreculturalidade*, contemplando o emprego, precisamente na comunidade indígena Tremembé, de modo a contribuir com os estudos em várias comunidades indígenas do Estado do Ceará.

Tal conceito nos permite constatar que os povos indígenas mesmo diante das condições mais adversas em que vivem, foram capazes de criar estratégias de sobrevivência, seus modos de vida exigem capacidade inventiva e sabedoria, pois são expostos constantemente a muitos riscos e situações de vulnerabilidade, buscando na educação o mecanismo capaz de garantir essa sobrevivência fortalecendo as lutas por suas demarcações territoriais.

Ressalta-se, antes de tudo, que o Ceará possui 14 comunidades indígenas reconhecidas e outras em processo de reconhecimento, de modo que se aspira colaborar com o desenvolvimento de tais comunidades como resultado não

somente de um processo de aculturação ocasionado pelo contato e sim de adculturação e conseqüentemente pela difusão e produção científica, através da educação diferenciada.

1.3 OBJETIVOS DA PESQUISA

O presente projeto se compõe dos seguintes objetivos.

1.3.1 Objetivo Geral:

Analisar as 20 monografias desenvolvidas pelos estudantes Tremembé observando os principais pontos abordados e de interesses indígena e como essas publicações podem ser consideradas práticas do conceito de *sobreculturalidade* e sua implantação nas Escolas Diferenciadas. Para tanto, pondera-se sobre os conhecimentos e saberes tradicionais relacionados com a produção científica, o papel fundamental da educação crítica e conscientizadora na aprendizagem, bem como, na discussão dos direitos específicos desses povos.

1.3.2 Objetivos Específicos:

1.3.2.1. Ressaltar o papel da educação diferenciada e sua importância na transcrição da oralidade indígena;

1.3.2.2 Analisar, utilizando a metodologia de Análise de Conteúdo e de Discurso, as monografias dos alunos Tremembé, observando suas perspectivas na busca pelo conhecimento científico e ao mesmo tempo com a perpetuação dos saberes tradicionais;

1.3.2.3. Observar, com isso, a contribuição que esta forma de ensino traz para o desenvolvimento econômico-social das comunidades, com a formação de profissionais indígenas qualificados para o trabalho interno;

1.3.2.4. Identificar os pontos mais abordados nas monografias dos estudantes Tremembé relacionando-os com os indícios dos interesses e principais necessidades da comunidade;

1.3.2.5. Refletir sobre o processo de Sobreculturalidade, atentando para a teorização dos saberes tradicionais e de experiências da etnia e suas vivências no ensino superior indígena, como instrumento para manutenção, expansão e sobrevivência cultural.

1.4 HIPÓTESES

- A produção dos trabalhos de fim de curso indígena está diretamente relacionada com as principais necessidades da comunidade Tremembé e foram escritos com uma ideia base de chamada de atenção, visibilidade e empoderamento comunitário.
- A produção foi cumprida simplesmente como requisito para obtenção do título, não sendo nesse caso, utilizada como chamada de atenção aos problemas enfrentados pela comunidade Tremembé, pois os mesmos não tinham perspectivas e alcance da repercussão de tais materiais.
- Mesmo sem uma noção de repercussão e alcance, o material trabalhado como objeto de estudo possuía ideias de visibilidade e empoderamento comunitário Tremembé, ainda que, como espécie de pano de fundo mesmo que não esperados ou almejados como ideia central.

1.5 METODOLOGIA

1.5.1. Das fontes de pesquisa

Por se tratar de uma pesquisa teórica-prática, utiliza-se a metodologia multivariada, ou seja, uma parte quantitativa e a mais considerável qualitativa. Nesse aspecto, seguimos a idéia de Aguirre (2017), quando centra sua perspectiva qualitativa em quatro frentes: palavras frente aos números, situação e contexto, descobrimento frente à prova e conhecimento Tácito. Assim, explica que a pesquisa qualitativa através da observação participante, percebe a interação humana, não como separada e sim, na sua trama contextual.

Para Ludke e André (1986), o que determina a escolha da metodologia é a natureza do problema, e nessa linha se observa que a pesquisa qualitativa supõe o contato direto do pesquisador com a situação que está sendo pesquisada e enfatiza o processo. Nas palavras das autoras, o fenômeno educacional situa-se num contexto sóciohistórico mais amplo, gerando uma maior preocupação com o processo em detrimento ao produto.

Assim, nos deparamos com a importância do ato de pesquisar, observada no produto (livro de autoria indígena), onde o prazer transcende as páginas e paira no ar da comunidade, nos relatos dos protagonistas das histórias contadas, quando veem-se nas entrelinhas. Fato que nos fez perceber que havíamos escolhido uma perspectiva metodológica acertada.

Dividiu-se, o estudo, em duas etapas: no primeiro momento, faz-se uso da Etnologia, baseando-se na bibliografia produzida pelos estudantes indígenas Tremembé em suas etnografias, objeto de estudo dessa pesquisa e na busca das experiências formativas da Educação Diferenciada, nos indícios buscados por meio do Paradigma Indiciário, assim como, nas análises de conteúdo e discurso realizadas sobre esse material.

Segundo Ginzburg (1989), o Paradigma Indiciário, metodologia norteadora de nossa pesquisa, está baseado na investigação de pistas, sinais ou indícios reveladores acerca dos fenômenos da realidade, que muitas vezes imperceptíveis para a maioria, mas que permite ao pesquisador interpretar as singularidades e originalidades do objeto estudado.

Nesse sentido, utilizamos como referência a obra *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*, especificamente no texto “Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário” de Carlo Ginzburg (1989), no seu modelo traçado na elaboração do conhecimento a partir da investigação minuciosa e análise refinada dos indícios, dados e sinais.

Assim, nas obras produzidas pelos indígenas Tremembé, por meio do Paradigma Indiciário, poderemos partir da observação de detalhes aparentemente sem importância, mas ver que se tornam reveladores de preciosas informações que ajudam na compreensão da cultura Tremembé e dos movimentos sociais marcados pela luta de reafirmação identitária, demarcação e homologação das terras, bem como nas garantias de implementação dos direitos específicos desses povos, como os de educação e saúde diferenciadas.

Portanto, o fazer ciência Tremembé, desperta um olhar para detalhes minuciosos e símbolos, nos fazem ver que o paradigma indiciário se mostra como metodologia apropriada para esse campo temático, uma vez que nos obriga a um olhar sensível e atento à configuração das práticas educativas em um contexto local.

Podemos assim dizer, que, o paradigma indiciário é um referencial teórico-metodológico que pode nos aproximar da educação indígena e que com essa aproximação possibilita um exame detalhado e significativo das práticas educativas, suas intenções implícitas e do conteúdo trabalhado.

Uma prática educativa pode revelar elementos da cultura em questão, dos saberes no contexto indígena. A escolha por tal opção metodológica se deu pelo

fato de poder captar elementos capazes de expressar vivências e desafios dos povos indígenas no contexto sociocultural do nordeste brasileiro em um material de produção indígena, tendo seus elementos culturais e políticos como conteúdo programático da escola indígena, ao qual se verte total atenção nessa pesquisa.

Assim a ideia central é, de que com base na observação de indícios que possam estar implícitos nos textos de produção Tremembé, possamos desenvolver uma análise minuciosa do conteúdo seguida de uma análise do discurso do texto, para responder nossas hipóteses planteadas sobre as verdadeiras intenções na publicação dos seus TCCs como livros e materiais didáticos.

Para a análise de conteúdo nos apoiamos em Bardin (2009), que segundo a autora, a Análise de Conteúdo - AC se configura como uma gama de “tentativas que se fazem no campo alargado da análise de comunicações: lexicometria, enunciação linguística, análise de conversação, documentação e base de dados, etc”, em síntese, segundo a autora, a “análise de conteúdo se faz pela prática” (Bardin, 2009, p.27).

Ainda sobre a análise de conteúdo, nos apoiamos também em Minayo (2014, p. 303-304), quando aponta algumas definições como: “Faz parte de uma histórica busca teórica e prática no campo das investigações sociais; [...] possui a mesma lógica das metodologias quantitativas, uma vez que busca a interpretação cifrada do material de caráter qualitativo; [...] dá ênfase às regularidades da fala, a sua análise léxica”.

Associando assim coma Análise de Discurso e seu objetivo básico, pois como retrata também Minayo (2014, p. 319) é “realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos produzidos nos mais diferentes campos”.

Com base nas práticas da educação indígena, essa pesquisa mostra uma abordagem qualitativa, mesmo que tenha atingido os 25% da amostragem que foi

proposta desde o seu projeto. Segue sua perspectiva qualitativa, pois parte com a finalidade de identificação, caracterização, problematização e ressignificação dessas práticas educativas com a produção de elementos textuais, transcritos da oralidade indígena.

Sobre o caráter qualitativo de nossa pesquisa também nos apoiamos em Minayo (2014) quando nos diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfocando um nível de realidade não capaz de ser quantificado quando se trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, valores, crenças e práticas. Segundo palavras da autora, qualquer pesquisa social deve contemplar os aspectos qualitativos, uma vez que, lida com pessoas, seus valores, suas histórias e experiências. Em nosso caso, tudo expressado de maneira escrita, no conteúdo de produção indígena e nas transcrições de suas oralidades.

Ainda referente à análise de discurso, Brandão (2004, p. 17) traz que, “A linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao sistema interno, enquanto formação linguística passa a exigir de seus usuários não somente uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica”. Sintetizando, a linguagem é estudada, mas não ela em si, compreende-se sua relação com a sociedade, aspectos culturais e ideológicos. Quem fala, fala alguma coisa, com alguma intenção, a partir de algum lugar no mundo. Ou seja, contextualizamos, sujeito, tempo e espaço/lugar.

Gill (2002, p. 247), enfatiza que “o termo discurso é empregado para se referir a todas as formas de fala e textos, seja quando ocorre naturalmente nas conversações, como quando é apresentado como material de entrevistas ou textos escritos de todo tipo”.

Ainda, para a Análise de Discurso (AD), trabalharemos de acordo com Greimas (1975) citado por Gregolin (1995, p.15) e Mazière (2017). Quando abordam a análise de discurso em três níveis: fundamental, referente à ideia central, ou “de que trata o texto”, seguida de um nível narrativo dividido em quatro

fases: manipulação, competência, performance e sanção que explicam que manipulados por uma situação o indivíduo é levado a querer agir frente à situação problema, então precisa adquirir competência para realizar a ação, que uma vez adquirida realiza a performance, ou seja, pratica a ação, que, trará uma consequência ou sanção positiva ou negativa. Seguida do nível discursivo onde se contextualiza, indivíduo, tempo e espaço.

Tais análises serão realizadas por blocos, ou seja, nos cinco blocos que chegamos inicialmente na pré-análise do material de produção indígena.

Para fortalecimento das análises, valer-se-á também, como fontes, artigos, livros e palestras de antropólogos, pedagogos, historiadores e sociólogos que versaram sobre as questões indígenas nos seus mais diversos âmbitos. Com tudo isso, vislumbra-se o quão a presente pesquisa poderá mostrar um outro ângulo de pensamentos já estruturados a respeito dos fenômenos culturais e seus aspectos positivos, tendo em vista que grupos indígenas assimilam, de acordo com seus interesses, traços da cultura “dominante”, ainda que seja com a finalidade de manter a sua, como observada com o processo de sobreculturalidade quando resulta com a transformação do indivíduo por meio do contato.

Nos amparamos aqui, no argumento de Freire (1997), quando nos diz que “os seres humanos são sujeitos inacabados e que estão em um processo contínuo de transformação”, e nesse aspecto a educação indígena é realizada como prática de liberdade.

Nessa mesma linha de pensamento, com base na prática da Amnistia Internacional, Fernández & Calvo (2012), partem do questionamento de porque não confiar a escola *“el aprendizaje crítico de valores de sentido social si confiamos en ella para el desarrollo de la razón instrumental, el aprendizaje de contenidos “útiles”, o para la transformación cultural. Desde estas ideas Amnistía plantea que vivir y pensar una escuela y una pedagogía para formar ciudadanos es muy diferente que pensarla para formar buenos estudiantes, pero ambas son*

oportunidades que pueden ofrecernos los espacios escolares”.(Fernández & Calvo, 2012. p. 145).

No segundo momento fazendo uso da etnografia com a realização de um trabalho de campo, utilizando, portanto, a perspectiva de pesquisa *Emic*¹⁰. Parte-se da análise do impacto e perspectivas resultantes das monografias escritas pelos estudantes Tremembé observando fatores como diversidades étnicas, socioculturais, históricas, resgate cultural e propagação da cultura. Para Aguirre (2017), O trabalho de campo constitui o ponto central da pesquisa metodológico-qualitativa.

Realiza-se, para tanto, uma observação *in loco*, indireta e participante (Aguirre,2017), principalmente durante as festas das comunidades. Afinal, é neste contexto que os membros da comunidade se encontram mais descontraídos, envoltos de seus costumes e hábitos diários.

As festas mencionadas, além das ritualísticas da comunidade Tremembé, foram observados os eventos Povos do Mar e Herança Nativa, que ocorrem todos os anos entre os meses de agosto e setembro no município de Iparana, reunindo todos os povos indígenas do litoral cearense, que trabalham a atividade pesqueira e suas derivações.

Para Beattie (1980), é preciso testar as “hipóteses a respeito das instituições sociais e culturais e suas conotações no decorrer do trabalho de campo em sociedades e em situações sobre as quais não têm nenhum poder de controle. Seus instrumentos são a observação, a interpretação e a comparação, mais do que o experimento”. (Beattie, 1980 p. 95).

Segundo o mesmo autor, além de viver com e entre as pessoas que está estudando, observando e participando de suas atividades, existem várias outras maneiras de o antropólogo social moderno registrar a informação disponível,

¹⁰Ponto de vista do nativo, geralmente os antropólogos tratam de adquirir conhecimentos prévios das categorias e regras necessárias para pensar e atuar como um nativo.

além de observar e indagar questões não impressas pode entrevistar pessoas isoladas ou em grupos para descobrir informações sobre tópicos particulares. Afirma ainda, que é muito útil transcrever histórias de vida e outros materiais fornecidos por informantes velhos ou particularmente conhecedores da cultura estudada.

Com base no mencionado anteriormente, fizemos uso de entrevistas semiestruturadas, com perguntas subjetivas, ainda que informais utilizando um guión, (Anexo 1) junto aos professores (alunos do projeto de Magistério Indígena Tremembé Superior), professores da Escola Diferenciada da comunidade, a fim de identificar as particularidades e originalidades que definem o grupo estudado e suas aspirações por meio da contribuição científica.

Oliveras (2017), nos diz que a entrevista é semiestruturada quando tem o objetivo claro de querer comprovar uma hipótese, e mesmo assim, essa comprovação pode surgir, realizando diferentes perguntas e perspectivas.

O autor Beattie (1980), salienta que como qualquer outra investigação científica, o trabalho de campo é realizado sempre numa tentativa de responder perguntas adequadas às questões que foram formuladas antecipada e claramente do que a questões que absolutamente não foram formuladas.

Tais entrevistas foram realizadas com 10 alunos, autores dos livros analisados; todas devidamente gravadas e as transcrições realizadas de maneira na íntegra e minuciosa, sendo postas no apartado 4.2. Entre os propósitos das entrevistas estava o de observar a influência desse material no sistema educativo.

Foram, no entanto, utilizadas ferramentas de áudio e vídeo como registro e arquivo das informações obtidas, sendo postas em um DVD, que foi anexado na contracapa dessa pesquisa e o Termo de Consentimento livre e Esclarecido, assinado pelas pessoas submetidas às entrevistas (Anexo 2).

A entrevista representa um instrumento básico para a coleta de dados, dentro da perspectiva de pesquisa, sendo uma ferramenta de grande importância na pesquisa em educação. Ludke e André (1986, p.33-34), ressaltam que, “na entrevista, a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões.”

No nosso caso, tivemos que recorrer a um informante, fazendo o papel de mediador cultural, pelo difícil acesso aos professores e ao medo de revelar informações da cultura local a estranhos.

Nosso mediador cultural foi Benício Pitaguary, indígena dos movimentos indígenas jovens e que se propôs apoiar nossa pesquisa, pois considera de grande importância para difusão da luta e conquistas dos Tremembé, enfatizando a educação superior indígena. Benício, atualmente é aluno matriculado regularmente no curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará – UFC, apresentando um currículo de destaque.

1.5.2 Triangulação conceitual da pesquisa

A presente pesquisa demonstra a existência de uma triangulação, assumindo a seguinte construção lógica: SABERES TRADICIONAIS - EDUCAÇÃO INTERCULTURAL - CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA, onde a Contribuição científica surgiria como resultado do processo de interação promovido pela educação diferenciada e intercultural, levando em consideração os saberes tradicionais do povo Tremembé. Para o desenvolvimento de tal metodologia, utilizaremos o pensamento e escritos de Denzin(2006), sobre o uso das triangulações.

Denzin (2006), afirma que o “uso de múltiplos métodos, ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do

fenômeno em questão”. Para o autor, a triangulação é um caminho seguro para a validação da pesquisa. É a alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas, perspectivas e observadores em uma mesma pesquisa, o que garante rigor, riqueza e complexidade ao trabalho.

Nessa mesma linha de pensamento dessa vez observando a história oral, evidenciaremos os elementos observados na passagem da oralidade para a escrita dos saberes tradicionais, e como esse processo pode contribuir cientificamente. A história oral, com o uso de ferramentas da educação diferenciada, e como essa, passa a ser escrita e, portanto contribuir com a ciência.

A história oral configura-se em um importante procedimento da pesquisa social, que integrada à metodologia qualitativa, traz a possibilidade de preencher as lacunas existentes neste processo de (re)construção da história, uma vez que privilegia a livre expressão dos próprios sujeitos que participaram de processos históricos perpetuando a sua existência e mantendo viva a sua memória e cultura. Aqui nos fazemos valer do pensamento de Freire (1997), quando afirma que o ser humano é o sujeito de sua própria educação, não somente objeto dela e requer sua ação transformadora sobre a realidade.

Uma característica fundamental da metodologia qualitativa é sua singularidade e a não compatibilidade com generalizações. A história oral inscreve-se entre os diferentes procedimentos do método qualitativo, principalmente nas áreas de conhecimento histórico, antropológico e sociológico. Situa-se no terreno da contra generalização e contribui para relativizar conceitos e pressupostos que tendem a universalizar e a generalizar as experiências humanas. Na verdade, “os depoimentos recolhidos através do procedimento de fontes orais traduzem visões particulares de processos coletivos”. (Delgado, 2006, p.18).

A história indígena entoa o seu clamor e suplica expressão e escuta, pois além de ser marcada por diáspora e rupturas identitárias e simbólicas,

caracteriza-se em grande medida pela violência e traumas individuais e coletivos consequentes da colonização e massacre verificados tanto no Brasil colonial como nos demais períodos históricos até os dias atuais. Destacando-se aqui a atuação do governo vigente que ameaça rever as demarcações das terras e territórios indígenas conquistados por meio de luta árdua evidenciadas na identidade e visibilidade.

A invisibilidade em fontes documentais e escritas revela-se através da escassez de trabalhos que registrem fielmente a participação dos índios na construção social, econômica, cultural e política do Brasil. Por outro lado, a escrita não faz parte da ancestralidade indígena, nem foi ainda, adequadamente apropriada pelos índios no contexto contemporâneo. Parte de um processo lento, mas que vem ganhando força com o ingresso de indígenas em cursos superiores.

Desse modo, pensar e se expressar em português continua sendo uma grande dificuldade para muitos, em consequência disso, a história indígena geralmente não é contada pelo próprio índio, que na maioria dos casos ocupa um lugar de subalternidade na construção de conhecimento sobre si mesmo.

No âmbito das ciências sociais e humanas, muitas vezes os relatos dos “informantes nativos” dão lugar às interpretações ideológicas, visões estereotipadas e juízos de valor de antropólogos, sociólogos entre outros cientistas sociais não indígenas.

A história oral tem sido uma privilegiada e constante forma de transmissão da história indígena, especialmente no que se referem aos rituais, conhecimentos tradicionais, organização hierárquica e papéis sociais, possibilitando o registro do universo simbólico e mítico desde distintas visões de mundo.

Portanto, essa história oral sendo transcrita, fortalece a identidade indígena, bem como, seus elementos culturais. Para tanto, a educação entra em cena como ferramenta de apoio nesse processo, gerando um enriquecimento

mútuo entre os saberes tradicionais e conhecimento científico. Nesse contexto Libâneo (2001), trata a educação como uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais e culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.

Assim o desenvolvimento dessa tese de doutorado agrupa elementos da educação, educação indígena diferenciada e da antropologia aplicada uma vez que o conhecimento sobre as culturas humanas podem trazer vantagens práticas aos homens, na redução da crueldade, miséria e ignorância, ou seja, a educação indígena diferenciada está sendo usada no combate às essas injustiças sociais (Pelto, 1977).

1.5.3. Dos principais conceitos abordados

Para a orientação desta pesquisa, serão contempladas as seguintes variáveis, ou características da amostra que nos interessa: saberes tradicionais; identidade; aculturação; endoculturação; difusão; interação; multiculturalidade; interculturalidade; educação; *intraculturalidad*; contribuição científica; desenvolvimento e sobreculturalidade; resiliência; adaptação.

Essas variáveis serão explanadas com base nas categorias expressadas a seguir acompanhadas de seus respectivos referenciais teóricos.

Partiremos inicialmente com a utilização de algumas categorias que no decorrer do texto serão contempladas com a busca de indícios com o paradigma indiciário, para a concreção das análises de conteúdo e discurso.

Entre tais categorias podemos evidenciar: Saberes tradicionais orais, Cultura, Identidade; Fronteiras; Interculturalidade; Transformação como resultado do processo de contato e o processo de Sobreculturalidade como ferramenta de

mantimento e fortalecimento cultural, seguindo as definições de teóricos de diversas linhas de estudo como a Antropologia, Educação e Direitos Humanos.

Para a categoria saberes tradicionais, utilizaremos o pensamento de Freire (1975), na pedagogia do oprimido, quando trata o saber popular tradicional como fruto da experiência de vida acumulado ao longo dos tempos e ao mesmo tempo se reinventando à luz das necessidades e das transformações dos seres humanos e do mundo ao seu entorno, sendo, portanto frutos da inventividade e da criação, que operam por outra lógica, não apenas da ciência, mas que contribuem como elementos da ciência com outras formas de compreensão da realidade.

A Pedagogia do Oprimido nos aproximou do conhecimento sobre o querer conhecer cada vez mais, a maneira como o povo conhece, ou seja, as práticas dos conhecimentos instituídos nos protocolos dos saberes locais.

Essa primeira categoria se torna, portanto o elo entre as demais categorias, pois o saber tradicional popular, é antes de tudo um saber, que nasce na vida, como uma experiência significativa e base cultural nas relações de pessoas com suas comunidades e com o mundo, podendo ser associado ao conceito de intraculturalidade proposto por Gervás (2011).

Para a categoria referente a cultura e a comparação entre culturas distintas, utilizaremos entre outros o pensamento de Espina (1997) quando nos diz que:

Quando estudiamos las culturas de otros pueblos estamos aportando luz para comprender nuestra cultura, nuestras instituciones y nuestra historia. Por ejemplo, estudiar el animismo, la brujería y el chamanismo tribales puede ayudar a comprender tales prácticas en nuestra sociedad tal como se dan en la actualidad o como se desarrollaron en etapas anteriores. (Espina, 1997, p. 35).

Assim, faremos uso do método antropológico com a observação da educação de minorias étnicas, para uma melhor compreensão da problemática

proposta e as influências do contato entre culturas distintas, passando por etapas de aculturação e ao mesmo tempo de adculturação, ou seja, perda e soma de culturas em um processo vivo e constante, para em seguida, observar até que ponto podemos analisar as situações educacionais das minorias étnicas do nordeste brasileiro com base no exemplo da tribo Tremembé.

Para a categoria identidade utilizaremos além de outros, o pensamento de Hall (2005), quando explica sobre as particularidades que definem cada grupo e nesse caso específico associar o mesmo as minorias étnicas que fazem parte do objeto de estudo dessa pesquisa;

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças, nesse caso entre grupos étnicos, são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e momentos particulares (...). Nesse sentido, a emergência dessas diferentes identidades é histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos. (Hall, 2005, p.10).

Em outra obra Hall (1978), define a cultura de um grupo identitário como, mais de que um conjunto de referências estéticas ou históricas de determinado grupo humano, e sim o “ponto crítico de ação e intervenção social”, no qual relações de poder são estabelecidas e potencialmente desestabilizadas, nesse caso em concreto, analisar a educação desse contexto como a ferramenta de intervenção social.

Em outras palavras, as identidades são construídas por meio da cultura e não fora delas, não podemos separar as questões culturais, quando tratamos de identidade e diferença. (Silva, 2009).

Para Batista (2014), a identidade, pode ser definida como o conjunto de signos, símbolos e valores que internalizam e manifestam os indivíduos que formam uma comunidade. Segundo a autora, atuar conforme ao conjunto de

valores vinculados a tradições e costumes, é aceitar a identidade em uma atitude consciente da diversidade, é envolver-se no conhecimento do outro e colocar-se em seu lugar, respeitando nesse caso, a fronteira que surge no pensamento de alteridade.

Com relação a categoria de Fronteiras, utilizaremos o pensamento de Amante (2014), quando fala das Fronteiras como espaços de construção e protestos identitários, enquadrando bem em seus aspectos mencionados a questão territorial indígena e a luta por demarcação. E assim confrontar as novas fronteiras com o pensamento intercultural

Referente ao contato e a interação cultural com a categoria Interculturalidade, seguiremos a ideia de Candau (2008) quando a autora diz que as sociedades formadas por diferentes grupos socioculturais necessitam buscar a interculturalidade, uma vez que; *“A perspectiva intercultural está orientada à construção de uma sociedade democrática, plural, humana, que articule políticas de igualdade com políticas de identidade”*. (Candau, 2008, p.52).

Em relação à categoria dos Direitos Humanos, utilizaremos o pensamento de Urquiza (2014) quando nos diz que: *“No entanto, só se chega ao ideal de uma cultura dos Direitos Humanos passando pela educação, pois é através dela que se reforçam os valores e os elementos constitutivos da dignidade do ser humano”*. (Urquiza, 2014, p.15)

Para a categoria Transformação que está associada às variáveis Resiliência e Adaptação, faremos uso do conceito de sobreculturalidade de Martins (2016), que busca explicar a sobrevivência cultural através dos fenômenos de contato entre culturas distintas como um processo constante de auto aceitação do indivíduo, conhecimento sobre o outro em uma relação de alteridade, interação entre ambos, chegando a uma transformação cultural, onde cada indivíduo sairá com uma visão distinta a inicial sobre a forma de ver a si mesmo e aos demais.

Nesse caso, com toda a observação do processo de inclusão dos indígenas no ensino superior através dos seus relatos e a situação de evasão ou permanência nos estudos e o sentimento e anseio de seguir os estudos de pós-graduação. Para tanto, Aparício (2011) e Martins (2016) seguem com um emaranhado de conceitos desde uma visão complementar entre os pensamentos de autores que trabalham a temática abordada.

Nessa mesma linha de pensamento, Batista (2014), recorre ao conceito de respeito, como uma norma de convivência humana universal, na qual se reconheçam as múltiplas diversidades culturais planetárias, sem perder a perspectiva do singular e próprio, que faça evidente assumir, permitindo entender, reconhecer e valorizar o fato de ser “um” e “diverso”.

Também nos basamos no pensamento de Carlos Rodrigues Brandão (2000), na sua obra, *Educação popular na Escola cidadã*, quando afirma que, entre antropólogos é costume dizer-se que a sobrevivência de um modo social depende de os seus sujeitos descobrirem meios de entre eles, segundo suas categorias de pessoas, circularem sempre: bens(alimentos, objetos, instrumentos e utensílios), mulheres(esposas que geram filhos e que, unindo-se a homens de seu grupo/clã ou de outros, estabelecem alianças entre homens) e mensagens.

Assim corroboramos com o autor quando, voltado para o sistema de ensino baseado na endoculturação reforça a ideia de como o ensinar-e-aprender torna-se inevitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações onde o trabalho e a convivência sejam também momentos de circulação do saber (Brandão, 2000). E aqui nesse ponto, a ferramenta da educação indígena é observada como esse elemento, onde os atores da mesma, no caso os professores e autores dos livros trabalhados e analisados nessa pesquisa, são membros das comunidades indígenas, garantindo assim, a convivência e trabalho em uma espécie de simbiose na circulação dos saberes tradicionais.

Estaremos observando essas categorias desde uma perspectiva emic, uma vez que o material analisado é de produção indígena, e as entrevistas realizadas com 25% do universo da pesquisa, ou seja, dos 40 alunos do MITS, conseguimos entrevistar 10, e na entrevista (guión em anexo) podemos observar nas transcrições, todos os elementos aqui categorizados.

Em respostas as nossas perguntas podemos observar a preocupação com o fortalecimento da identidade indígena, a importância da transcrição da oralidade indígena nesse processo, a perpetuação dos saberes tradicionais entre os mais jovens com a leitura do material produzido, além da luta indígena por todos os direitos violados, e entre eles sobre terras e territórios, educação e saúde interculturais e diferenciadas bem como pela aplicação dos direitos humanos.

Todas essas categorias serão levadas em consideração e confrontadas com os resultados das entrevistas na etnografia para uma posterior análise e discussão desses resultados, com base também nas análises de conteúdo e discurso, buscando nossas divergências e convergências com os autores mencionados.

1.6 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

A modalidade do programa de Doutorado que realizamos não nos obrigou a uma frequência curricular presencial, uma vez que contamos com o período presencial de um Máster Universitario europeu. Ocorreu durante o período letivo de 2016/2017 a 2018/2019 sendo exigido um plano de atividades e práticas de várias especialidades na área de educação social, de carácter global e com apresentação de uma Tese ao concluir o curso.

Os responsáveis pela gestão e acompanhamento do desenvolvimento do trabalho de investigação foram os diretores e orientadores Juan Alfredo Jiménez Eguizábal e Maria Dolores Fernández Malanda. Assim, de acordo com suas

orientações, desde outubro de 2016, a atenção se voltou para a reunião dos textos, monografias dos estudantes Tremembé, que são os autores trabalhados e das análises e comentários já desenvolvidos sobre as obras dos mesmos. Para tanto, nos valem os materiais existentes nas Universidades Federal do Ceará e bibliotecas das comunidades indígenas.

Uma vez reunidas as fontes primárias (obras dos autores) e as secundárias (estudos e comentários das obras), o último trimestre de 2016 consistiu na leitura, fichamento, análise das categorias antropológicas, pedagógicas, de saberes tradicionais e desenvolvimento, bem como exame dos elementos que constituíram o texto da Tese a ser depositada para sua defesa pública ao fim do curso, em 2019.

Ainda em 2017, no segundo semestre, foram realizadas, entre maio e junho, visitas de campo na comunidade Indígena Tremembé. Isso, com o intuito de nos inteirar de que forma estão sendo produzidos os livros que transformam a oralidade em escrita com base nos saberes e conhecimentos desses povos originários e seus trabalhos acerca da interculturalidade e, ao mesmo tempo, ter a possibilidade de participar das discussões sobre o assunto, dado que são comunidades pioneiras nesse processo de contribuição científica por meio da educação intercultural utilizando por base os saberes tradicionais.

No ano de 2018 após a realização de uma outra etapa do trabalho de campo, a atenção se voltou para a busca de indícios relativos as perspectivas e anseios dos autores indígenas, por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas, com apoio de um mediador cultural indígena, e em seguida para a análise de conteúdo e de discurso desse material indígena, contrastando com os objetivos da pesquisa e com os pensamentos dos autores em relação as perspectivas e anseios dos mesmos sobre a elaboração do material com base nos saberes ancestrais e tradicionais, apresentado no seguinte apartado dessa pesquisa.

Durante o ano de 2019, a atenção foi voltada para a elaboração do texto provisório, enviado aos diretores no primeiro bimestre, e em seguida se voltou para as correções sugeridas, seguida de uma correção textual da gramática e de estilo, para iniciar o processo de depósito no mês de junho e esperar os trâmites para a defesa.

1.7 Bibliografia - Objeto de estudo

- Alves E.L.; Félix, M.A e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *O lugar do Manguê na Cultura Tremembé*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-UFC.
- Cabral, F.M.J.; Xavier, M.N. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Jogos matemáticos para as escola indígenas Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos,M.A. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Os Encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, L.H.; dos Santos, J.V. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Do Nascimento, M.G.; Félix, R.J. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *História da educação diferenciada Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, J.G.; dos Santos, M.L.; Teles,M.N.S.; dos Santos,M.V. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Primeiras letras na cultura Tremembé: livro do professor*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, J.G.; dos Santos, M.L.; Teles,M.N.S.; dos Santos,M.V. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Primeiras letras na cultura Tremembé: livro do aluno*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, C.; Dos Santos, R.H. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, M.I.; Matias, M.M.; Félix,R.J e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Luta e resistência dos Tremembé da região da Mata pelo seu Território*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, S.O.; Siqueira, R.C. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Aldeamento Tremembé de Almofala: o Espaço do Manguê Alto ontem e hoje*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, M.P.; de Holanda, M.A.; de Sousa,F.E. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Fauna e Flora Tremembé da região da Mata*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Guilherme, J.R.; Félix, M.J.; Jacinto,M.L. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Olagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Jacinto, A.L.; Sousa, J.M.; Moura, M.C.; Siqueira, R.R. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Medicina tradicional do povo Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.

- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Fundamentos Legais da Educação escolar Indígena: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Tremembé deuses do Mar: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Descobrimo a vida do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Manual do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Dicionário do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Santos, J.S.; dos Santos,M.G.M. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Dicumê Tremembé de antes e de hoje*. Fortaleza: Imprensa Universitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS

- Aguirre, A. (2017). *Cómo Investigar: Metodología Cualitativa en la investigación científica*. Barcelona: PROFIT Editorial.
- Amante, M. (2014). *Das fronteiras como espaço de construção e contestação identitária às questões da segurança. Etnográfica*,. São Paulo: Etnográfica.
- Aparício, J. M. (2011). *Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en América Latina*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA.
- Batista, C.A.(2014). *Diversidad e Identidad*. Santo Domingo: Ministério da Cultura, Ediciones INDAASEL.
- Beattie, J. (1980). *Introdução à Antropologia Social*. São Paulo: Editora Nacional.
- Brandão, H. H. (2004). *Introdução a análise do discurso*. Campinas: Unicamp.
- Brandão. C.R. (2000). *Educação Popular na Escola Cidadã*. Petrópolis: Vozes.
- Brennand, E.G. e Guedes, E.C. (2003). *Educação e Alteridade*. João Pessoa: Editora Universitária.
- Candau, V. (2008). *Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação.
- Delgado, L. d. (2006). *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Denzin, N. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso.
- Espina, Á. B. (2006). *Conocimiento local, comunicación e interculturalidad*. Recife: Massangana.
- Espina, Á. B.(1997). *Manual de Antropología Cultural, 2ª Ed.:* Amarú Ediciones. Salamanca.
- Fernández, M.D. e Calvo, R.(2012). *Quatro propostas educacionais de consumo responsable do tempo extraescolar na provincia de Burgos*. Burgos: sips - pedagogía social. revista interuniversitaria [1139-1723 (2012) 19, 141-154] terceira época
- Freire, P. (1999). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). *Política e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gill, R. (2002). *Análise de Discurso*. Petrópolis: Vozes.

- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras.
- Gregolin, M. d. (1995). *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo: Ed. Alfa.
- Greimas, A. (1975). *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: vozes.
- Hall, S. (2005). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Hall, S. (1978). *Más Allá de la cultura*. Barcelona: Gustavo i Gili.
- Leal, T. B. (2011). *Imanência Indígena*. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará.
- Libâneo, J. C. (2001). *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Curitiba: Editora da UFPR.
- Ludke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Martins, D. V. (2016). *A intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de fortaleza-ce, Brasil: caminho para o desenvolvimento e sobreculturalidade*. Salamanca: Ediciones Vitor.
- Mazière, F. (2017). *A análise do discurso: história e prática*. São Paulo: Parábola.
- Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: ed. Hucitec.
- Oliveras, E. (2017) *Cómo Investigar: Entrevistas*. Barcelona: PROFIT Editorial.
- Palitot, E. M. (2009). *Na mata do sabiá: contribuições sobre la presença indígena no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- Pelto, P. (1977). *Iniciação ao estudo da Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Silva, I. B. ; Piorsky Aires, Max Maranhão. (2009). *Direitos humanos e a questão indígena no Ceará - Relatório do observatório indígena biênio 2007-2008*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Urquiza, A. (2014). *Formação de Educadores em Direitos Humanos*. Campo Grande: Editora UFMS.
- Vieira, J., Muniz, A., & Gomes, J. (2007). *Povos Indígenas no Ceará: Organização memória e luta*. Fortaleza: Memorial da Cultura cearense, do Centro Dragão do Mar de arte e cultura.
- Wittmann, L. T. (2015). *Ensino (d)e história indígena*. São Paulo: Autêntica editora.

CAPÍTULO II

HISTÓRIA, LUTAS E RESGATE CULTURAL TREMEMBÉ

Neste capítulo vamos abordar a História e memória Tremembé, a partir da oralidade dos próprios indígenas, em um resgate cultural marcado por luta territorial e de identidade, extraídos de um dos cinco blocos resultado da divisão dos TCCs dos alunos indígenas, valorizando aqui, uma mudança no modo de fazer história, e o câmbio do indígena antes visto como objeto e agora protagonista e escritor de sua própria história.

2.1 HISTÓRIA E MEMÓRIA TREMEMBÉ

De acordo com Ana Cristina Cabral, autora do livro História dos Tremembé: memórias dos próprios índios, quando nos afirma que, conhecidos como povos guerreiros e exímios pescadores de tubarões, os Tremembé de Almofala no Ceará com uma população estimada em 3.500 pessoas, ocupavam na época colonial parte do Maranhão (foz do rio Gurupí) e do Ceará, sendo considerados povos nômades, circulando por essa região, como parte de suas tradições.

Em entrevista a Ana Cristina Cabral, o pajé Luiz Caboclo, relata sobre a origem do nome Tremembé, dizendo que é derivado de Tremedáu, uma espécie de riacho ou córrego como lama movediça, pois explica entre suas histórias que essa lama foi um dos principais elementos símbolos de resistência Tremembé, pois ao serem perseguidos pelos soldados, esses indígenas com seus conhecimentos sobre a região, submergiam na lama e saíam em outro lugar, enquanto os soldados não possuíam as mesmas destrezas.

Seguindo ainda as palavras da autora, a mesma, nos revela que além do espírito nômade que fazia parte da cultura Tremembé, desde o século XVIII, depois de várias invasões de posseiros, perdendo grande parte de seus territórios, várias famílias Tremembé, foram obrigadas a migrar para outras regiões, explicação essa dada a existência de comunidades Tremembé, no Ceará, Maranhão e no Piauí.

Tal situação fez vir à tona a Lei de Terras de 1850, que tem a característica de mote das relações desses povos com a terra. Tal lei beneficiou os grandes proprietários, promovendo a apropriação legalizada por meio da compra de terras tradicionalmente ocupadas pelos povos indígenas em todo o Brasil.

As consequências trazidas pela Lei de Terras, foi a expulsão de comunidades indígenas de suas terras e a crescente invisibilização desses povos, uma vez que foram utilizados no caso da Região Nordeste do Brasil, como mão-de-obra para atividades monocultoras como da cana-de-açúcar no litoral e a pecuária com a criação de gado no sertão.

Diante de tais acontecimentos, reforçam a ideia da não mais existência de indígenas na Região Nordeste, pois consideravam que os mesmos já camuflados ou já identificados como caboclos, misturados, mestiços, aculturados ou camponeses, já não o eram e assim, desconstruíam a imagem e identidade do indígena no Nordeste brasileiro (Palitot, 2009).

Durante a década de 70 do séc. XX se dá início à luta pela demarcação e posse legítima da terra, na tentativa de recuperá-la dos posseiros e empresas ali instalados. Ana Cristina, em seu livro nos diz que o povo Tremembé, vivia e sobrevivia da caça, pesca e coleta de frutos, e aproveita para denunciar empresas, como por exemplo, *Ducoco Agrícola S/A*, que se instalou nas terras Tremembé, alterando de vez o modo de vida local, uma vez que houve uma grande destruição da mata e até mesmo soterramento de lagoas e a derrubada

de várias casas indígenas para a plantação de coqueiros, acabando assim, com os recursos naturais que garantiam a alimentação e subsistência desse povo.

Na década de 90, o estado brasileiro delimitou uma área de 4.900 hectares e que hoje em dia, grande parte dessa terra, segue ainda nas mãos de posseiros e empresas, que constantemente ameaçam e perseguem aos indígenas na tentativa de expulsá-los de suas terras e assim expandirem seus negócios (Vieira;Gomes & Muniz, 2007).

2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DIFERENCIADA EMARCO LEGAL

A busca e luta por direitos a uma educação diferenciada indígena, remonta a criação do SPI em 1910 e continua com a substituição desse pela FUNAI em 1967, só que, a preocupação estava centrada na questão territorial em detrimento as outras questões, devido aos ataques e invasões que os territórios vinham sofrendo, e conseqüentemente a perda de elementos vitais para os povos indígenas.

Desse modo, a luta por educação diferenciada ficou arquivada por algum tempo, até observarem o poder que ela poderia gerar a partir do conhecimento da e sobre a cultura do outro.

De acordo com o Relator Conselheiro Gersem José dos Santos Luciano, do Ministerio de Educação (2007), “As primeiras propostas de implantação de um modelo de educação bilíngüe para os povos indígenas, ainda nos anos 1950, com influência da Conferência da UNESCO de 1951, são consideradas inadequadas à realidade brasileira por técnicos do SPI, com base em argumentos que mais expressavam as deficiências do próprio órgão indigenista do que propriamente uma avaliação dos eventuais méritos das novas propostas.

Um dos argumentos mais significativos era de que programas de educação bilíngüe poderiam colidir com os valores e propósitos da “incorporação

dos índios à comunhão (linguística) nacional”, consagrados na tradição indigenista, além da enorme diversidade cultural e linguística entre os povos indígenas, dos seus padrões demográficos muito reduzidos e da falta de materiais didáticos e professores capacitados para o novo modelo”. Observamos, portanto um caráter integracionista.

Assim, vemos que a situação educacional para os povos indígenas, ao princípio seguia duas linhas de orientação: uma de um caráter de aculturação assimilacionista e outra de caráter pluralista de integração, afastando-se da visão de interação cultural ou interculturalidade, a qual passa a ser vista e discutida mais recente por membros das comunidades que buscavam uma educação intercultural bilingue, com a formação e capacitação dos professores indígenas membros das citadas comunidades.

A ideia é transformar a escola em um espaço de crítica cultural, de modo que cada professor(a), como intelectual que é, possa desempenhar o papel de crítico(a) cultural(Sarlo,1999) e propiciar ao(à) estudante a” precisa ser questionado e pode, conseqüentemente compreensão de que tudo que passa por “natural” e “inevitável ser transformado (Moreira; Candau, 2003, p.163).¹¹

No caso Tremembé a primeira escola foi criada no ano de 1991, chamada Alegria do Mar, com uma estrutura rudimentar, pensada pela professora Raimunda Marques. Com a intensificação do movimento indígena em 1997 surgem outras escolas nas aldeias de Passagem Rasa, Tapera, Mangue Alto, Saquinho e Varjota, já denominadas diferenciadas, ressaltando o pionismo Tremembé na Região Nordeste.

Algumas escolas diferenciadas de outras comunidades indígenas como exemplo, a Escola Diferenciada Indígena Jenipapo-Kanindé, utilizam o resgate linguístico em tupi e atualmente se encontra funcionando com 11 professores

¹¹C.f . Educação Escolar e o multiculturalismo: crítica a partir de Simone de Beauvoir, artigo de Sandra Soares Della Fonte e Robson Loureiro. Pro-posições, Campinas, p. 177, set/dez. 2011.

indígenas, sendo que quatro deles foram alunos do projeto MISI-PITAKAJÁ¹², para a formação profissional de professores indígenas a nível superior (Martins, 2016).

O pionerismo Tremembé que deu precedente para a criação de vários outros cursos de formação de professores indígenas a nível superior, pois o primeiro curso da Região Nordeste está datado de 2001, com a parceria da Universidade Federal do Ceará – UFC.

O que se observa, entretanto, é que até o momento não havia uma ênfase da temática superior em outras áreas da educação, e na proporção em que os membros da comunidade passam a concluir o ensino médio, inclusive como já vem acontecendo, se pode imaginar uma verdadeira situação de urgência, sendo necessário desenvolver possíveis soluções para a problemática, uma vez que com a formação de alunos indígenas a nível médio nessas escolas diferenciadas, observamos que todos ou maior parte dos mesmos se voltarão para o curso de formação de professores, única e exclusiva formação para os indígenas.

Observamos que a educação diferenciada indígena surge como uma necessidade das comunidades indígenas, como busca por uma visibilidade e ao mesmo tempo empoderamento, uma vez que, sentiam a necessidade de assimilação da cultura não indígena, para se tornarem conhecedores de tal cultura e em seguida enfrentar em pé de igualdade.

De acordo com Jiménez (2006), em seus estudos sobre pedagogia empresarial, nos diz que sobre o que tange aos atores sócio-educativos, se destaca a necessidade de implantar e melhorar os sistemas acadêmicos, incrementando sua dimensão intercultural, com a necessária adaptação conjugando teoria e prática. E nesse ponto associamos à questão indígena que busca também seu protagonismo em seu modelo educacional.

¹² Magistério Indígena Superior Intercultural Pitaguary, Tapeba, Kanindé, Jenipapo-Kanindé e Anacé, criado no ano de 2010, com o objetivo de formar 80 professores para essas comunidades.

Portanto, a luta se dá início na década de 70, quando elaborado o estatuto do índio em pleno regime militar, quando eles já vinham sofrendo toda uma lista de atrocidades, reveladas em 2013, no Relatório Figueiredo.¹³

Em relação à cultura e educação indígena encontramos em vários artigos do Estatuto do índio, um apoio teórico não aplicado em sua plenitude durante esses 46 anos de lutas travadas, mesmo sabendo que as atenções estiveram voltadas para a questão territorial durante muitos anos. Entre os artigos do Estatuto do índio de 1973 destacamos:

Art. 47. É assegurado o respeito ao patrimônio cultural das comunidades indígenas, seus valores artísticos e meios de expressão.

Art. 49. A alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardando o uso da primeira.

Art. 51. A assistência aos menores, para fins educacionais, será prestada, quanto possível, sem afastá-los do convívio familiar ou tribal.

Vemos assim, que apesar da busca por seus territórios, seus patrimônios culturais, a educação bilíngue, a alfabetização e a assistência aos menores também possuíam uma conotação de importância no Estatuto do Índio de 1973, em teoria, porque em realidade não é bem o que vem ocorrendo atualmente ao observarmos alguns exemplos de descasos à educação indígena e a todo o retrocesso sofrido no atual governo.

Outros elementos precedentes à implementação da educação diferenciada estão na Constituição de 1988, que o Brasil deixa de lado a visão ou paradigma assimilacionista, abordando uma visão pluralista não compatível com o Estatuto

¹³Localizado em 2013, no arquivo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, por Marcelo Zelic, do grupo Tortura Nunca Mais de SP, o Relatório Figueiredo, descreve crimes praticados contra os povos indígenas nas décadas de 1930-1960, sob a égide do antigo SPI. Revista Adusp, Nov. 2018 nº 62, p.32.

do Índio, de 1973, e na Convenção 169 de 1989 da OIT, quando menciona que “os povos indígenas e tribais podem falar por si mesmos e têm o direito de participar no processo de tomada de decisões que lhes dizem respeito”, fazendo vir à tona o sujeito indígena que passaria a lutar por seus direitos territoriais e resgate cultural.

Mas, surgem alguns questionamentos relacionados aos direitos e aquisição de conhecimentos sobre os mesmos: Como iriam ser postos em prática tais direitos sem uma preparação educacional para esses povos? Como poderiam reivindicar esses direitos sem um estudo e leitura prévios dos mesmos para um trabalho de conscientização e luta para tal implementação?

Vemos assim, o resultado da Convenção 169 da OIT de 1989, no que diz respeito a educação, a criação de programas governamentais baseados nas necessidades dos povos indígenas, claro no seguinte parágrafo;

Os governos deverão:- desenvolver programas especiais de formação, caso necessário, baseado nas necessidades concretas dos povos indígenas e tribais;- desenvolver e aplicar, em cooperação com os povos indígenas e tribais, programas de educação e serviços adequados a suas necessidades, com pleno respeito a suas tradições, cultura e história;- reconhecer o direito dos povos indígenas e tribais de criar suas próprias instituições e meios de educação, desde que satisfaçam as normas mínimas estabelecidas,- tomar medidas para que os povos indígenas e tribais tenham a oportunidade de dominar a língua nacional ou uma das línguas oficiais do país, assim como preservar e promover o desenvolvimento e a prática das línguas dos povos indígenas e tribais;- adotar medidas adequadas, pelos meios de comunicação de massas e nas línguas dos povos indígenas e tribais, para lhes dar a conhecer seus direitos e obrigações (Convenção 169 da OIT, 1989).

Assim, vemos que o programa de expansão de uma Educação Multicultural Diferenciada Indígena se estende ao Ceará em 1998 para garantir o processo de reconhecimento da multiculturalidade, pois seria um fator positivo, possuindo raízes na Constituição de 1988 e na Convenção 169 da OIT de 1989,e

no pionerismo Tremembé, que, com base na lei começaram a criação de suas escolas, ainda em 1991.

Entretando, para algumas comunidades foi chegando tarde devido às lutas que esses povos estavam travando por questões territoriais, mas ao mesmo tempo, primordial para o início da interação cultural, pois não existiria uma interação cultural com enriquecimento mútuo, sem o reconhecimento e respeito à diversidade, passos prévios para o interculturalismo e para o que denominamos como processo de sobreculturalidade ou sobrevivência cultural.

Ainda sobre as questões cultural e educacional Indígena, bem enfatiza a Convenção 169 da OIT sobre a participação indígena na produção e atuação educacional, quando menciona que:

Em relação a planos e programas de desenvolvimento que os afetem, os povos indígenas deverão participar de sua formulação, execução e avaliação. Ademais, planos de desenvolvimento econômico que envolva áreas ocupadas por comunidades indígenas e tribais deverão ser concebidos com vista, entre outras coisas, à melhoria das condições de vida, geração de oportunidades de emprego e conquistas educacionais (Convenção 169 da OIT, 1989).

Assim, observa-se, que a Convenção 169 da OIT de 1989, deixa aberto novos caminhos de lutas e mobilizações, para que os povos indígenas passem a pressionar as entidades governamentais na implementação dos seus direitos assegurados por lei, passando a não dar enfoque somente a questão territorial e sim também, a questão educacional vista como meio de promover e difundir a luta por seus interesses.

A proposta de educação escolar indígena intercultural, bilíngüe e diferenciada surge então com uma ideia contrária ou também como processo de descolonização ao projeto colonizador da escola tradicional antes imposta aos povos indígenas, surgindo na década de 1970 entre os povos indígenas do Brasil, incentivados e apoiados por seus aliados.

Nas duas décadas seguintes, o Ministério da Educação, incluiu o tema nas pautas de discussão, levado a tal situação pelas críticas e pressões dos índios e da opinião pública nacional e internacional, que acusavam o governo de etnocídio e genocídio.

Destacamos que, a exemplo de outras políticas públicas voltadas aos povos indígenas, as mudanças que ocorreram na política educacional indigenista foram quase sempre homologatórias, ou seja, de certo modo, o governo foi obrigado a reconhecer os avanços e as legitimidades das experiências inovadoras desenvolvidas pelas comunidades indígenas com apoio de suas assessorias.

Todas as iniciativas eram desenvolvidas como resistência e luta contra aos modelos colonialistas e integracionistas e como estratégias de recuperação das autonomias internas e conquista de direitos coletivos, fazendo surgir mudanças nas estruturas jurídico-administrativas.

Destacamos também que a partir deste período o centro das discussões acerca de novas políticas indigenistas foi passando do órgão oficial indigenista para a esfera das organizações indígenas que começaram a estabelecer novas relações de parceria política e técnica com outros setores do governo e setores privados.

Ainda nas palavras do Relator: Conselheiro Gersem José dos Santos Luciano do Ministério de Educação (2007), “A ideia mais aceita entre os professores indígenas referida à educação escolar indígena diferenciada é aquela educação trabalhada a partir da escola tendo como fundamento e referência os pressupostos metodológicos e os princípios geradores de transmissão, produção e reprodução de conhecimentos dos distintos universos socioculturais específicos de cada povo indígena. Ou seja, uma educação que garanta o fortalecimento e a continuidade dos sistemas de saber próprios de cada comunidade indígena e a necessária e desejável complementaridade de

conhecimentos científicos e tecnológicos, de acordo com a vontade e a decisão de cada povo ou comunidade.

Essa possibilidade gerou o encantamento inicial, uma vez que com ela, seria possível adquirir e apropriar-se dos conhecimentos tecnológicos e científicos para ajudar a resolver os velhos e novos problemas da vida nas aldeias, sem necessidade de abdicar-se de suas tradições, valores e conhecimentos tradicionais, antes perseguidos, negados e proibidos pela própria escola.

Em outras palavras, a ideia seria utilizar elementos e ferramentas não indígenas, para a manutenção, difusão e perpetuação da cultura indígena, que se via sufocada com todas as ideias integracionistas e aculturadoras do pensamento colonial.

Com relação ao ensino superior, as primeiras experiências de ações afirmativas propriamente ditas, envolvendo estudantes indígenas nessa modalidade, remontam o surgimento na década de 1990, quando a FUNAI e algumas universidades públicas e privadas realizam convênios como o da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) no começo da década que permitiu o acesso dos primeiros indígenas à modalidade de ensino. Nos anos seguintes, começaram a ganhar força e forma.

Desde o início da década de 2000, a FUNAI vem oferecendo bolsas de estudos para estudantes indígenas de escolas públicas e particulares. Muitas universidades públicas e particulares e até mesmo alguns municípios e estados passaram a oferecer bolsas de estudos para estudantes indígenas na graduação. Paralelamente às iniciativas tomadas pelas instituições públicas, algumas instituições privadas também entraram na arena para contribuir com a ampliação do acesso de estudantes indígenas e negros ao ensino superior.

No ano de 2009 veio à tona o Decreto Educação Indígena, Decreto N° 6.861, de 27 de maio de 2009 que, dispõe sobre a Educação Escolar Indígena,

define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. Para tanto mostramos abaixo os primeiros três artigos do Decreto:

Art. 1º A educação escolar indígena será organizada com a participação dos povos indígenas, observada a sua territorialidade e respeitando suas necessidades e especificidades.

Art. 2º São objetivos da educação escolar indígena:

I - valorização das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica;

II - fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade indígena;

III - formulação e manutenção de programas de formação de pessoal especializado, destinados à educação escolar nas comunidades indígenas;

IV - desenvolvimento de currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

V - elaboração e publicação sistemática de material didático específico e diferenciado; e

VI - afirmação das identidades étnicas e consideração dos projetos societários definidos de forma autônoma por cada povo indígena.

Art. 3º Será reconhecida às escolas indígenas a condição de escolas com normas próprias e diretrizes curriculares específicas, voltadas ao ensino intercultural e bilíngue ou multilíngue, gozando de prerrogativas especiais para organização das atividades escolares, respeitado o fluxo das atividades econômicas, sociais, culturais e religiosas e as especificidades de cada comunidade, independentemente do ano civil.

De acordo com o Relatório Técnico Diagnóstico e Avaliação dos Formulários e da Metodologia do Cesno Inep referente à questão indígena, o relator Gersem José dos Santos Luciano do Departamento de Educação Escolar Indígena da Universidade Federal do Amazonas Consultoria 6ª CCR-PGR 2015, nos diz que:

A regulamentação das escolas é um dos principais elementos para descentralização de recursos e mesmo para a contratação de professores, pois garante um espaço de existência das escolas dentro do quadro administrativo dos estados e municípios. Por consequência, é por meio da regulamentação que ocorre a aprovação dos Projetos Políticos Pedagógicos, o que garante a especificidade da educação indígena, por instituir planos de ensino diferenciados. Em termos de dados, pode-se observar que apenas 54,4% das escolas indígenas no Brasil encontram-se regulamentadas, sendo que 29,9% alegam que estão com a documentação em tramitação e 15,62% não estão regulamentadas. Os dados demonstram a irregularidade das escolas indígenas, o que talvez contribua para a precária situação que os dados vêm demonstrando, nas diferentes variáveis.

Atualmente, tais iniciativas estão ameaçadas, pelo atual governo, que promete não demarcar mais as terras e territórios indígenas, e acabar com a política “universidade para todos” do governo anterior. E nesses casos, os mais afetados serão as minorias, camadas populares e desfavorecidas da sociedade com a volta de uma implementação de um pensamento retrógrado, colonizador e racista, pois se observa que, 82% do território nacional ocupado por comunidades indígenas, ainda não estão demarcados.

Marco legal

A Educação Indígena consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394), aprovada pelo Congresso Nacional no dia 17 de dezembro de 1996 e promulgada no dia 20 de dezembro do mesmo ano, substituindo a Lei nº 4.024, de 1961, que tratava da educação nacional e não fazia referência à Educação Escolar Indígena.

Também conhecida como LDB, LDBEN ou Lei Darcy Ribeiro, essa lei está abaixo da Constituição e é de importância fundamental porque trata, de modo amplo, de toda a educação do país. A atual LDB substitui a Lei nº 4.024, de 1961, que tratava da educação nacional.

Os artigos que mencionam a educação indígena na LDB, LDBN ou Lei Dracy Ribeiro, como ficou conhecida, são:

- O artigo 32, que estabelece que seu ensino será ministrado em Língua Portuguesa, mas assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.
- Os artigos 78 e 79, que estabelece como dever do Estado o oferecimento de uma educação escolar bilíngüe e intercultural que fortaleça as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena e proporcione a oportunidade de recuperar suas memórias históricas e reafirmar suas identidades, dandolhes, também, acesso aos conhecimentos técnico-científicos da sociedade nacional.

Ou seja, reproduz-se aqui o direito mostrado no artigo 210 da Constituição Federal. A LDB, reforça o objetivo de desenvolver currículos específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades indígenas e quilombolas, prevendo a formação de pessoal especializado para atuar nessa área e na elaboração e publicação de materiais didáticos específicos e diferenciados.

Exatamente nesse ponto, que fortalece a iniciativa Tremembé, em reforçar a educação básica, com a educação superior, ou seja, produzindo em pesquisas de fim de curso, material usado na escola básica em uma visão de complementaridade, um espécie de retroalimentação do processo ensino-aprendizagem, e o melhor, tudo amparado por lei.

Assim, observamos que a educação indígena mesmo estando presente em declarações, convenções e estatuto, está prevista e amparada pela Lei nº 9.394, na Constituição Federal, e com base no estabelecido por lei, foi idealizado e realizado o Magistério Pé no Chão.

Com relação à temática indígena na escola, ou seja, na escola regular, como conteúdo curricular foi garantido pela Lei nº 11.645, de 10 de março de

2008, tornando sua inclusão obrigatória em todo o currículo da rede oficial de ensino do país.

A temática foi incluída à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, aprovada em 2017. Ou seja, a temática segue abordando na escola não indígena, a questão indígena de maneira isolada, em períodos específicos, com uma visão ainda estereotipada, além de descontextualizada ou estagnada e estática no tempo como em uma fotografia.

2.2.1 Magisterio Pé no Chão

De acordo com a Reportagem do Jornal Diário do Nordeste do dia 21 de abril de 2018, em entrevista ao professor Babi Fonteles, idealizador do MITS, destacamos as seguintes informações características:

Raimunda Marques em uma palhoça de praia, sem lousa, carteiras nem merenda, a Raimundinha como era conhecida, ou a filha do cacique João Venâncio, alfabetizava crianças na escola "Alegria do mar", na Praia de Almofala, em Itarema.

Desde 1991, momento de criação da primeira escola em território Tremembé, a jovem professora Raimundinha já ensinava voluntariamente músicas e passos do torém, um saber específico da tradição tremembé. “Embora a vida tenha sido breve, ela desenhou a trilha de seu povo na educação”(Babi Fonteles).

Com parcerias, entre elas com a Universidade Federal do Ceará- UFC, os Tremembé retomaram em 1997, o projeto da educação diferenciada, reorganizando e expandindo as escolas indígenas, que atualmente somam sete (três com Ensino Médio) em Itarema. Contudo, “para ensinar as crianças da aldeia, era necessário ter os professores indígenas”(Babi Fonteles).

Dessa forma para suprir essa necessidade, em 2001, surgiu o curso de Magistério Indígena Tremembé (MIT), de nível médio. Na ocasião, 39 representantes da etnia receberam a formação no aldeamento, ficando todos aptos para ensinar nas séries do ensino fundamental e após a conclusão dessa etapa, a mesma turma ingressou, em 2006, no curso de Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS), incorporado posteriormente pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

2.2.2 MITS- Magisterio Indígena Tremembé Superior

Segundo a reportagem do professor e antropólogo Babi Fonteles que coordenou a primeira turma do Magistério Indígena Tremembé Superior (Mits) ao Diário do Nordeste de 21 de abril de 2018¹⁴:

“O MITS, denominado carinhosamente pelos tremembé de "Magistério Pé no Chão", ganhou esse nome por ter sido pensado, proposto e aplicado no próprio aldeamento. As aulas aconteciam em etapas mensais e itinerantes, revezando-se entre as comunidades da etnia. Dessa forma, lideranças, pais, mães, jovens e crianças indígenas tinham acesso aos encontros, podendo inclusive participar de momentos significativos”.(...)

“O MITS abriu uma porta muito importante para a educação indígena no Ceará, em se tratando da consolidação dessa modalidade, dessa perspectiva de educação a partir de um elemento fundamental que é a formação de professores indígenas, feita por uma universidade pública, uma das melhores do País”, afirma Babi Fonteles que morou cerca de um ano em Almofala para a pesquisa de sua tese de doutorado (2000-2001)”.

Uma característica que mostra a especificidade indígena está na atuação dos **“Troncos velhos”**, como são chamadas as lideranças locais entre os

¹⁴Acessado em 30 de abril de 2018, disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/protagonistas-com-o-pe-no-chao-1.1926940>

convidados para ministrar as aulas, em conjunto com docentes de diversas regiões do País. Entre a liderança Tremembé estava o cacique João Venâncio e o pajé Luís Caboclo, sendo remunerados para ensinar.

O MITS contou com total de 4 mil horas-aula, apresentando um currículo com base específica na interculturalidade, conjugando os saberes próprios da tradição tremembé com o conhecimento acadêmico próprio da formação para o exercício da docência.

Aqui surge um questionamento primordial para entender essa especificidade epistemológica, uma vez que a interculturalidade presente no projeto se limitava a estudantes indígenas, e assim marcando uma fronteira identitária com base na diferença, ou seja, existe interculturalidade parcial?

A festa de formatura ocorreu no dia 6 de março de 2013, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza. Uma festa que teve como destaque a dança do torém. E assim, todos se tornaram aptos a lecionar para o ensino médio.

Esse exemplo da comunidade indígena Tremembé, foi destaque para várias comunidades indígenas não somente do Brasil, mas também da América Latina, mostrando a educação inclusiva desde outra perspectiva, de inserção de indígenas a um processo de formação superior próprio, se tornando o principal marco de referência de curso superior indígena no Estado do Ceará.

O anseio da comunidade está na obtenção de outros cursos superiores e não somente o de formação de professores indígenas, mas especificamente, cursos de pós-graduação que atenda as particularidades dos povos indígenas e assim justificar a produção de mais material didático para as escolas diferenciadas, como constatadas nas entrevistas.

2.3 SABERES TREMEMBÉ DO CÉU, DA TERRA E DO MAR

Cinco dos livros, parte do objeto desse estudo, foram publicados pela Universidade Federal de Minas Gerais, tais livros passaram a servir de base, como livros didáticos para as escolas diferenciadas, pois foram confeccionados pelos próprios indígenas Tremembé em colaboração com dois dos Professores do MITS, Babi Fonteles e Sonha Malaquias, organizadores das obras.

Essa coleção está relacionada com o modo de vida Tremembé, comunidade típica de pescadores, e também com os fundamentos legais da Educação diferenciada escolar indígena, bem como com a preocupação de manutenção dessa cultura.

Assim vemos, que a coleção Saberes Tremembé do Céu, da terra e do mar, busca manter viva a cultura da pesca, modo de sobrevivência de muitas famílias da comunidade e utiliza a educação diferenciada com suas bases legais como elemento de endoculturação, ou seja, a transmissão dos conhecimentos indígenas dos mais velhos para os mais novos, agora com a vantagem de possuírem em mãos, material escrito de suas culturas e eles figurados como escritores, atores, pesquisadores ativos de suas próprias histórias e culturas.

2.4 A SOBRECULTURALIDADE E SUAS FASES NO CASO TREMEMBÉ

A Sobreculturalidade, conceito criado no intuito de mostrar em uma única optica as várias fases de um processo de contato cultural, e ao mesmo tempo de manutenção e sobrevivência de uma cultura, deixa claro nesse caso concreto do povo Tremembé com sua produção e contribuição científica, que estão explícitos todos os elementos e fases do conceito abordado.

Estas etapas já debatidas e trabalhadas por vários teóricos (pedagogos e antropólogos) de maneira isolada são as seguintes: (intra – multi – inter e transculturalidade), fases, do “conhecer-se e aceitar-se”, “conhecer e respeitar o

outro” e “interagir” na busca de um desenvolvimento pessoal e comunitário, a fim de gerar uma transformação ou uma “transcultura” (nas formas de pensar e atuar consigo e com os demais), para, em seguida, lograr a “sobrevivência” como um ser humano e cultural, passível de direitos e deveres.

Sendo assim, o conceito de Sobreculturalidade, enquanto “cultura de sobrevivência”, foi direcionado às culturas que foram obrigadas a passar pelas várias etapas do processo de contato cultural para sobreviverem e não caírem no esquecimento.

Na primeira fase do processo, a fase da intraculturalidade, com base na autoaceitação e no autorreconhecimento, está clara na medida que os alunos escritores do objeto de estudo dessa pesquisa, buscam através de suas memórias e das memórias de sua comunidade, o fortalecimento identitário necessário para seguir em frente, seja na luta e resistência como na manutenção e propagação de suas culturas.

Vale ressaltar que atualmente são utilizados pela FUNAI como critérios para identificar uma pessoa como indígena o de autodeclaração e o de autorreconhecimento, além do reconhecimento desse indivíduo como integrante de uma coletividade pelo seu grupo de origem.

Ao buscar elementos alheios a sua cultura, dentre os quais destacamos os próprios estudos universitários e a conclusão dos mesmos, publicação e divulgação desse material em bibliotecas nacionais e internacionais, estão matendo promovendo e fortalecendo o contato com o outro, com a diversidade cultural, ou seja, com a multiculturalidade, segunda fase do processo da sobreculturalidade.

A partir do momento que esse material passa a ser divulgado e buscado por pesquisadores e alunos indígenas e não indígenas, está ocasionando uma interação indireta com a cultura e direta à medida que esse material é apresentado a comunidade em geral, onde os próprios autores e atores desse

cenário divulgam e apresentam seus materiais. Fazendo surgir, portanto a terceira fase do processo de sobreculturalidade, que se baseia na interação cultural, ou seja, a Interculturalidade.

Depois que ocorre essa interação direta ou indireta, gerando uma visibilidade dessa comunidade, inicia-se um processo de transformação cultural, na maneira de se vê essa comunidade, pela cultura não indígena, fazendo ocorrer também uma transformação e quebras de paradigmas, onde o indígena antes como objeto de estudo passa a ser o pesquisador, investigador de sua própria história, cultura e sociedade, vindo à tona, portanto, a quarta fase do processo de sobreculturalidade, mostrando assim, a aplicabilidade do conceito e que o mesmo pode ser utilizado em vários aspectos da cultura dos povos indígenas.

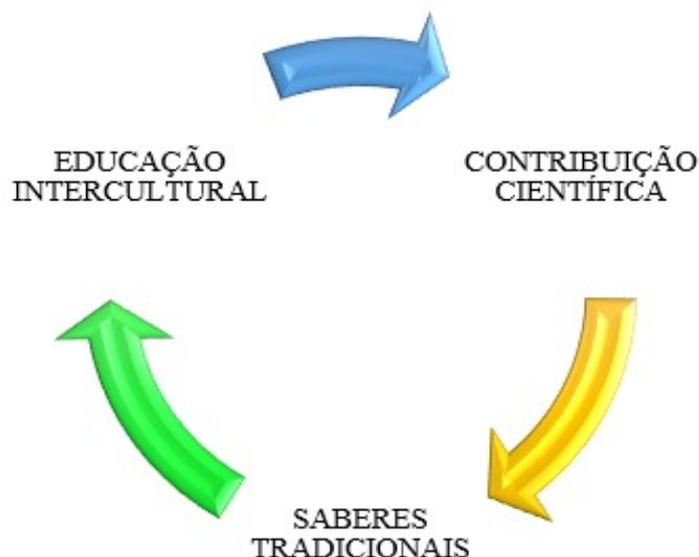
Com base nos saberes tradicionais, o povo Tremembé, faz uso das ferramentas da Educação Intercultural e Diferenciada para contribuir cientificamente na produção de livros detalhando fatores como: História, costumes, tradições, educação, medicina tradicional e principalmente a luta travada por suas terras e territórios, alguns publicados pela Universidade Federal do Ceará- UFC, e outros publicados pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, gerando a visibilidade e empoderamento do povo Tremembé.

Desde essa perspectiva essa pesquisa parte da seguinte triangulação conceitual: SABERES TRADICIONAIS- EDUCAÇÃO INTERCULTURAL – CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA, onde os saberes tradicionais se fazem presente na vida social, cultural e política dos indígenas Tremembé, evidenciando seus valores e modos de vida, em interação profunda com uma rica biodiversidade dos ecossistemas aquáticos e terrestres de Almofala.

As vidas urbana e rural se entrelaçam em Almofala e os elementos de adaptação ou adequação, como no caso, a educação diferenciada e indígena se torna elemento primordial de visibilidade e empoderamento, fazendo surgir uma

contribuição científica, capaz de gerar um enriquecimento mútuo entre as culturas em contato. Como expressa o esquema estrutural abaixo:

FIGURA 1 – Triangulação conceitual



Fonte: Elaboração própria

Com essa triangulação, podemos visualizar que na base do modelo educacional indígena encontram-se os saberes tradicionais, que utilizados pela educação diferenciada, podem contribuir com a ciência.

De acordo com o objeto de estudo dessa pesquisa e a delimitação do mesmo, chegando aos 20 trabalhos de conclusão de licenciatura dos alunos Tremembé, publicados pela Universidade Federal do Ceará e alguns pela Universidade Federal de Minas Gerais, sendo contribuições científicas, através da educação diferenciada com base nos saberes tradicionais, podemos vê-los listados da seguinte forma:

1. Fauna e Flora Tremembé da região da mata
2. Aldeamento Tremembé de Almofala: O espaço do Mangue Alto ontem e hoje
3. Luta e resistência dos Tremembé da Região da mata pelo seu território
4. O lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera

5. O lugar do Mangue na Cultura Tremembé
6. A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim: histórias dos pescadores Tremembé
7. Dicionário do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar
8. Manual do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar
9. Descobrimo a vida do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar
10. Tremembé Deuses do mar: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar
11. Fundamentos legais da Educação Escolar Indígena: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar
12. Primeiras letras na Cultura Tremembé: livro do professor
13. Primeiras letras na Cultura Tremembé: livro do aluno
14. Jogos matemáticos para escolas indígenas Tremembé
15. História dos Tremembé: memórias dos próprios índios
16. História da Educação Diferenciada Tremembé
17. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
18. Medicina Tradicional do povo Tremembé
19. Dicumê Tremembé de antes e de hoje
20. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé

Desde uma análise inicial em nível de conteúdo, ou pré-análise no pensamento de Bardin (2009), e com uma análise de discurso inicial de nível fundamental, fazendo referência ao questionamento de quem tratam os textos, observamos que, a escrita está diretamente relacionada com as principais necessidades da comunidade Tremembé, ou seja, seus TCCs são uma espécie de chamada de atenção aos problemas enfrentados por esses indígenas até os dias de hoje e não podem ser considerados, portanto, meros trabalhos acadêmicos.

Entre os assuntos abordados em seus livros vemos claramente essa chamada de atenção, aos pontos de suas necessidades e debilidades como

comunidade, podendo estar divididos em cinco blocos da forma apresentada pela tabela abaixo:

FIGURA 2 – Tabela de temas abordados nos livros

Quantidade de livros	Temas abordados
4 livros 1 DVD	Terras e territórios
5 livros	Meios de subsistência/pesca
4 livros	Educação/ educação diferenciada
3 livros	História/ resgate histórico
3 livros	Medicina /cultura/ mitos e lendas

Fonte:Elaboração própria

Assim, 4 livros e um DVD, tratam das lutas e resistência pelas terras e territórios, bem como esclarecendo sobre as riquezas naturais encontradas nessa região, pertencentes a esse território indígena.

Também, 5 livros tratam dos seus meios de subsistência entrando em evidência a importância da pesca e da profissão do pescador, nos rios e no mar que correspondem a região de Almofala, destacando até mesmo um manual e um dicionário sobre o vocabulário do pescador.

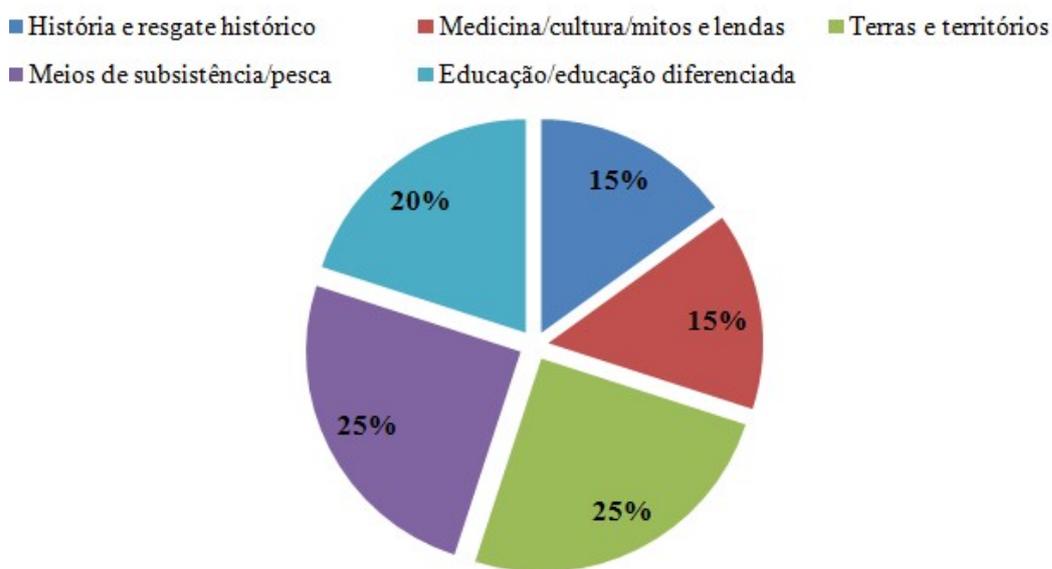
Em continuação, 4 livros enfatizam a importância da educação com seus fundamentos legais, a importância da Educação Diferenciada Indígena, desde as primeiras letras associadas a cultura Tremembé, bem como, métodos didáticos utilizados, mostrando como exemplo os jogos matemáticos.

Em outro bloco, 3 livros buscam além de um resgate histórico, passando da oralidade para a escrita, através das memórias dos próprios indígenas, enfatizam elementos históricos relativos a alimentação ou o “Dicumê”, entre suas narrativas e a importância dos mesmos na Educação Diferenciada Tremembé, como espécie de ferramenta de manutenção da cultura da comunidade.

Os últimos 3 livros discutem os elementos culturais indígenas da comunidade, entre eles: a importância de sua medicina tradicional, os mitos, lendas e encantados, além de um inventário de elementos da cultura material Tremembé.

Em suma, observando esses 5 blocos descritos e apresentados na tabela anterior, vemos claramente indícios em suas escritas que foram relacionadas as necessidades desse povo, pois as 20 obras, divididas em 5 blocos nos direcionam as principais temáticas abordadas, relativas chamadas de atenção implícitas nessas produções, como bem observamos no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1– Blocos de Temas



Fonte: Elaboração própria

O gráfico deixa claro que os indígenas Tremembé estão utilizando a Educação diferenciada como ferramenta e arma na luta por mudanças sociais, uma vez que utilizam de forma crítica e reivindicatória, ou seja, foram capazes de perceber a importância, repercussão e visibilidade que alcançariam com esse material, que atravessou fronteiras e no momento serviu de estudos na Europa

na universidade de Burgos, como objeto de estudo de desenvolvimento de uma tese no programa de doutorado de Educação.

Em outras palavras o que buscam e deixaram registrado nesse material, é uma visibilidade da luta pela demarcação e posse de suas terras ocupadas, pois sem terras e territórios não existe comunidade indígena, e também uma denúncia sobre seus meios de subsistência que com o passar dos anos foram sendo roubados das terras Tremembé, por posseiros e empresas que ali se instalaram.

Também buscam que essa reivindicação se fortaleça e se propague com a educação diferenciada e que essa possa contar suas verdadeiras histórias e não expor o indígena como povos que viveram, comeram, andavam e sim, conjugar esses verbos no presente, pois nunca deixaram de existir, com seus costumes, tradições, lendas e mitos e até mesmo sua medicina e suas curas realizadas pelos pajés, que utilizam entre seus ritos o Torém.

2.5 O TORÉM E A COSMOVISÃO TREMEMBÉ

O Torém adormecido durante muitos anos pela cultura Tremembé, retorna durante o século XX marcando a diferenciação, trazendo visibilidade e notoriedade social.

Trata-se de um ritual de dança circular, e expressão corporal bem marcada, utilizado em momento de evidenciar a ancestralidade, em épocas especiais e em situações de chamadas de atenção, mostrando a luta da comunidade e se tornando o principal elemento marcador da singularidade Tremembé e ao mesmo tempo principal ferramenta de luta pela visibilidade, para a reconquista de seus territórios.

O ritual do Torém passa a ser então, elemento também usado na escola indígena entre as crianças que vinha perdendo o hábito. Assim passa a transmitir sua força como elemento político e de diferenciação e transmitido por endoculturação.

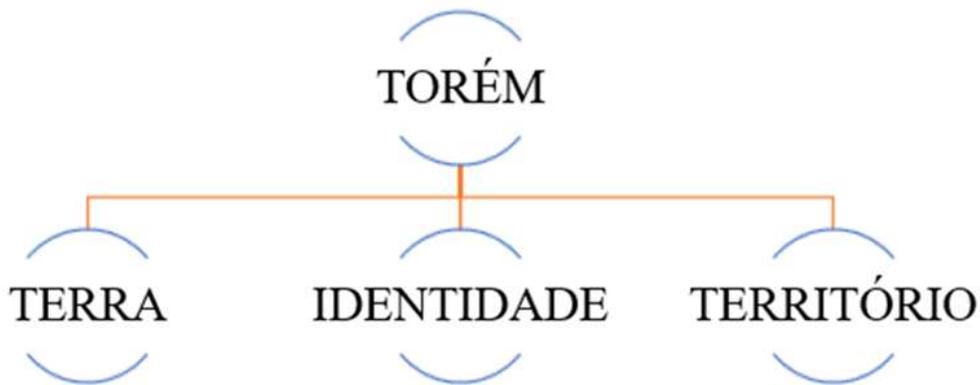
Nesse ritual, são evocados sempre seus antepassados no intuito de obter uma explicação para alguma situação específica, ou problemas sociais que a tribo vem enfrentando, e as forças da natureza, que, segundo alguns membros destas etnias, “está muito triste com a ação do homem”.

Como bem explica Durkheim: “As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem no seio dos grupos reunidos e que são destinados a suscitar, a manter ou refazer certos estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1978).

Assim o Torém, passa a ser a principal ferramenta de reafirmação identitária e ao mesmo tempo, elemento capaz de agrupar as etapas do processo de sobreculturalidade na prática, pois tal processo busca alcançar a CONVIVÊNCIA INTERCULTURAL – ou também a TRANSCULTURALIDADE – através da SOBREVIVÊNCIA, e que poderíamos utilizá-lo adequadamente na educação diferenciada em comunidades de povos originários para dar uma resposta ao atual movimento indigenista latinoamericano.

O esquema estrutural abaixo mostra o Torém como o ápice da construção do ser indígena, onde o mesmo com base na terra e no território, consolidam suas identidades, e geram uma transformação no olhar do outro sobre a comunidade indígena, pois ao participar do Torém como ritual ou dança, o visitante por meio dessa interação, sairá transformado, entendendo o Torém como elemento cultural, mas também como elemento político de diferenciação.

FIGURA 3 – Estrutura do Torém



Fonte: Elaboração própria

Essa transformação é observada em todos os códigos de conduta, nos valores morais, nas regras sociais e culturais como na própria língua, e na educação, que são as bases de orientação de qualquer indivíduo no mundo de acordo com seu entorno cultural.

Assim, o processo sobrecultural, enquanto depende da relação de um indivíduo consigo mesmo e com os outros sob forma de autoaceitação, encontro, conflitos e interação, gera uma problemática cultural e, por isso, muda ou se transforma por adequação e sobrevivência.

Nesse momento, com o Torém evidenciamos o processo Sobrecultural como uma situação de ajuste social de um indivíduo com o grupo ao que pertence e, ao mesmo tempo, com os grupos ao seu entorno, não se tratando de um processo meramente aculturador, e sim somador de várias culturas, a fim de tornar o indivíduo conhecedor de várias realidades, para perceber que a cultura é viva e, portanto, versátil.

2.6 OS SABERES ANCESTRAIS/ TRONCOS VELHOS TREMEMBÉ

Nesse apartado utilizamos além de material colhido com as entrevistas, uma interpretação de um DVD de autoria indígena, denominado “Choro do Canoé: valorização dos saberes dos troncos velhos”.

Tamanha é a ligação indígena com a terra e seus territórios que os anciãos tremembé são chamados de “troncos velhos”, como mencionado anteriormente, e seus jovens de “pequenos galhos”, fazendo uma analogia ao bosque, as suas árvores e suas raízes fincadas na terra.

Conforme narrativas, observamos a realização de rodas de conversa, onde no comando dessas rodas, o Cacique João Venâncio fala sobre a importância do fortalecimento dos saberes dos “troncos velhos”, chamando a atenção dos jovens indígenas sobre esses saberes, trazendo como referência os troncos velhos: Seu Carioquinha e Dona Tereza, que estão presentes na roda.

O cacique ressalta sempre, a relevância em estabelecer a articulação entre os povos indígenas e os projetos que apoiam a sua causa. Nessas rodas surgem sempre alguns relatos interessantes sobre as experiências dos “troncos velhos”. Nesse material, um dos indígenas relembra a história de um “tronco velho” muito esperto, conhecido como Antônio Chico, que se utilizava da natureza para escapar dos perigos de seus antepassados e sempre dizia que “sem esperteza não há sobrevivência”.

Outros indígenas falam que os povos que habitam as comunidades tremembé são como uma grande família, e relatam o apoio daqueles chamados de troncos velhos, os detentores dos saberes, sobre as curas a partir da grande experiência com plantas medicinais.

Isso reforça a importância das experiências e conhecimentos que os “trancos velhos” possuem. O Cacique João Venâncio e o Pajé Luiz Caboclo seguem com as visitas às casas dos indígenas “trancos velhos” do povo Tremembé habitualmente, valorizando esses saberes e na tentativas de mantê-los vivos.

O conhecimento acumulado desses “trancos velhos”, segundo os indígenas, contribui para a melhoria de vida de seu povo. Daí a importância da valorização dos seus saberes, e a busca pela utilização e transmissão dos mesmos pela educação.

Nessa perspectiva, destacam-se o saber popular característico desses povos, o reconhecimento de suas identidades enquanto povos indígenas e não como comunidade, o conhecimento dos “trancos velhos” acumulado ao longo dos anos e o respeito e gratidão dos indígenas mais novos para com os mais velhos.

Outro elemento que se evidencia é a educação contextualizada, promovida pela Escola Indígena Jardins das Oliveiras, por meio da qual os saberes dos “trancos velhos” são valorizados. Nesse sentido, aponta-se para a importância do registro desses saberes e para o reconhecimento de sua história, ressaltando as conquistas, as lutas e resistência de seu povo frente às adversidades impostas pelo sistema capitalista.

O sentimento de gratidão aos “trancos velhos” é algo relevante a ser considerado quanto ao modo como os indígenas exercem o respeito aos mais velhos, conforme se percebe na fala do Cacique João Venâncio: “[...] se cada um de nós estamos hoje num canto, em uma canção, respondendo compromisso, atendendo compromisso, a gente deve muito a esses trancos velhos [...]”. Nesse contexto, os saberes da população indígena se mantêm vivos, e perpassam de geração em geração, na medida em que esse respeito é reforçado entre os membros de seu povo.

Os indígenas Tremembé destacam o sentimento de amor pela terra quando expressam que “a terra não tem um dono”. Eles visualizam a terra como uma mãe, como um elemento sagrado da natureza. Em seus discursos, os indígenas expressam, também, ferrenhas críticas aos inimigos da natureza, a exemplo dos exploradores dos recursos naturais e os posseiros que agem em atendimento aos interesses do capital.

Em contraponto a esses inimigos, os indígenas estabelecem estratégias de resistência. Para tanto, se utilizam da esperteza para escapar dos perigos da vida, conforme reforçado por um “tronco velho”: “sem esperteza ninguém sobrevive”. A autodefesa é um dos elementos característicos do discurso indígena quando o assunto é a preservação do meio ambiente.

Outro elemento importante no discurso dos indígenas é o fato de que todos contemplam em suas falas o espírito da coletividade, como quando o Cacique João Venâncio diz: “com essa história de nós divulgar nosso trabalho, dizer onde nossos povos estão. É uma obrigação de nós fazermos isso, porque nós estamos morrendo”. Essa fala profere um discurso em que o pronome “nós” aparece com bastante frequência, denotando significativamente um espírito coletivo do povo Tremembé.

Em uma de suas falas, o Cacique João Venâncio infere: “não sabemos quando nós vamos sair daqui. A nossa vida não é aqui, porque nossa carne, esse nosso sangue, essa nossa vida que nós temos não é nossa, ela é do infinito, é do universo”. Podemos perceber que a questão do sobrenatural é algo bastante forte nos discursos do povo Tremembé, que enxerga a vida/morte como um ritual de passagem para um mundo melhor.

Por fim, os discursos proferidos pelos povos indígenas Tremembé carregam consigo sentimentos, angústias, orgulho, preocupação, enfrentamento, resistência, luta e forte ligação com os elementos da natureza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS

- Durkheim, É. (1978). *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural.
- Fonte, S. S., & Loureiro, R. (2011). *Educação Escolar e o multiculturalismo: crítica a partir de Simone de Beauvoir*. Campinas: Pro-posições.
- Jiménez, A.E.(2006). *Transferencia de conocimientos, traducción e Interculturalidad: escenarios y actores desde una perspectiva universitária*. En: Espina Bárrio, A.B.(Ed) *Conocimiento Local, comunicación e interculturalidad*, Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editorial Massangana.
- Martins, D. V. (2016). *A intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de fortaleza-ce, Brasil: caminho para o desenvolvimento e sobre culturalidade*. Salamanca: Ediciones Vitor.
- Moreira, A. F., & Candau, V. M. (2003). *Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação.
- Palitot, E. M. (2009). *Na mata do sabiá: contibiuições sobre la presença indigena no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- Sarlo, B. (1999). *Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura em la Argentina*. Buenos Aires: Ariel.
- Vieira, J., Muniz, A., & Gomes, J. (2007). *Povos Indígenas no Ceará: Organização memória e luta*. Fortaleza: Memorial da Cultura cearense, do Centro Dragão do Mar de arte e cultura
- Brasil. *Constituição Federal*. Senado Federal, (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm, acesso em: 29/05/2018.
- Brasil. *Constituição Federal*. Senado Federal, (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm, acesso em: 29/05/2018.
- Brasil. *Estatuto da Associação das mulheres indígenas Jenipapo-Kanindé-AMIJK*, (2004). Aquiraz-CE, 09 de Junho de 2018.
- Brasil. *Estatuto do Índio*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm. Acesso em: 03/03/2018.
- Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

CAPÍTULO III

A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DOS TREMEMBÉ, ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DIFERENCIADA COM BASE NOS SABERES TRADICIONAIS.

Neste capítulo será abordada a divisão em blocos dos livros escolhidos como objeto de estudo, como uma pré-análise do material, buscando com base no paradigma indiciário, indícios das verdadeiras intenções implícitas no material produzido, para em seguida desenvolver as análises de conteúdo e discurso para uma posterior inferência dos resultados mostrando os indícios chegados e apresentação dos mesmos nos gráficos elaborados com base nas respostas da entrevista semiestruturada realizada. Como mencionado anteriormente, as análises apresentadas à continuação, fazem parte da coleção Magistério Pé no Chão, elaborados como trabalhos de fim de curso da primeira turma de Magistério Indígena Tremembé de Nível Superior.

3.1 PRÉ-ANÁLISE E DIVISÃO EM BLOCOS DE CHAMADAS DE ATENÇÃO

Depois de uma pré-análise do material escolhido como objeto de estudo, ou seja, as 20 monografias dos estudantes indígenas Tremembé, com base no paradigma indiciário, chegamos a conclusão da existência de cinco blocos, que em um primeiro momento foram relacionados com alguns indícios como: os problemas enfrentados pelas comunidades indígenas e ao mesmo tempo que poderiam tratar-se de chamadas de atenção, sobre os problemas pertinentes à causa indígena.

Tais blocos foram ordenados de acordo com as temáticas abordadas e separados da seguinte forma: Terras e territórios; Meios de Subsistência e Pesca; Educação e Educação Diferenciada; História e resgate histórico e Medicina, cultura, mitos e lendas.

Portanto, a continuação, iremos aplicar em cada bloco a metodologia de análise de conteúdo, seguida da análise de discurso com base nos indícios observados na tentativa de detectar as chamadas de atenção, de interesses e os símbolos nas temáticas abordadas pelos alunos indígenas. Cada bloco foi elencado de acordo com a quantidade de livros (títulos) sobre cada temática.

Inciaremos abordando uma reflexão a partir da Análise de Conteúdo (AC), que segundo Bardin (2009), se trata de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos dos conteúdos, das mensagens e indicadores, permitindo a inferência de conhecimentos sobre as condições de produção ou recepção dessas mensagens. Esse método ocorre em três fases: pré-análise (organização); exploração do material (codificação, decomposição ou enumeração); tratamento dos resultados e inferência.

Para a análise de Discurso (AD), trabalharemos, entre outros, de acordo com Greimas (1975) citado por Gregolin (1995, p.15), quando nos diz que: "(...)um texto é formado por uma estrutura que articula diferentes elementos e constitui um sentido coeso e coerente."O autor salienta que um texto, na visão da AD pode se constituir de três níveis:

1. Um nível fundamental – ponto de partida de geração de sentido no texto (relação de diferença entre dois termos dentro de um universo semântico);
2. Um nível narrativo – narra o percurso gerativo de sentidos e de valores fundamentais a partir de um sujeito, por meio de quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção;
3. Um nível discursivo – converte as estruturas narrativas em discursos quando assumidas pelo sujeito da enunciação, contextualizando,

sujeito, tempo e lugar.

Também seguiremos o pensamento de Mazière (2017), quando nos diz que a Análise de Discurso “configura enunciados a analisar em *corpora* construídos, geralmente heterogêneos, segundo um saber assumido, linguístico, histórico, político e filosófico”. Assim observamos que o discurso está estruturado, levando em consideração todos esses aspectos agrupados e não de maneira isolada.

3.2 BLOCO 1 - TERRAS E TERRITÓRIOS

Nesse bloco observamos a presença de 4 livros e um DVD, sendo os mesmos: *O lugar do Mangue na Cultura Tremembé; Luta e resistência dos Tremembé da região da Mata pelo seu Território; Aldeamento Tremembé de Almofala: o Espaço do Mangue Alto ontem e hoje; Fauna e Flora Tremembé da região da Mata e Olagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera*, que abordam a temática sobre terras e territórios, seja na esfera histórica, como no âmbito de demarcações e até mesmo sobre a exploração dos recursos naturais por parte de posseiros, fazendeiros e empresários.

3.2.1- Análise de Conteúdo

Com base nos pressupostos de Bardin (2009), observamos que esse bloco apresenta uma breve análise de estudos etnográficos realizados por um grupo de professores indígenas das escolas diferenciadas e não elaborado de forma individual, no decorrer do curso de Magistério Indígena Tremembé (MIT) e o Magistério Indígena Tremembé Superior (MITS). Trata-se de livros que fazem parte da coleção “Magistério Pé no Chão”, publicado em Fortaleza, no ano de 2014.

Todo o material passa a ser apresentado como material paradidático ou didático descrevendo os objetivos do material a ser utilizado por professores com

a finalidade de contribuir com o conhecimento e reconhecimento da história da comunidade indígena Tremembé para em seguida versar sobre a territorialidade Tremembé.

Utilizando como exemplo um dos capítulos do livro “Luta e Resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território” O segundo capítulo denominado “O povo Tremembé e seu Território”, situa o povo Tremembé no que se refere aos aspectos geográficos, históricos, culturais sociais, econômicos e religiosos.

O material também aborda sobre a invasão de empresas que passaram a explorar os recursos naturais da região como exemplos citam a invasão da Ducoco e as resistências na Região da Mata, relatando como se deu a invasão da empresa Ducoco no território Tremembé nas localidades de Tapera e Varjota e a luta dos indígenas pelo direito de permanecer em suas terras.

Os autores desse bloco relatam a luta e resistência Tremembé, a criação do salão base e sede da primeira escola como também espaço de reuniões para planejamentos das ações de resistência aos problemas gerados pela empresa Ducoco, que se instalou na região, trazendo medo e tortura física e psicológica para a população Tremembé, bem como outros problemas como os impactos causados pela invasão citando exemplos como: migração, exploração, seca, entre outros.

Mas, como inferência, observamos como elemento de discursão central, a demarcação das terras indígenas, além de demonstrar as relações de poder que se estabelecem contra o povo Tremembé e as denúncias sobre a invasão de suas terras e exploração das mesmas com empresas locais, instaladas em território indígena.

3.2.2- Análise de Discurso

Ao analisar o material desse bloco “Terras e Territórios” sob a ótica da Análise de Discurso (AD) percebemos outra visão epistemológica frente ao científico que traz como base a linguagem e os sentidos explícitos nos discursos dos personagens dos textos.

Seguindo essa mesma linha de raciocínio, observam-se no material, algumas partes que mostram os níveis da Análise de Discurso. Percebemos que fala da história de luta e resistência do povo Tremembé da área da mata contra a invasão da empresa Ducoco.

Podemos também sublinhar os termos “luta”, “resistência” e “invasão”, além dos conceitos de Terra e de Território, como ponto de partida que darão sentido a toda narrativa, por serem os dois primeiros considerados valores positivos, contrapondo-se ao terceiro, nesse viés, visto como negativo. Tais sentidos perpassam as relações apresentadas durante toda narrativa do texto em análise sendo considerando, portanto como nível 1 da (AD).

O nível dois, referente à narrativa no sentido de valores, é perceptível no percurso descritivo do texto, quando mostra a **manipulação** da empresa Ducoco sobre a população Tremembé, com o propósito de invadir suas terras, ao mesmo tempo em que causa a destruição em diversos aspectos, em um eterno jogo de sedução, com promessas de trabalho, moradia, escola e até hospital. Como podemos ver nas falas A e B, de alguns moradores da comunidade explícitas nos textos, citadas por Filho et al (2014, p.20 e 21).

- A) De imediato, as ações ameaçadoras e repressivas da Ducoco recaíram sobre a Tapera. Toda área foi cercada e os moradores obrigados a receber indenizações pelas benfeitorias ali existentes. (...) Em face da destruição de suas antigas moradias, as famílias que não tinham para onde ir obtiveram permissão da empresa para construir novas casas numa pequena extensão de terras

alagadiças, próximo do mangue, nas margens do rio.(...)(Oliveira Junior, 1998, p.65).

- B) Eles chegaram prometendo casa para os moradores, terra para trabalhar; quem tivesse um jumentinho, podia vender que eles iam dar trator para ajudar nos trabalhos; que daria escolas para os filhos e até hospital (Tio Trival, liderança da Tapera).

Os textos relatam que mesmo diante da pressão sofrida por meio da ação de empresas instaladas na comunidade, houve resistência indígena, mostrando competência ao buscar alternativas coletivas que pudessem contribuir na luta contra a citada empresa. Assim, observamos o que na AD chama-se de “saber”, “poder” e “querer”.

Os textos revelam o apoio da igreja católica, bem como a busca por conhecimentos jurídicos, pois somente os saberes tradicionais não seriam suficientes para a luta indígena. Mencionam também algumas tentativas pouco exitosas, destacando a demarcação de uma pequena parcela de terra pelo Usucapião, construíram o Salão da Varjota, registrado nos textos como marco histórico de importância na resistência do povo Tremembé, lugar de reuniões, primeira escola e símbolo da comunidade.

Nesse sentido, observamos que a **performance** do texto aparece nas ações diversas contra a invasão das terras da comunidade por empresas e fazendeiros, dentre essas ações podemos, citar: Reação dos moradores que se reuniram para conversar e pensar, decidindo procurar a igreja para buscar conhecimento; Dialogar com a empresa para tentar uma negociação amigável; Contactar as aldeias para buscar respaldo na lei; Conquistar terras pelo Usucapião e construção do Salão da Varjota.

Já como última fase o que na AD, Gregolin (1995) chama de **sanção**, observamos que toda luta e resistência dos Tremembé representa alguns indícios de sanção positiva por suas conquistas, tais como o direito a terra e território para continuar buscando junto à justiça e a demarcação dos mesmos. Porém, os

aspectos que podem se caracterizar como sanção negativa ainda lidera, pois até os dias atuais, o processo de demarcação da terra Tremembé encontra-se paralisado, esperando a conclusão de perícia antropológica.

Observamos também que os autores relatam que a influência das empresas instaladas em território Tremembé retardam o processo de demarcação e homologação das terras indígenas, conforme observado no material em análise, quando os autores apresentam o relato do Pajé Luiz Caboco (Filho et al, 2014, p.48).

A relação da comunidade com a empresa está sendo feita através da justiça, e assim nós vamos nos relacionando com ela mais dessa forma. Os índios que estão trabalhando lá, por um lado, é muito ruim, porque dá a entender que nós estamos a favor da empresa, mas do outro lado a gente vê que é devido a precisão das famílias, devido a destruição que a Ducoco trouxe que foi muito grande, a falta de opção e por não ter para onde ir. Não é porque ela é boa até porque o nosso povo trabalha como escravo para ela. (...)

Seguindo a AD, percebemos o nível 3 na estrutura do texto, o mesmo é chamado de nível discursivo, que segundo Gregolin (1995, p.16) se caracteriza como o patamar mais superficial do percurso gerativo de sentido. Segundo o autor: “As estruturas narrativas convertem-se em discurso quando assumidas pelo sujeito da enunciação: ele faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de espaço, de tempo e de figuras”, contando a história a partir de um determinado “ponto de vista”. No texto em análise, o sujeito da enunciação conta com as seguintes opções:

- a) Os personagens são identificados explicitamente no texto, por meio de características que os tornam visíveis, muitos deles até nomeados pelos autores;
- b) A espacialização está bem caracterizada, frisada e demarcada desde o início ao fim como “povo Tremembé da área da mata” e mais

especificamente “das aldeias de Varjota e Tapera”, localizadas no “Aldeamento de Almofala (Itarema-CE)”;

- c) A temporalização em que se deu todo contexto de produção do texto apresenta-se de maneira indefinida, quando os autores dizem que este foi resultado de anos de estudo de um grupo de professores, que fizeram o Magistério Indígena Tremembé e o Magistério Indígena Tremembé Superior, no entanto o texto teve sua conclusão no ano de 2014. Porém, se levarmos em consideração os recortes temporais mencionados durante a narrativa que dá sentido a todos textos em interlocução com o contexto dos personagens, teremos períodos que contam, desde o início da colonização, passando pelo século XVI e século XVIII, até o período mais importante da discussão, entre os anos 1975 e 1979 quando ocorre a ação crucial da invasão da empresa Ducoco, no território Tremembé.

3.3 BLOCO 2 – MEIOS DE SUBSISTÊNCIA / PESCA

Nesse bloco observamos a presença de 5 livros, sendo os mesmos: *A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim*; *Tremembé deuses do Mar: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*; *Descobrimo a vida do pescador Tremembé*; *Manual do pescador Tremembé* e *Dicionário do pescador Tremembé*, que abordam a temática sobre o principal meio de subsistência dos povos Tremembé. Povos pesqueiros de Almofala, em suas vilas de pescadores, que tiram do Mar de Almofala e do rio Aracatimirim a principal base de seu sustento. Os livros dão uma ênfase na atividade da pesca e no papel do pescador para toda a comunidade Tremembé, considerados nos textos como os Deuses do Mar.

3.3.1 – Análise de Conteúdo

Para a análise desse material elencamos algumas categorias presentes em todas as obras: meios de subsistência, embarcações, sustento, pescador e pesca. Todas essas categorias perpassando pela história, cotidiano e o modo de

ser do pescador de Almofala. Entre as subcategorias encontramos: tipos de embarcações, manual e dicionário do pescador, modos de pescas entendendo como pesca no mar e pesca no rio e os tipos de peixes e crustáceos.

Encontramos na pesca o elo entre todos os livros e que será, portanto, nosso ponto de partida para análise do material. Utilizaremos o método de Bardin (2009), sendo já, esse momento considerado de **Pré-análise**.

Os livros apresentam de forma realista o modo de vida e prática diária dos pescadores da etnia Tremembé. Relatam sobre seus instrumentos de trabalho, a vida no mar com todas as suas dificuldades, rituais e os tipos de peixes e crustáceos que são pescados por eles, bem como as histórias de pescadores. Diante do material nos propomos, portanto conhecer como acontece a pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim através dos relatos dos pescadores Tremembé, uma vez que foi a categoria mencionada em todas as obras.

De acordo com dos dados analisados como **inferência**, percebemos a riqueza da cultura do povo Tremembé, nos dando conta da importância que a atividade pesqueira possui para esse povo. São exímios conhecedores dos mais variados tipos de embarcações, ferramentas de pesca e peixes existentes, tanto no rio Aracatimirim quanto no mar de Almofala, utilizando seus conhecimentos ancestrais para alimentar suas famílias durante gerações.

O modo de subsistência do povo Tremembé está diretamente ligado à atividade pesqueira que desenvolvem garantindo sua sobrevivência. Durante muito tempo, o peixe era utilizado como uma espécie de moeda de troca, sendo trocados por outros tipos de alimentos que eles também consumiam mais não produziam na localidade. Relatam um período de muita fartura.

Os instrumentos de pesca, incluindo suas embarcações eram, inicialmente, produzidas por eles mesmos, principalmente as canoas e jangadas. Era uma tradição que passava de geração para geração, e que segundo os relatos observados nos textos, encontra-se ameaçada por imposição do sistema

capitalista e abertura da comunidade. Hoje praticamente não existem mais embarcações feitas por eles mesmos, quase todas são compradas em outras regiões e são mais sofisticadas.

De acordo com os dados analisados podemos observar dois pontos de vista: por um lado a modernidade das embarcações trouxe mais segurança para a atividade pesqueira; por outro lado pode significar a perda do processo de endoculturação, ou seja, a perda de uma parte importante da cultura desse povo que seria o processo de construção das embarcações não mais ensinado para os mais jovens, e isso podem gerar um processo de aculturação e com que esse conhecimento se perca com o passar dos anos.

Assim podemos observar que o material produzido pelos alunos Tremembé tem um papel fundamental no sentido de preservar a cultura e a memória do povo Tremembé, principalmente com relação à atividade pesqueira tão importante para eles, sendo o principal meio de subsistência. Todo o material que foi objeto desta análise cumpre um papel fundamental, não se tratando apenas de um mero compilado de falas e relatos, mas através da riqueza do seu conteúdo é possível compreender a importância e a necessidade de preservar a cultura dos nossos povos indígenas e seus territórios.

3.3.2- Análise de Discurso

Desde um **nível fundamental**, neste momento analisaremos os discursos a respeito da atividade pesqueira realizada no aldeamento indígena Tremembé de Almofala, que fica a 230 Km da cidade de Fortaleza, no litoral oeste do estado do Ceará. O material analisado foi elaborado com base nos relatos, entrevistas e experiências com os pescadores da região, tendo como objetivo a ser alcançado com a elaboração dele, gerar um maior entendimento da realidade vivida pelos pescadores Tremembé de Almofala. Também fazer um resgate das suas memórias e práticas que constituem e enriquecem a sua cultura, deixando um legado das transcrições das oralidades para as gerações futuras, pois dentro do material além da história dos pescadores Tremembé, encontramos um manual do

pescador e um dicionário do pescador, considerados exímios contadores de estórias.

Os textos falam sobre a pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim como principal atividade para o desenvolvimento da economia local, utilizando os relatos e as falas sobre a experiência de alguns pescadores. Retratam uma comparação de como era a pescaria antes e como vem acontecendo nos dias atuais, os tipos de embarcações utilizados, os tipos de instrumentos utilizados na pesca. Enfatiza também sobre cultura e sobrevivência, fala ainda sobre a influência das novas tecnologias na vida dos pescadores e na atividade pesqueira. Nesse momento podemos aqui mencionar o processo de sobreculturalidade, um dos principais conceitos abordados nessa tese doutoral.

Um elemento que surge no texto e não foi considerado como categoria inicial e encontrado através das falas de alguns pescadores, é um certo saudosismo de outros tempos, onde segundo eles, com a instalação de algumas empresas, diminuiu a fartura de peixe, não havia tanta ganância e surgiu a concorrência com as empresas.

Foi observado também que, a maioria dos pescadores que foram entrevistados para as pesquisas dos alunos Tremembé, iniciou a atividade pesqueira ainda na infância, e que poucos frequentaram a escola, ou seja, seus conhecimentos eram passados de pais para filhos, sem a presença de uma educação formal na comunidade. Lembrando aqui, que por meio da análise do material no Bloco Educação e Educação Diferenciada, a mesma foi instalada na comunidade no ano de 1991, no momento da construção da primeira escola indígena.

Foi observado que, a atividade pesqueira que antes era mais voltada apenas para a subsistência dos Tremembé, passou a ser considerada também uma fonte de renda e de sustento das suas famílias, e que os pescadores atuais sofreram esse processo de transição. As primeiras embarcações foram construídas pelos próprios pescadores, assim como os demais instrumentos de

pesca, sendo substituídas com o tempo por embarcações industrializadas e não mais produzidas por eles.

Também são descritas as características de um bom pescador, que segundo texto resume-se em: “ter vocação para o mar; ter coragem para enfrentar os perigos do mar; conhecer os tipos de embarcações e saber manuseá-las; conhecer os tipos de ventos e saber usá-los na prática da navegação; ter vontade de pescar e conhecer os tipos de pescarias”.

Com os relatos dos pescadores e ao longo do texto é possível identificar alguns sentimentos como: saudosismo, medo, respeito e amor pelo mar. Detectamos um profundo conhecimento da natureza por parte dos pescadores, que seguem os indícios empíricos em sua matriz indígena para exercerem sua atividade pesqueira da melhor maneira possível. Possuem um conhecimento de astronomia, guiando-se pela lua, estrelas e pelas marés e com isso sabem quais as melhores horas para saírem para a realização de suas atividades pesqueiras.

Como **manipulação**, os pescadores sofrem com as mudanças econômicas e tecnológicas que os obrigam a modificar as suas práticas para poderem assim garantir a sobrevivência. Dessa forma, acabam abandonando sua tradição, e rompendo o processo de endoculturação, enfraquecendo assim sua cultura que deixa de ser transmitida para os mais jovens que poderiam perpetuá-la.

Como **competência**, sofrendo com a manipulação, os pescadores necessitam passar por um processo de adaptação e assim, adquirir competências para atender as exigências do mercado atual, poder competir com as empresas e continuar a obter o seu sustento. Para tanto, modificam suas embarcações, que antes eram produzidas por eles mesmos e agora devem ser compradas, modernas e industrializadas, e acabam também por mudar seus instrumentos de pesca.

Como **performance**, extraímos a adequação dos pescadores, frente ao processo de globalização e ao mesmo tempo a busca por mecanismos de manutenção da cultura pesqueira Tremembé com a criação de um dicionário e um manual do pescador Tremembé, a adaptação, na utilização de novos instrumentos e ferramentas de pesca, a resitência frente às empresas instaladas na região, a luta pela terra indígena e a manutenção da vila de pescadores.

Como **Sanção** de uma maneira positiva observamos a preocupação com a ruptura do processo de endoculturação, pois os membros mais jovens da etnia Tremembé não conheceram e nesse caso podem não vir a conhecer, as formas tradicionais de pesca, nem aprenderam ou aprenderão a construir e manusear as embarcações tradicionais. Como sanção negativa, vemos que os mais jovens também já não possuem ou conseguem desenvolver os mesmos conhecimentos acerca da natureza, não sabem “se guiar pela natureza”, substituindo os mesmos por equipamentos eletrônicos e tecnologia como o GPS, por exemplo.

Em todo o material encontramos a presença de valores positivos, que podemos observar também, como sanção positiva, quais sejam, - respeito pela natureza, valorização da cultura e paixão pela atividade pesqueira exercida.

Observamos no terceiro nível da análise de discurso, os elementos extraídos dos textos, referentes ao **Tempo, espaço e indivíduos, com base no pensamento de** Gregolin (1995)

Em um dos livros, *A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim: histórias dos pescadores Tremembé*, um narrador conta os relatos dos pescadores Tremembé que foram entrevistados por ele. Todos os entrevistados são identificados no texto, contendo inclusive fotografias dos mesmos. Os pescadores foram entrevistados no período que corresponde ao espaço **temporal** relativo aos meses de março, abril e maio do ano de 2012, resultando na publicação do livro no ano de 2014. Nas outras obras, são mencionados os alunos das escolas diferenciadas Tremembé, na criação de um material que seria

utilizado nas escolas com o *Dicionário do Pescador Tremembé*, além da menção as empresas locais que exploram o território Tremembé.

No nível da **especialização**, os livros contam a história dos Tremembé, que vivem em um aldeamento indígena, em um município no interior do Estado do Ceará. O aldeamento fica localizado no litoral oeste, perto do mar de Almofala e do rio Aracatimirim. Descrevem o Mangue como parte do território e de meio de subsistência, enfatizam também a praia de Almofala e a importância na história de vida dos pescadores de da comunidade.

Quanto aos **indivíduos**, foram entrevistados e apresentados nos textos como lideranças indígenas, e formam um grupo de dez pessoas. A maioria deles apresenta uma idade um pouco avançada, alguns já se aposentaram e outros já faleceram, são os anciãos da comunidade, responsáveis pela detenção do conhecimento oral, muitos deles já não exercem mais a atividade pesqueira. Todos nasceram e cresceram no aldeamento indígena Tremembé, e alguns nunca saíram da localidade.

3.4 BLOCO 3 – EDUCAÇÃO / EDUCAÇÃO DIFERENCIADA

Nesse bloco observamos a presença de 4 livros, sendo os mesmos: *Jogos matemáticos para as escola indígenas Tremembé*; *Primeiras letras na cultura Tremembé: livro do professor e livro do Aluno* e *Fundamentos Legais da Educação escolar Indígena*, que abordam a temática sobre Educação e Educação Diferenciada, seja na esfera histórica ou socio-cultural, explicando os fundamentos legais da educação indígena, elementos e ferramentas didáticas de ensino produzido por e para os membros da comunidade indígena Tremembé.

3.4.1 – Análise de Conteúdo

Iniciaremos com um recorte e classificação com a pretensão de identificar os aspectos culturais, políticos e socioeconômicos da educação diferenciada Tremembé, para tanto nos fazemos valer da metodologia pensada por Bardin (2009), utilizando nesse momento seu conceito de Pré-análise.

Em um primeiro momento observamos que um dos livros menciona o aniversário de 25 anos da Educação Diferenciada, nesse caso no ano de 2014, já como uma espécie de enfatizar e visibilizar a importância do material e ao mesmo tempo utilizá-lo como marco temporal.

Como aspectos centrais observamos as expressões culturais do povo Tremembé, que mencionam em seus escritos a luta e resistência pela ressignificação da etnia contra a opressão em suas várias faces, que fragilizam os direitos básicos da comunidade e nesse bloco a chamada de atenção se volta para a Educação.

De acordo com as categorias encontradas nos textos, podemos mencionar: Povo Tremembé; Luta; Educação; Educação Diferenciada; Fundamentos Legais e Material Didático. E entre as subcategorias observadas podemos mencionar: As características do povo Tremembé; as Formas de resistência e as Especificidades da Escola e da Educação Diferenciada Tremembé.

Conforme observado a partir dessa Pré-análise, os dados apresentados em suas categorias e subcategorias apontam para a luta como forma de resistência Tremembé, em defesa de sua cultura, de sua cosmovisão, seus direitos como indígenas, seus direitos humanos, suas terras, meio ambiente, construção de um material didático para a escola e dignidade. Nesse momento se observa o papel crucial que tem a educação nesse contexto. Uma educação diferenciada, voltada para as especificidades do povo Tremembé.

Alguns livros evidenciam materiais e didáticas para as aulas na comunidade, respeitando as especificidades do grupo e os conhecimentos tradicionais, além das conquistas e direitos cumpridos.

Observamos nos registros analisados todo um movimento por uma educação diferenciada como uma arma de resistência na luta contra a opressão sofrida desde uma visão etnocêntrica do não indígena que não respeita as diferenças.

Os textos mencionam movimentos em concreto, como as marchas nas ruas em memória das vítimas que morreram em atividades de resistência da etnia, nesse caso específico, mencionam em seus escritos como “a luta”, que no caso é o símbolo de resistência Tremembé.

Como inferência, ainda seguindo a metodologia de Bardin (2009) sobre o material trabalhado nesse bloco observamos que a luta por uma educação diferenciada, se torna uma luta em busca por um fortalecimento e empoderamento da comunidade, ou seja, lutas políticas por uma educação que promova respeito à diversidade na busca por equidade e que preparem os sujeitos da educação para a resistência à opressão.

Entendemos aqui que, a luta e resistência se tornam os objetivos primordiais dessa forma de educação diferenciada e, portanto, ferramenta e símbolo do movimento social indígena, nesse caso Tremembé.

Apoiando-nos no pensamento de Brandão (2000), vemos que por meio de resistências, trocas, conflitos e alianças, um saber da comunidade, ou saber das frações (classes, grupos, povos, tribos), subalternas da sociedade desigual imersa ou não nas práticas sociais, através das quais o saber das classes populares ou das comunidades sem classes é transferido entre grupos ou pessoas, são a sua educação popular.

Assim, os elementos da educação diferenciada indígena são observados aqui, como, característicos da educação do e para o povo Tremembé, e que ocorrem trocas, e conseqüentemente adaptações e transformações através da educação. Sendo dessa vez observada desde o prisma indígena e não da visão do colonizador ou jesuítas mesmo que para alguns autores como Fernando de Azevedo, por exemplo, associam a ação da educação jesuítica no Brasil, como o embrião da educação popular.

“Atraindo os meninos índios às suas casas ou indo-lhes ao encontro nas aldeias; associando numa mesma comunidade escolar, filhos de nativos e de reinóis – brancos, índios e mestiços – e procurando na educação dos filhos conquistar e reeducar os pais, os jesuítas não estavam servindo apenas à obra da catequese, mas lançavam as bases da educação popular...”
(Azevedo, 1976)

3.4.2 - Análise de Discurso

Desde um nível fundamental para AD, seguindo o pensamento de Gregolin (1995), os textos se centram na história da educação indígena Tremembé e as metodologias apropriadas para a escola diferenciada, para tanto situa o aldeamento indígena em Almofala – Ceará, ubicando-o a 230 km de Fortaleza, capital do Estado, no litoral leste.

O material trabalhado aborda inicialmente escritos sobre a primeira escola indígena Tremembé, iniciada em 1991, caracterizando-a como uma escola com uma estrutura precária, rudimentar, chamada inicialmente de “Alegria do Mar”. Também menciona em formato de poemas, assim como em quase todo um dos livros, sobre a primeira professora, chamada Raimunda Marques, filha do Cacique da aldeia.

O material aborda sobre todo o processo de escolarização, os marcos legais da educação indígena, bem como, o material didático e paradidático da escola diferenciada, respeitando as diferenças e especificidades do povo Tremembé de Almofala, mostrando como preocupação, a manutenção e sobrevivência da cultura Tremembé, em processos conhecidos desde a antropologia como enculturação e endoculturação, ou seja, o processo educacional formal voltado para os ensinamentos dos anciãos aos mais jovens, não perdendo o caráter geracional.

A construção da primeira escola, refletiu nas outras aldeias, que passaram a partir de 1997, a um processo de construção de escolas e escolarização das crianças indígenas. Entre as aldeias referentes a tal processo, são mencionadas nos textos, as aldeias de Passagem Rasa, Tapera, Mangue Alto, Saquinho e Varjota. Todas essas comunidades passaram a ter suas Escolas Diferenciadas, tendo como ideia central a criação dos seus próprios currículos, garantindo uma aprendizagem voltada para os conhecimentos locais e tradicionais indígenas, construindo assim, seus próprios conceitos de Escola e de educação.

Os conceitos abordados e evidenciados na chamada escola diferenciada são os de comunidade, cooperação e unidade, onde os líderes locais, professores e todos os membros da comunidade atuam de forma ativa, em conjunto com os alunos, gerando assim uma visão de compromisso entre os alunos em relação a comunidade que estão inseridos.

Os textos observados e analisados, demonstram de um modo geral, a preocupação na construção de um espaço de debates e de discussões em torno da manutenção e resgate de costumes e tradições, antes todas orais e agora transcritas para as gerações mais jovens.

De acordo com o segundo nível referente à Manipulação, competência, performance e satisfação, seguindo o pensamento de Gregolin (1995), nos deparamos com alguns pontos importantes a serem mencionados:

Como a **manipulação**, sofrida frente ao choque cultural, observada no contato e o processo de alteridade. Choque também com a metodologia de ensino, formal frente ao tradicional indígena. O processo de estigma sofrido, também se vê mencionado no texto e a perda dos conhecimentos tradicionais frente aos conhecimentos não indígenas.

Como **competência**, observamos os mecanismos de combate as formas de manipulação sofridas, entre elas a construção da primeira escola indígena na comunidade bem como, o seguimento de construções nas demais aldeias Tremembé, como também a própria metodologia de ensino favorecendo nesse caso a manutenção da cultura, contribuindo, portanto com o sentimento de pertencimento ao grupo, fortalecido com a participação do Tremembé no seu processo educacional.

Como **performance**, podemos observar as adequações e adaptações aos conhecimentos não indígenas, com a ideia de manutenção dos conhecimentos ancestrais acumulados, nesse ponto, associamos ao conceito de sobreculturalidade trabalhado nessa tese doutoral. Observamos nessa adaptação, a não rejeição do “novo”, e nesse caso o processo antes observado como aculturação, ganha características de adculturação, soma de culturas em contato.

Como **sansão**, observamos o medo da perda das memórias históricas e culturais do povo Tremembé como sansão negativa, e como positiva observamos a consolidação de uma escola diferenciada, voltada para as especificidades Tremembé, capaz de garantir a manutenção de suas culturas, passando para as gerações mais jovens, bem como a escrita de uma cultura, anteriormente oral por meio da educação diferenciada e intercultural.

Como terceiro nível, ainda seguindo o pensamento de Gregolin (1995), quando aborda o terceiro nível como a observação de Tempo, espaço e indivíduos, conseguimos chegar a pontos específicos bem demarcados nas obras em questão.

Como **tempo**, nos situamos no ano de 2014, com a conclusão do Curso de Formação de Professores indígenas a Nível superior, mas com raízes remotas, no processo de construção das escolas indígenas, iniciadas no ano de 1991, seguidas por outras aldeias no ano de 1997, e a elaboração dos currículos diferenciados, conhecendo esse como todo o período de história da educação diferenciada Tremembé.

Como **espaço**, podemos observar o espaço geográfico mencionado, ou seja, os aldeamentos Tremembé, reforçando as raízes do povo Tremembé, da região do litoral oeste do Estado do Ceará, no município de Almofala tendo como extremo e fronteira com o interior do Estado, o rio Aracatimirim.

Como **indivíduos**, são tratados ademais dos alunos do curso de Magistério Indígenas, os alunos das escolas diferenciadas, bem como os professores, a história de Raimunda Marques, a primeira professora da comunidade, bem como líderes, os anciãos, caciques e todos que pertencem a comunidade Tremembé de um modo geral.

3.5 BLOCO 4 – HISTÓRIA / RESGATE HISTÓRICO

Nesse bloco observamos a presença de 3 livros, sendo os mesmos: *História dos Tremembé: memórias dos próprios índios*; *História da Educação Diferenciada Tremembé* e *Dicumê Tremembé de antes e de hoje*, que abordam a esfera histórica dos Tremembé, contextualizando a educação diferenciada como principal ferramenta de luta e de conquistas históricas da comunidade e uma abordagem histórica por meio da alimentação tremembé ou *dicumê* como falado na aldeia.

3.5.1- Análise de Conteúdo

Iniciaremos com a obra *História dos Tremembé: memórias dos próprios índios*, partindo uma primeira leitura no sentido de perceber os elementos gerais, tais como as discussões evidenciadas em cada capítulo, em um segundo momento retomando a leitura, objetivamos elencar actegorias centrais para entender a dimensão de cada categoria utilizada no corpo do livro.

Nesse sentido, de início, destacamos o livro *História dos Tremembé: memórias dos próprios índios*, de autoria de Ana Cristina Cabral, que integra uma coletânea denominada Magistério Pé no Chao. O livro em suas entrelinhas, deixa perceber que tem como principal objetivo, o trato da memória do grupo indígena Tremembé, utilizando os relatos orais dos próprios membros da comunidade como forma de resistência, como maneira de não permitir que as lutas travadas sejam esquecidas, a autora nos remete a outra obra, *História da Educação Diferenciada Tremembé*, quando nos diz que: “como saber ler e escrever era muito difícil no início da luta, pois a escolarização ainda não fazia parte do cotidiano desse povo, o mesmo se apegou aos relatos orais para afirmar sua história” (Cabral, 2014, p.11).

Assim, o trecho anterior nos deixa clara a visão de um ponto de encontro entre a história e resgate histórico, tendo a educação diferenciada como ferramenta primordial desse processo.

Mediante ao exposto, vemos que o material foi construído tendo como base a oralidade, mostrando as entrevistas nos anexos do livro, que foi dividido em cinco capítulos, onde o primeiro trata da localização geográfica e as mudanças ocorridas e sofridas, o segundo aborda o início da luta situando no ano de 1970, no terceiro é evidenciado o Torém, como referência cultural de tradição Tremembé e como foi adquirindo representações e configurações distintas em contextos diferentes da historicidade da comunidade.

O quarto capítulo aborda a origem e o soterramento por uma duna da Igreja de Almofala, destacando a construção da primeira capela de taipa e a substituição da mesma por uma construção de alvenaria com material trazido pelos portugueses, aborda também a tentativa dos portugueses em substituir uma imagem sacra de ouro, por uma de porcelana.

No quinto e último capítulo, associamos mais uma vez a educação diferenciada, como elemento de luta do povo Tremembé, explicando a história da educação e a formação de professores como conquistas de muita luta.

A partir da compreensão da estrutura dos livros analisados, bem como, dos elementos evidenciados em cada obra, percebemos no decorrer dos textos a recorrência de algumas categorias como: História, relatos orais, luta, educação, sobrevivência, alimentação, entre outras.

Destacamos que a categoria história é apresentada como sendo uma narrativa de desconstrução da perspectiva dos vencedores, dos ditos “grandes nomes”, como era produzida na historiografia tradicional, mas na ótica daqueles que foram invisibilizados, excluídos e marginalizados, como bem explicados, os livros apresentam a história e costumes dos Tremembé partindo do próprio povo.

Esse exemplo nos remete a fala de um dos professores Tremembé, durante as entrevistas, e questionado sobre a segurança da atuação em sala de aula com a utilização de um material escrito por ele professor, então menciona que: “Pra mim traz, é riquíssimo, e aí a gente sabe que hoje a gente pra sobreviver, a gente tem que escrever, o bom disso tudo, é que nós somos nossos próprios pesquisadores, da nossa própria história”.(José Getúlio dos Santos)

A história nesse aspecto é percebida como a possibilidade de trazer à tona reflexões sobre o tempo presente, a luta e desafios de um povo e como forma de resistência.

Realizando a pré-análise da obra *Dicumê Tremembé de antes e de hoje*, nos deparamos com as seguintes características: possui 57 páginas, registra alguns alimentos tradicionais e suas formas de preparo (receitas), objetivando, resgate, revitalização e esforço na tentativa de não deixar morrer as tradições e costumes.

O livro foi dividido em quatro capítulos onde divide alimentos a base de milho, mandioca, feijão e outros *dicumê*, sendo os mesmos observados como categorias além de outras como ingredientes e modo de preparo. O registro de ingredientes e modo de preparo refletem a intencionalidade de fazer perceber e fazer aprender como manipular os alimentos de acordo com os costumes e tradições Tremembé.

Assim precebemos que a utilização no título “*de antes e de hoje*” nos remete a um pensamento histórico com a preocupação de manter viva uma tradição alimentar, no cultivo, manipulação e preparo.

3.5.2 – Análise de Discurso

Partindo da observação dos indícios nas obras pesquisadas, com a ideia de ir além do que está “aparetemente posto” no texto, buscamos subsídios para melhor entender suas tramas, a partir do seu lugar de produção, contexto temporal e sujeitos.

As memórias de acordo com Le Goff (2012), podem ser entendidas em uma perspectiva de libertação dos homens, ou seja, a operação das narrativas, as trajetórias de luta e de resistência, sirvam como marco para problematizar as historicidades dos sujeitos e dos grupos sociais aos quais pertecem, de modo a contribuir na construção de uma escrita da História pautada não no enfoque dos vencedores, mas daqueles que muitas vezes foram invisibilizados pela historiografia tradicional.

Partindo de um nível fundamental, nos deparamos com quatro elementos explícitos nos títulos que evidenciam do que se tratam os textos, História, educação diferenciada, o próprio povo, “*de antes e de hoje*”. Ou seja, os textos tratam da história Tremembé, seguida de uma perda cultural por conta de contatos inevitáveis, resultando em um resgate com base na sua oralidade e tradições, sendo observado o aspecto, *vida – morte – vida*, abordado por Gregolim (1995).

A produção do material trabalhado nesse bloco, sendo realizada para a conclusão de curso, permite constatar o interesse em realizar um registro documental escrito e imagético de elementos próprios da cultura do povo, neste caso, memória, oralidade e alimentos, reconhecendo a necessidade e responsabilidade dos membros da comunidade em perpetuar seus saberes e práticas. Isso indica o reconhecimento pela importância da transcrição da oralidade que como consequência trará o fortalecimento dos povos indígenas como pano de fundo e resultado desse material produzido.

Partindo para um segundo nível, ou nível narrativo da análise, nos deparamos com manipulação, a necessidade da transcrição da oralidade indígena e a passagem da invisibilidade para visibilidade social, como competência observamos a aquisição de conhecimentos por meio da educação diferenciada, contada e bem descrita no livro história da educação diferenciada, como aquisição de poder, ou busca por empoderamento. Como performace se tem a produção que se deu em um espaço formal de aprendizagem, escrito por alunos pertencentes ao próprio grupo, reforçando aqui a perspectiva emic, refletida em uma linguagem simples, direta e autêntica.

Como sensação positiva temos o empoderamento indígena na atuação como professor, utilizando um material de sua própria autoria, reforçando a importância da escrita histórica desde a perspectiva popular e o registro de elementos culturais, nesse caso, utilizados os da alimentação. Como sensação negativa, existe o risco desse material registrado se verter contra a comunidade, uma vez caindo, em mãos não apropriadas com interesses que podem ir de encontro ao

pensamento indígena. Vale ressaltar a carga emocional dos autores envolvidos nas obras, referentes aos antepassados, mostrando um valor sentimental e espiritual no seguimento das tradições.

Partindo para o nível discursivo, observamos os próprios Tremembé como protagonistas, sujeitos das falas e pesquisadores, fazendo uma ponte entre passado e presente, “*de antes e de hoje*” com a perda de tradições e resgate, colonização e descolonização na própria comunidade dos Tremembé de Almofala.

3.6 BLOCO 5 – MEDICINA/ CULTURA/ MITOS E LENDAS

O presente bloco apresenta três livros que abordam elementos culturais materiais e imateriais, são os mesmos: *Medicina tradicional do povo Tremembé*; *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*; *Os Encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala*.

3.6.1 – Análise de Conteúdo

O material tem em comum as narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados, sobre sua medicina e curas, mitos e lendas além de um inventário de elementos culturais, apresentados em 3 livros. Nos elementos pré-textuais de todo o material, apresentam homenagens, dedicatória e agradecimentos e nos elementos pós-textuais apresentam siglas, exemplo de sítios na rede, videografia e bibliografia.

Os elementos pré-textuais destinam-se a agradecimentos aos encantados e as pessoas que contribuíram com a pesquisa e a introdução de um dos livros, apresenta gratidão aos encantados em forma de poesia.

Após a leitura exausta e familiarização do material levantou-se as seguintes categorias: oralidade; medicina; elementos culturais; transformações, crenças e transmissão de conhecimentos.

A transformação nesse caso, associamos ao conceito de transculturalidade nesse aspecto, diz respeito à transformação cultural a partir da relação de contato de uma cultura com outras distintas (Martins, 2016).

No livro *Os Encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala* os autores falaram sobre seus encantos pelos encantados o que se tornou o principal elemento na hora da escolha do tema. Nesse momento, foram apresentados seus receios em relação à transmissão das crenças e costumes na atualidade na tribo Tremembé. Apresentou-se nesses momentos todas as categorias, como podemos observar nos trechos abaixo extraídos das obras.

Na minha infância, não existia televisão na minha comunidade, por isso o que eu mais gostava de fazer era ouvir histórias (p. 23)” – (ORALIDADE); (ENDOCULTURAÇÃO) Quando cresci, nunca deixei de lembrar a beleza dessas narrações, embora muita coisa tenha sido esquecida (p. 24) – (TRANSCULTURALIDADE). Para mim, o mais importante e a principal função deles é que, além de nos proteger, enriquecem nossa cultura e embelezam a oralidade narrada dos Encantos do mundo Tremembé (p. 25) - (CRENÇA).– (ELEMENTOS CULTURAIS).

Nesse ponto vale destacar a fala de alguns entrevistados, sobre a participação nas entrevistas, papel do entrevistador, pesquisador e entrevistado, mostrando a importância do trabalho realizado, superando as expectativas, indo além de meras análises técnicas e subjetivas, com a participação ativa da comunidade, como expressado abaixo:

Olha, principalmente aqueles que foram entrevistados para o livro dos encantados, eu já tinha visto né?, é o livro da minha irmã, que é o que fala dos encantados, ela fez questão de contribuir com aqueles que ela entrevistou, por

que alguns que ela pesquisou já não tá mais aqui de uma forma material, mas eu vi o encantamento, quando eles viram as fotos deles lá, eles fazem questão, teve uma que fez questão em que eu lesse o que ela tinha falado pra ela, porque cada um de nós tem uma coletânea, e aí eu tive que ler pra ela, aí ela fica falando “olha, fui eu que disse isso aqui”, então ela se sente muito gratificada com aquilo. (Maria Liduina dos Santos e José Getúlio dos Santos)

Tal livro destinou-se a apresentação dos encantados na cultura tremembé, onde foi apresentado as crenças do por que e como acreditam nos encantados. Também se destinou a explicitação das crenças sobre alguns encantados específicos, dentre eles, a mãe d'água, assobiador, caipora, botija, menino vaqueiro, guarajá, lobisomem, bruxa e rei Sebastião.

Todos os capítulos focaram as crenças da tribo Tremembé, como quando cita “No que se refere às crenças, é possível afirmar que o povo Tremembé é formado por pessoas que sempre acreditaram no mundo espiritual: na força da natureza, na influência dos Encantados na vida de cada um de nós (p. 27)”.

Em relação ao livro, Medicina Tradicional do Povo Tremembé, o mesmo surgiu com a constatação de que o discurso oral dos anciões das aldeias encontrava-se empobrecido com a morte de muitos dos seus representantes, levando com eles a sabedoria ancestral oral, sendo observado, portanto a necessidade de registros mais acurados com a ideia de preservação da cultura e a ciência de seu povo.

O livro aborda a medicina extraída das plantas, extraída de animais e com base em rezas e rituais, sendo esse último o ponto de ligação entre as obras, associando sempre a questão psicossomática da aquisição das enfermidades na hora do tratamento e cura.

Alguns aspectos do tratamento, como a elaboração dos medicamentos, estão detalhados na obra, outros preferem manter sigilo, por fazer parte dos segredos da comunidade, pois a obra contou com a participação direta e valiosa

do Pajé, do cacique e de outros membros de destaque deste povo, que são considerados detentores da sabedoria medicinal.

Como destaque os autores fazem um recopiado, elaborando uma tabela com uma relação de 40 plantas utilizadas na medicina tradicional Tremembé, com seus nomes científicos associados aos nomes populares.

Como inferência, observamos que a espiritualidade, seria o elo entre os mitos, lendas e a medicina tradicional, todas as obras nos permitem uma aproximação com a cultura Tremembé, nos contextos de seus mitos, lendas e medicina tradicional, que segundo relatos, aos poucos vem sendo confundida e substituída pela medicina convencional não indígena.

Os objetivos centrais de todas as obras desse bloco se resumem em um mesmo: o esforço de manter vivos os costumes, tradições e saberes do povo Tremembé, conscientes de que, ao divulgarem os saberes por meio desses livros, estes serão multiplicados e aproveitados de inúmeras formas. A presença constante e valorização da espiritualidade pelos indígenas, além do respeito pela natureza e seus encantados, tornam as obras cativantes, conduzindo ao leitor a um convívio imaginário com a comunidade.

Além disso, a simplicidade e pureza das preces, curtas e rimadas e por vezes acompanhadas de rituais, faz com que compreendamos o quanto deste povo existe em nós, ao lembrarmos e associarmos com nossas mães e avós, indígenas ou não, quando nos ninam ou ninavam, e curavam com seus cantos, orações, costumes, saberes e superstições.

3.6.2 - Análise de Discurso

Na análise de discurso, o objetivo básico é “realizar uma reflexão geral sobre as condições de produção e apreensão da significação de textos

produzidos nos mais diferentes campos” (Minayo,2014). Assim, contextualizemos o discurso com o fim da facilitação da análise.

Antes da colonização, os indígenas no Brasil viviam isolados de outros povos, apesar de apresentarem riquezas variadas em relação a sua cultura e algumas diferenças entre as próprias tribos. Com o advento do português, que impôs suas condições de vida para os indígenas, houve modificação dessas culturas (Ribeiro, 2015). Essa modificação que ocorreu na cultura indígena através do contato com outras culturas chama-se transculturalidade, como fora abordado na análise de conteúdo. Esse destaque para a modificação da cultura da tribo Tremembé foi percebida nos seguintes momentos na obra *Os Encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala*.

Na minha infância, não existia televisão em minha comunidade, por isso o que eu mais gostava de fazer era ouvir histórias [...] (p. 23). Quando cresci, nunca deixei de lembrar a beleza dessas narrações, embora muita coisa. Percebi, ao mesmo tempo, o quanto essas narrações têm-se distanciado do espaço da nossa oralidade, talvez por conta do acesso aos televisores, que invadiram as nossas casas e não deixam mais espaço para que as pessoas se juntem nas noites, ao redor de uma fogueira no terreiro para trocarem conversas sobre memórias do passado [...] A não sei quando, às vezes, falta energia, mas aí as conversas não são mais de Mãe D'agua, Lobisomem, Assobiador, mas sim sobre novelas. (p. 24). Mesmo com a forte influência dos colonizadores, com o passar dos anos, os costumes, as tradições e as crenças têm permanecido na cultura e nas vivências do cotidiano, desde os mais antigos nativos aos dias atuais (p. 27). A vida que temos hoje, apesar de os muitos costumes ainda estarem totalmente voltados para a cultura indígena, percebemos que muitas mudanças vêm ocorrendo a cada ano (p. 55).

Essa inquietação em relação à modificação da cultura indígena no sentido de indiferença em relação à história dos encantados foi o que instigou a autora a realizar a pesquisa, inclusive, esse fator é visto como um dos seus objetivos, o resgate dessa cultura através da oralidade, quando comenta que: “Também

pretendo despertar nos leitores algo mais do que a afetividade e a emoção. Pretendo despertar a curiosidade em buscar e descobrir outras histórias que, o abandono desses contos representa em um mundo que está ficando cada vez mais distante da oralidade dos mais velhos, um mundo que despreza os maiores conhecedores de nossas tradições e de nossa cultura, aquilo que nos identifica e nos une, devido às diversas culturas globalizadas que se instalam no nosso meio”. (p. 26).

Preocupação também observada em todas as obras do bloco, quando utilizam um inventário de elementos culturais, quando listam mitos, plantas, animais e rituais utilizados em curas. Sempre com a ideia de manter viva a cultura por meio desses elementos extraídos da oralidade indígena.

Encontramos reforço nas entrevistas quando questionada sobre a sensação de estar transcrevendo a oralidade indígena:

“Assim, não de completamente dever cumprido como professora Tremembé, mas assim, de certa forma eu me sinto um pouco realizada por escrever alguma coisa, que é de conhecimento e sabedoria do meu próprio povo né?, então acho que isso pra nós professores que é daqui, que outros professores também se interessem em escrever alguma coisa, porque um dia, nossos maiores sabedores das nossas histórias, eles vão morrer, eles não vão ficar pra sempre aqui, então se alguma coisa não ficar de forma escrita né?, pode que muita coisa se perca, diante disso né?, porque eu acho isso mais ou menos.”(Maria Andreina dos Santos)

Voltando a obra *Os Encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala*, a autora destaca a oralidade nas seguintes passagens, “Meu objetivo é contar um pouco da nossa cultura, um pouco daquilo que o povo Tremembé sempre acreditou e respeitou” (p. 25), “O que aprendi com esta pesquisa é que a diversidade de histórias de Encantados, na memória, nas vivências e, principalmente, na oralidade do povo Tremembé é muito extensa” (p. 58). Através do destaque sobre a oralidade foi importante perceber como essa forma de reprodução e manutenção dos conhecimentos é importante e necessária dentro da cultura indígena.

Por fim, o terceiro destaque focou-se nas crenças indígenas propriamente ditas, ou seja, na forma como eles concebem os encantados. As crenças dizem respeito ao que eles acreditam. Em relação aos encantados a autora traz que eles acreditam que os encantados são seres vivos ou mortos que atuam na vida terrena. Eles podem assombrar, proteger, curar ou castigar os mortais. Boa parte liga-se a proteção da natureza, como é o caso da Mãe d'água, Caipora, e o Guarajá, que protegem matas, rios e animais. Esses também amaldiçoam pessoas que desrespeitam um desses fatores. Já outros possuem a função apenas de assombrar, como é o caso do lobisomem e da bruxa. Também acreditam que os humanos também podem ser seres encantados. Geralmente, o repasse dessas crenças é realizado pelo pajé.

Podemos então obter como resultado da análise o ponto crucial que aborda o autor sobre a perda na crença dos encantados devido à mudança cultural consequente da relação com outras culturas, como por exemplo, o contato com as tecnologias, novos estilos de música, dentre outros, afastaria os indígenas de manter as crenças nos encantados.

Nesse sentido, se faz necessário um resgate dessas histórias e resgate das rodas de conversa onde acontecia a transmissão desses conhecimentos sobre os encantados, sobre as plantas e suas curas milagrosas, bem como, sobre todos os costumes e tradições desse povo, para em seguida gerar o registro em busca de manutenção e sobrevivência cultural.

De acordo com as crenças populares e os saberes tradicionais voltados para a cura de enfermidades, constatamos também que buscam a possibilidade de coexistência entre as práticas populares e tradicionais indígenas de cuidados com as práticas biomédicas de saúde nos serviços da rede oficial do SUS.

Assim, como manipulação, competência, performance e sensação, temos:

A manipulação da cultura dominante com a entrada das tecnologias, substituindo os momentos de encontros noturnos com as trocas de contos, lendas e mitos e ao mesmo tempo a substituição gradativa da medicina tradicional pela medicina convencional, associadas à perda da oralidade indígena com a morte dos sábios.

Como competência, encontramos a busca por mecanismos de combate a maneira como entram as influências externas e ao mesmo tempo, a escrita de um material, transcrevendo a oralidade indígena e a utilização desse material como didático para os mais jovens.

A performance está na luta pela manutenção das tradições e a perpetuação dos encantados, outros elementos elencados no inventário, assim como a medicina tradicional e seus ritos de cura, todos como símbolos da cultura indígena Tremembé.

E como sensação, observamos o medo da perda das memórias históricas e culturais do povo Tremembé, os momentos de lazer e de repasse dos conhecimentos dos mais velhos substituídos por elementos externos como a internet por exemplo como sensação negativa, e como positiva observamos a consolidação de um material escolar diferenciado, produzido pelos próprios indígenas da comunidade que visa manter registrado todos os elementos que antes faziam parte somente da cultura oral do povo Tremembé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PARCIAIS

- Azevedo, F. de.(1976). A transmissão da cultura: parte 3 da 5. ed. da obra A cultura brasileira. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA.
- Cabral, A. C. (2014). *História dos Tremembé: memórias dos próprios índios*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Filho, J., & Malaquias, S. (2013). *Descobrimos a Vida do Pescador Tremembé*. Belo Horizonte: Literaterras.
- Gregolin, M. d. (1995). *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo: Ed. Alfa.
- Greimas, A. (1975). *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: vozes.
- Le Goff, J. (2012). *História e Memória*. São Paulo: Unicamp.
- Martins, D. V. (2016). *A intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de fortaleza-ce, Brasil: caminho para o desenvolvimento e sobreiculturalidade*. Salamanca: Ediciones Vitor.
- Mazière, F. (2017). *A análise do discurso: história e prática*. São Paulo: Parábola.
- Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: ed. Hucitec.
- Oliveira Junior, G. (2006). *O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- Ribeiro, D. (2015). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: global.

CAPÍTULO IV

ETNOGRAFIA

Nesse capítulo abordamos todos os elementos utilizados durante a realização da etnografia. Iniciamos apresentando o trabalho de campo realizado *in loco*, durante os três momentos, a imersão na comunidade, observação participante nos rituais e festas locais, aplicação de entrevistas, bem como, as transcrições dos audios e a ordenação dos mesmos em gráficos, para uma posterior análise e interpretação.

4.1 TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo foi realizado em três momentos distintos, um na própria aldeia Tremembé em Almofala – Ceará, no momento das entrevistas e elaboração do caderno de fotografias em agosto de 2017. Nesse mesmo ano e no ano de 2018 consecutivamente, participamos do evento Povos do Mar, realizado no SESC de Iparana – Ceará, momento de festa e descontração dos povos indígenas do litoral cearense, dos quais os Tremembé fazem parte.

Nos encontros dos Povos do Mar, foi observada a importância de tais eventos no processo de reafirmação e fortalecimento identitário, como também o apoio mútuo entre comunidades indígenas que sofrem os mesmos problemas sociopolíticos e econômicos. São nesses momentos que ocorre uma partilha de ideias postas em práticas e que podem servir de contribuições para problemas semelhantes enfrentados por comunidades locais ou até mesmo nacionais.

A visibilidade lograda nesses encontros, ultrapassa fronteiras, uma vez que pesquisadores e indigenistas brasileiros e estrangeiros se somam ao evento, e assim as comunidades indígenas entendem e veem a possibilidade de difusão da cultura indígena como elemento de fortalecimento cultural, com essa

propagação de elementos específicos de seus povos, sendo comercializados na feira do evento, bem como com os rituais realizados, mostras de pinturas corporais, etc.

Nesse trabalho de campo, além das entrevistas semiestruturadas gravadas e da elaboração do nosso caderno de fotografias, fizemos valer também de nossa observação participante, bem como o preenchimento do nosso diário de campo com nossas perspectivas ETIC e EMIC e a observação do contexto educacional indígena com a atuação dos professores, autores dos livros didáticos com os alunos das escolas indígenas da comunidade.

Aproveitamos esses momentos para conversar informalmente com os anciões Tremembé, observando suas perspectivas em relação aos trabalhos produzidos pelos professores tremembé, uma vez que esses anciões foram os grandes protagonistas e informantes desse material, pois são os detentores dos saberes tradicionais, guardiões da cultura oral.

4.2 APLICAÇÃO DE ENTREVISTAS

Nesse apartado mostraremos em gráficas entrevistas semi-estruturadas realizadas entre 10 professores indígenas tremembé, também alunos do curso de Licenciatura Indígena de Formação de professores e autores do material analisado como objeto de estudo dessa pesquisa. Nesse caso a amostragem atingiu 25% do total de professores autores dos livros didáticos.

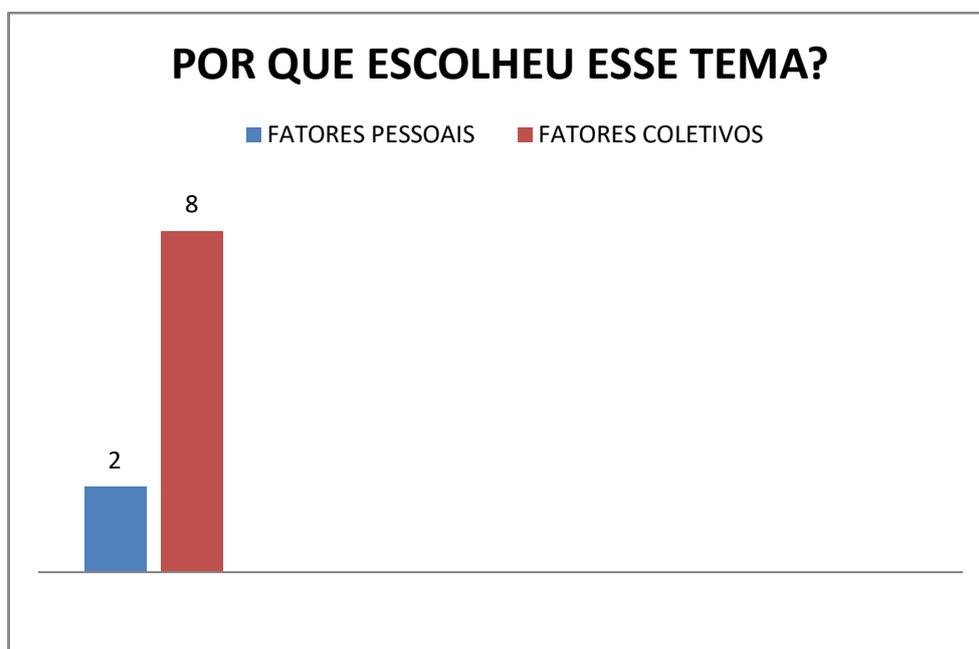
Para a realização dessas entrevistas, recorri ao apoio de informantes indígenas capazes de realizarem uma mediação intercultural, nesse caso, convidei o Benício Pitaguary, aluno do curso de Geografia na Universidade Federal do Ceará. Benicio, que também possui formação em mediação intercultural, já havia me apoiado em pesquisas anteriores, e em relação a essa pesquisa, realizou a gravação das entrevistas e com o apoio de Huan Ferraz, realizamos as transcrições das mesmas na íntegra que estão no apartado 4.3 dessa pesquisa, também em anexo está o modelo (guión), utilizado nas

entrevistas, bem como, o modelo do Termo de Consetimento Livre e Esclarecido – TCLE, assinado no ato das entrevistas acompanhado do modelo das autorizações assinadas.

Para cada pergunta foi elaborado um ou dois gráficos de acordo com as informações obtidas em todas as perguntas abertas e as necessidades de esclarecimentos nas interpretações das respostas. Nesses gráficos, procuramos quantificar as informações no sentido de embasar cientificamente nosso qualitativo, pois como mencionado anteriormente, nossa pesquisa parte da perspectiva qualitativa, assim mesmo tivemos a preocupação de quantificar buscando atingir 25% do total de alunos, autores do objeto de estudo, de maneira a dar base científica em nossa pesquisa.

Assim, mostramos a seguir os gráficos elaborados de acordo com as respostas das entrevistas semiestruturadas, seguidos de uma breve explanação, esclarecendo as pretensões e propósitos implícitos na elaboração de cada pergunta.

GRÁFICO 2



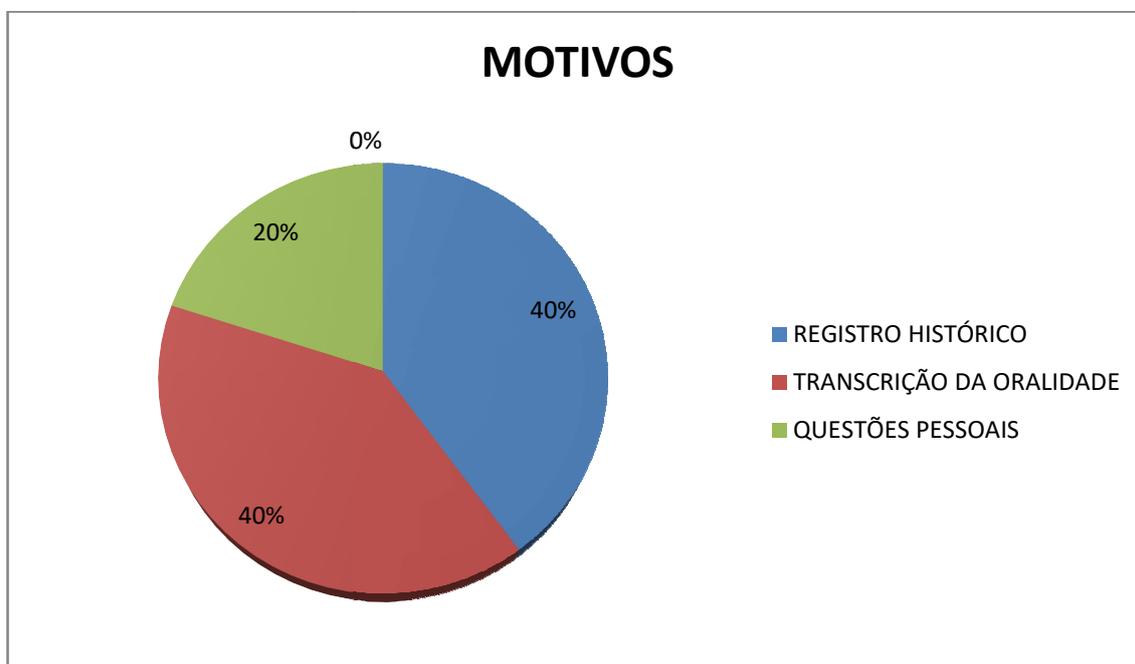
Fonte: Elaboração própria

Para essa categoria levamos em consideração as respostas dissertativas referentes a escolhas voltadas para os fatores individuais e voltadas para assuntos comunitários.

Os fatores individuais, como o gostar do tema, ou que sempre teve uma curiosidade sobre a temática abordada em suas obras, chegou a 20% das respostas.

Entre os fatores coletivos que atingiu 80% das respostas, encontramos argumentos como: o desaparecimento da fauna e da flora local, a morte dos anciãos levando consigo o conhecimento ancestral, educação local e carência de material didático, lutas por terra e território, registro histórico e transcrição da oralidade, situações referentes a comunidade de um modo geral, sendo as duas últimas categorias aqui elencadas, as mais citadas como motivos, observadas no seguinte gráfico.

GRÁFICO 3

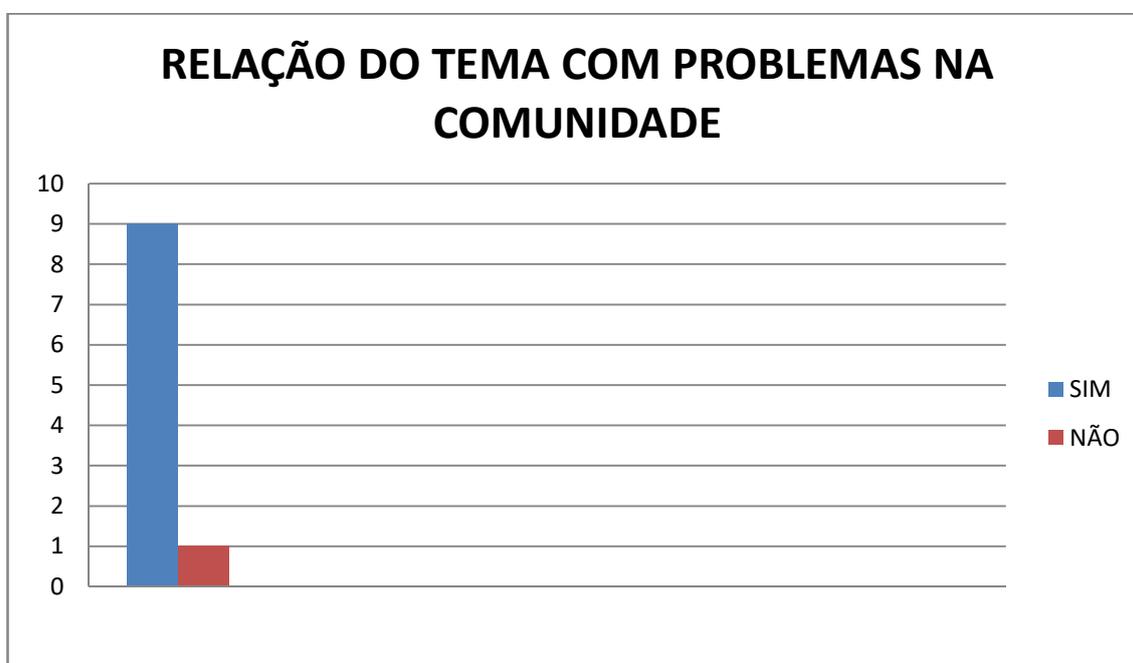


Fonte: Elaboração própria

Entre as questões pessoais encontramos as relações com o dia a dia, o que facilitaria a pesquisa para a construção do livro indígena, bem como as curiosidades sobre a própria cultura, à medida que o pesquisador (aluno tremembé) ia adentrando em partes de sua cultura que de certa maneira já havia caído no esquecimento. Respostas obtidas com relação à temática referente aos encantados, que aos poucos vinham desaparecendo, devido a morte dos anciões e a perda de interesse de alguns jovens frente à utilização da internet e meios digitais.

Em relação aos motivos mencionados como: o registro histórico 40% e a transcrição da oralidade indígena 40%, nos deparamos com uma visão amplamente voltada para o coletivo, somando nesse caso 80% que visa um enriquecimento comunitário além de um registro dessa riqueza para as futuras gerações, ao mesmo tempo que seria utilizado com meio de divulgação e visibilidade indígena, garantindo o fortalecimento identitário.

GRÁFICO 4

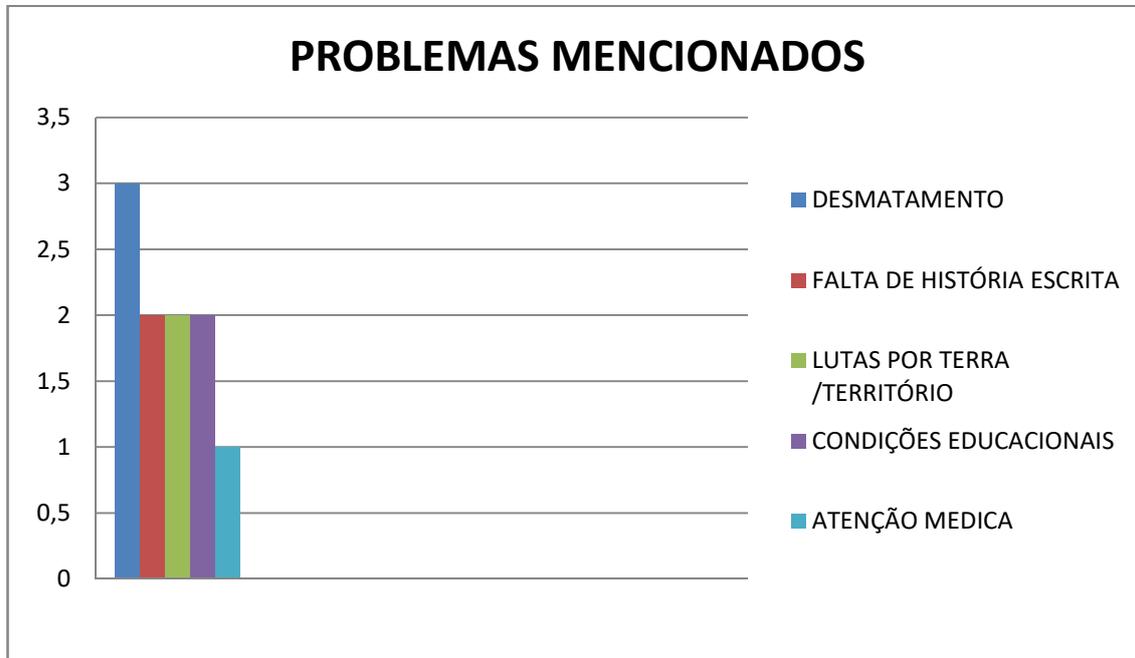


Fonte: Elaboração própria

Um dos entrevistados correspondente a 10% da amostragem disse que seu livro não tinha relação direta com os problemas da comunidade, mas observa-se que em seus argumentos, menciona problemas como as dificuldades enfrentadas pela primeira escola indígena tremembé, como espaço precário, bem como com a falta de material na estrutura escolar como material de apoio, ou seja, utilizou a escrita de seu livro para mostrar o descaso de autoridades sobre a questão educacional e ao mesmo tempo a luta árdua para criar e manter as escolas indígenas nas aldeias.

Os outros 90% admitiu uma relação direta entre a escrita e os problemas evidenciados na comunidade indígena Tremembé. E é justamente nesse ponto que adquirimos argumentos para fortalecer nossa hipótese planteada no início da pesquisa tratando da ligação e relação direta entre problemas sociais e a escrita dos TCCs. Tais problemas podemos observar listados nas respostas do seguinte gráfico

GRÁFICO 5



Fonte: Elaboração própria

Entre os problemas evidenciados, se destacam os relacionados com o meio ambiente atingindo 30% da amostragem, pois o desequilíbrio e desmatamento desenfreado desencadeia outra onda de problemas, afetando diretamente a sobrevivência desse povo, com seus meios de subsistência, seguidos de problemas relacionados à falta de história escrita sobre o povo tremembé que chegou aos 20%, e que, o material produzido estaria buscando solução para tal problema.

Assim observa-se também o registro das lutas travadas pelos tremembé por suas terras e territórios, que atingiu 20% da amostragem, que no momento é considerado o principal problema enfrentado por várias comunidades indígenas brasileiras, pois sem terras e territórios demarcados, não existem comunidades. Outros problemas foram mencionados como as lutas por melhores condições na educação e saúde para a comunidade que atingiram 20% e 10% respectivamente.

GRÁFICO 6



Fonte: Elaboração própria

Esse gráfico deixa claro a busca por visibilidade da comunidade indígena tremembé, uma vez que, 70% mencionou a possibilidade que viram em difundir a história e cultura tremembé entre a população não indígena e ao mesmo tempo apresentando 30% que mencionou como esse material poderia fortalecer a educação local com um material didático produzido na própria comunidade e por membros da mesma, que seriam os protagonistas da difusão desse material.

Assim, vemos que, os dois pontos obtidos a partir das perspectivas em relação à produção indígena, nos leva ao processo de visibilidade e empoderamento indígena, mostrando a educação indígena e diferenciada como ferramenta capaz de se fazer chegar aos anseios almejados. Nesse ponto se aproxima da hipótese planteada no sentido da produção estar diretamente relacionada com as principais necessidades da comunidade Tremembé e foram escritos com uma ideia base de chamada de atenção, visibilidade e empoderamento comunitário.

GRÁFICO 7



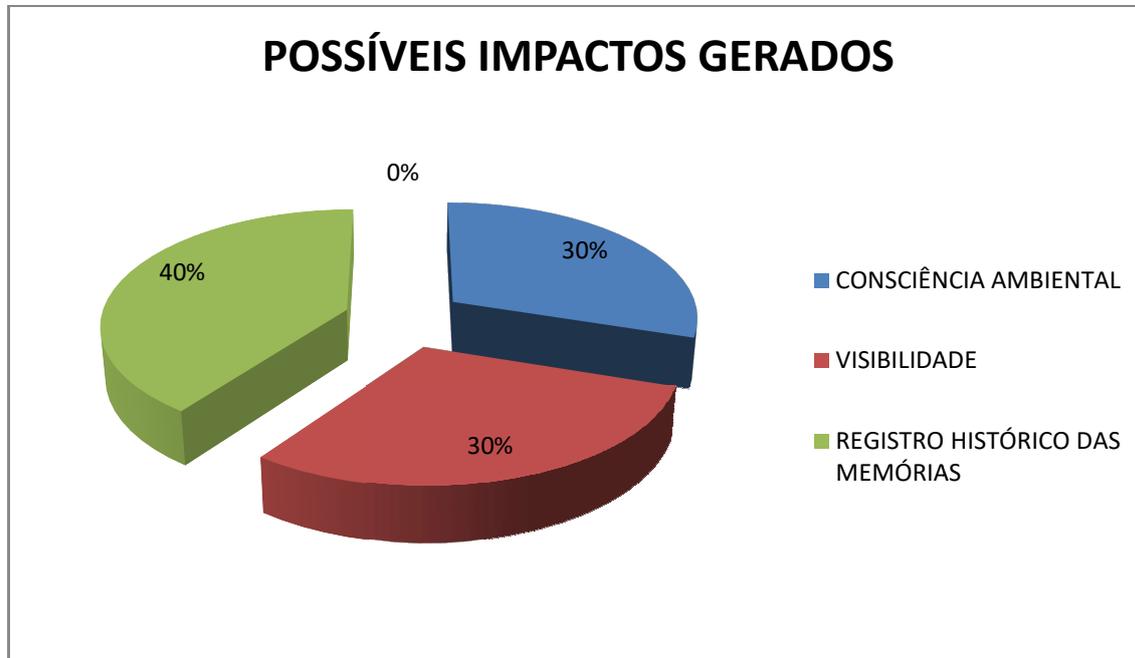
Fonte: Elaboração própria

De maneira unânime foi respondido que os livros produzidos pelos próprios indígenas gerariam impactos na comunidade e sociedade. Impactos positivos referentes à efetivação de uma educação diferenciada, desenvolvida pelos próprios indígenas e para os mesmos e de certa forma, uma ruptura de barreiras, onde o mesmo material ao atravessar as fronteiras da comunidade poderia gerar visibilidade e ao mesmo tempo deixar-se conhecer pelo outro.

Evidenciamos, portanto, aqui nesse ponto, o processo de sobreculturalidade, como um constante movimento de conhecimento sobre si mesmo e sobre os demais, desenvolvendo uma constante troca de elementos culturais por interação, geradores de transculturas, ou culturas híbridas, como pregada por Nestor Garcia Canclini (1989).

De acordo com os possíveis impactos gerados, observemos o seguinte gráfico:

GRÁFICO 8



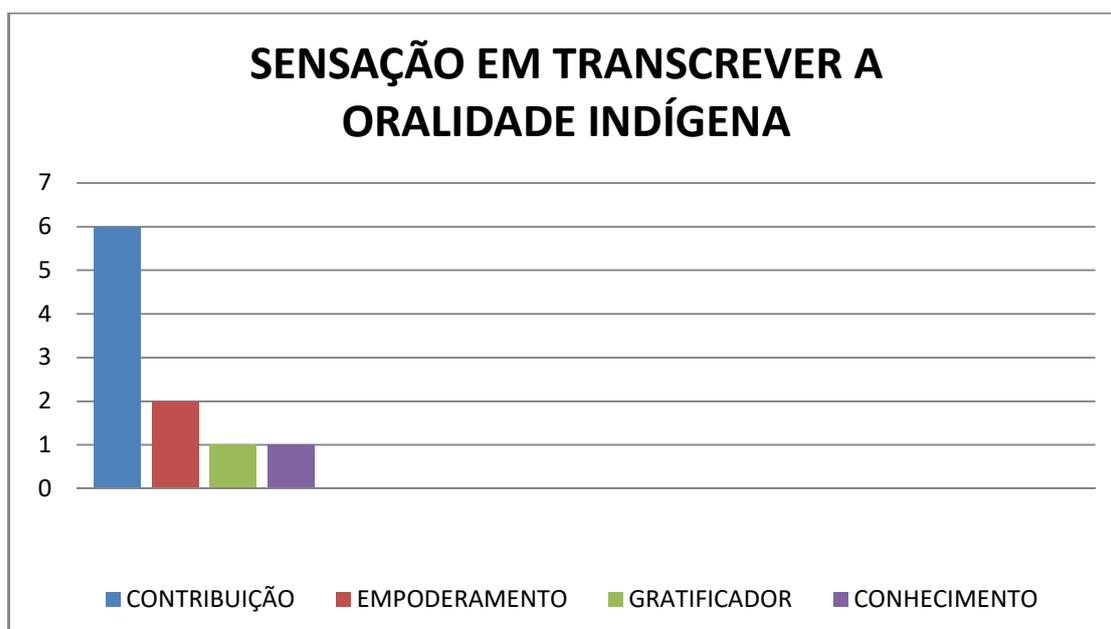
Fonte: Elaboração própria

Dentre os possíveis impactos, observamos que 40% apontou para o desenvolvimento de uma consciência ambiental, tanto a nível local como também com a possibilidade de chegada a outras camadas da sociedade. Pois se chega a esse ponto quando podemos observar o que ocorre justamente quando vemos que as grandes áreas verdes ainda existem por fazerem parte de terras e territórios indígenas, fechadas ao agronegócio.

Outras formas de impactos foram mencionadas, entre elas, um aumento da visibilidade da cultura e luta indígena, atingindo nesse quesito 30%, bem como o registro histórico das memórias compartilhadas pelos anciãos tremembé, que também atingiu 30%, e que o mesmo foi um fator crucial de interação entre as gerações, fazendo com que os anciãos e seus saberes ancestrais e tradicionais fossem valorizados e transcritos diminuindo o risco de se chegar ao esquecimento.

O impacto positivo na participação dos anciãos na pesquisa, também foi mencionado sendo, expressado no sentimento de satisfação e gratidão junto aos pesquisadores das obras, apresentado no gráfico a seguir.

GRÁFICO 9



Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre os sentimentos aflorados no processo de transcrição da oralidade indígena, 60% mencionou alguma forma de contribuição, que entre as mesmas podemos observar a contribuição com o desenvolvimento da educação indígena, contribuição com a luta indígena e a contribuição com o legado sobre a propagação da cultura tremembé.

Entretanto, 20% deixou clara a visão de empoderamento e visibilidade que buscam essas minorias étnicas, seguida de 10% que mostrou um sentimento de gratificação, gratidão e orgulho, por ver seu próprio material ser trabalhado nas escolas indígenas, gratidão e orgulho também dos anciãos da comunidade, que viram suas histórias e relatos, materializados nas obras.

Os últimos 10%, mencionou sobre o conhecimento adquirido pelos próprios pesquisadores sobre sua cultura, suas histórias e memórias, servindo de aprendizado com a sensação de ruptura de paradigmas, onde na pesquisa se posicionaram como pesquisadores de suas próprias histórias e não somente como objeto de pesquisa, muitas vezes não escutados.

GRÁFICO 10



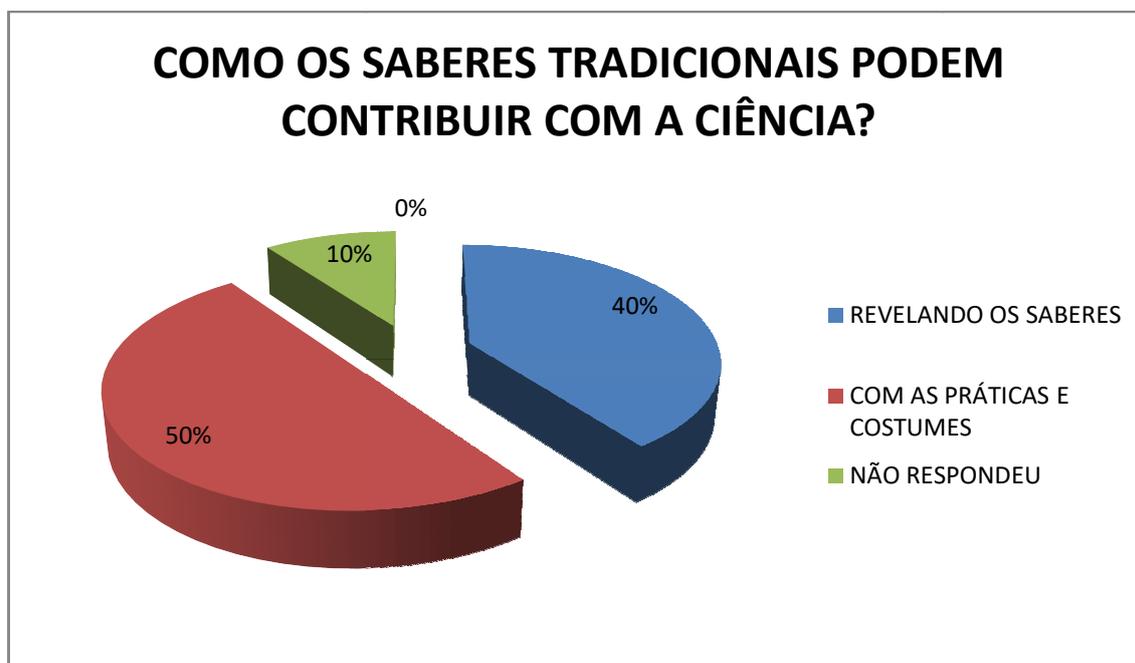
Fonte: Elaboração própria

O gráfico mostra que 100% dos entrevistados acredita que podem contribuir cientificamente utilizando os saberes tradicionais. Nesse aspecto destacamos a ideia central da pesquisa, onde expresamos que os indígenas por meio da educação diferenciada e intercultural, com base em seus saberes tradicionais, estão contribuindo com a ciência.

O material em questão encontra-se nas bibliotecas e repositórios de várias universidades do Brasil, já chegando inclusive a ultrapassar fronteiras, contribuindo com pesquisas de mestrado e doutorado em universidades europeias.

De acordo com as respostas, alguns contribuem diretamente como o caso da obra que aborda a medicina indígena tradicional Tremembé, com a manipulação de plantas e animais para o processo de tratamento e cura de doenças, e os outros indiretamente servindo de material de estudo para outras pesquisas sobre a comunidade, reforçando tais respostas no seguinte gráfico.

GRÁFICO 11



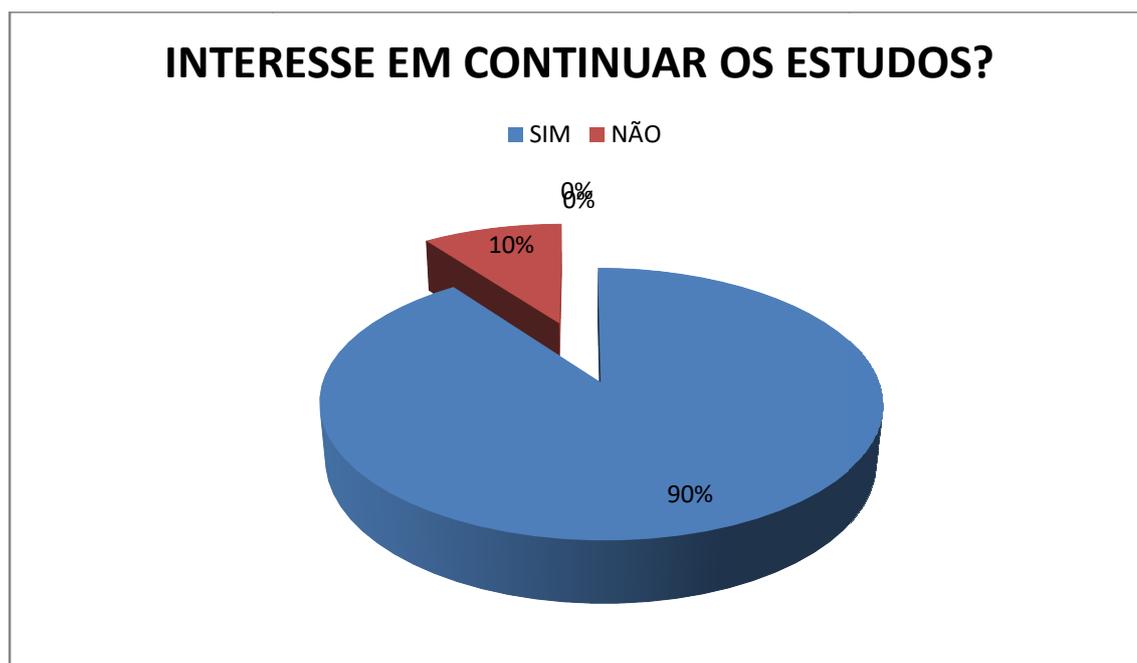
Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre como os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência, 50% mencionaram as práticas e costumes indígenas como fator determinante dessa contribuição, com a manipulação de plantas medicinais. 40% mencionaram que essa contribuição ocorre com a revelação ou compartilhamento dos saberes tradicionais, utilizando como complementares as duas formas de se fazer medicina.

Seja na prática ou na partilha dos saberes tradicionais, o que entra em cena é exatamente a manipulação das plantas ou dos conhecimentos ancestrais por meio da experimentação, que nesse caso conjuga com a ciência, seria a passagem do conhecimento tácito, empírico e filosófico para o conhecimento científico, mostrando nesse caso que 90% da amostragem comungaram de suas respostas, encaixadas em uma mesma lógica voltada para a contribuição científica.

O restante, correspondente a 10% da amostragem, não respondeu tal questionamento.

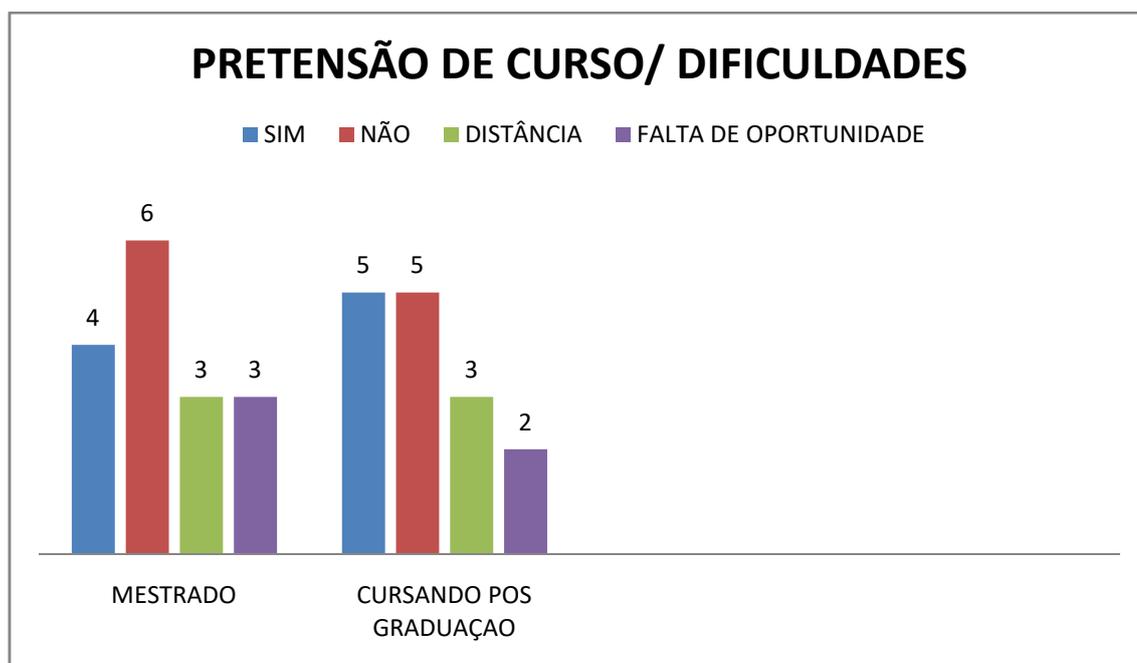
GRÁFICO 12



Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre a possibilidade de continuar os estudos, 90% manifestou interesse em seguir com os estudos frente aos 10% restantes que não pretendia por uma questão de aposentadoria, esclarecendo uma contribuição em um período de mais de 30 anos com a educação.

GRÁFICO 13



Fonte: Elaboração própria

Observamos no gráfico acima, que 90% da amostragem pretendem seguir os estudos, e que no momento 50% desses alunos já está cursando pós-graduação e 40% pretende cursar mestrado, mas ao mesmo tempo, mencionam as dificuldades encontradas na busca por seguir os estudos. Entre tais dificuldades foram citadas as distâncias entre as aldeias e o lugar de realização dos cursos, bem como, a falta de oportunidades gerada pela condição de indígena, condição econômica e a distância como mencionado anteriormente.

Mas a pretensão de continuar os estudos, mesmo enfrentando as adversidades diárias, se tornou evidente entre os professores, alguns mencionando a possibilidade de seguir escrevendo material para as escolas indígenas da comunidade.

GRÁFICO 14



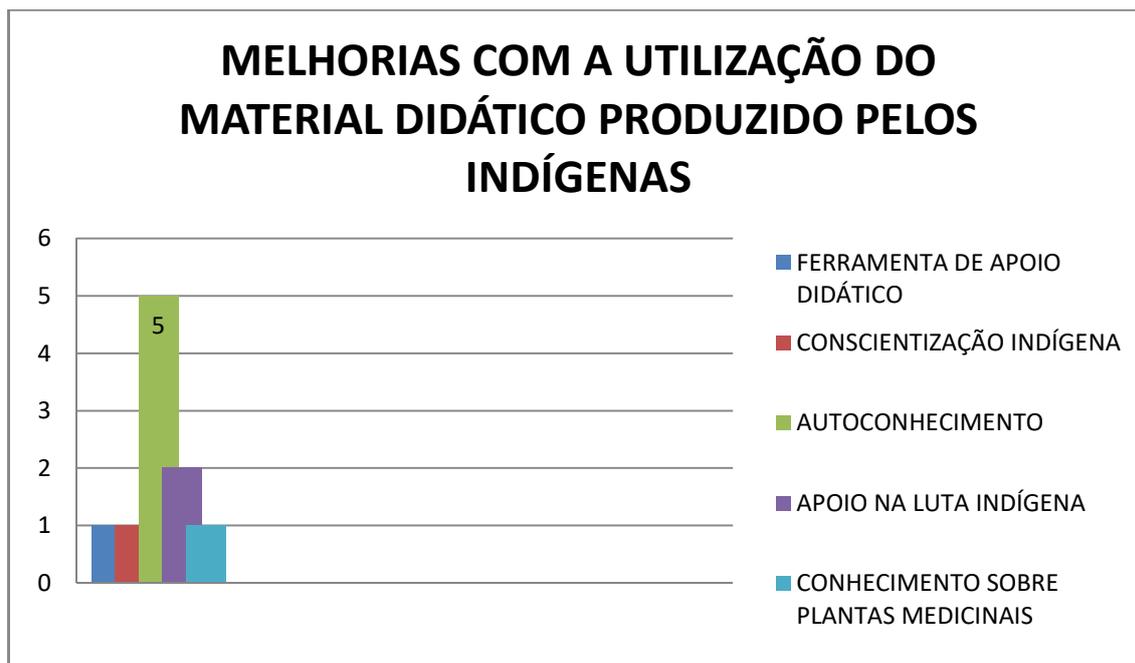
Fonte: Elaboração própria

Perguntamos sobre a utilização do material produzido por eles nas aulas das escolas indígenas, para ter uma noção se estavam alcançado o objetivo proposto pelo projeto. 80% respondeu diretamente que sim, que eles mesmos como professores utilizam como material didático e comentam que com bons resultados entre as crianças indígenas, 20% respondeu que não estão utilizando porque no momento não se encontram atuando como professores, mas que seus livros estão servindo de apoio para outros professores em suas aulas.

Vemos aqui, portanto que 100% do material está sendo utilizado como material didático nas escolas indígenas, e observamos nos relatos que servem como ferramentas de empoderamento dos professores indígenas e incentivo para alunos que estabelecem contato direto com os autores desse material e projetam a possibilidade de se tornarem futuros escritores de suas histórias e da história da comunidade Tremembé.

O que mostra que o material produzido, pelo próprio professor, além de empoderamento para o mesmo, serve de incentivo ao alunado.

GRÁFICO 15



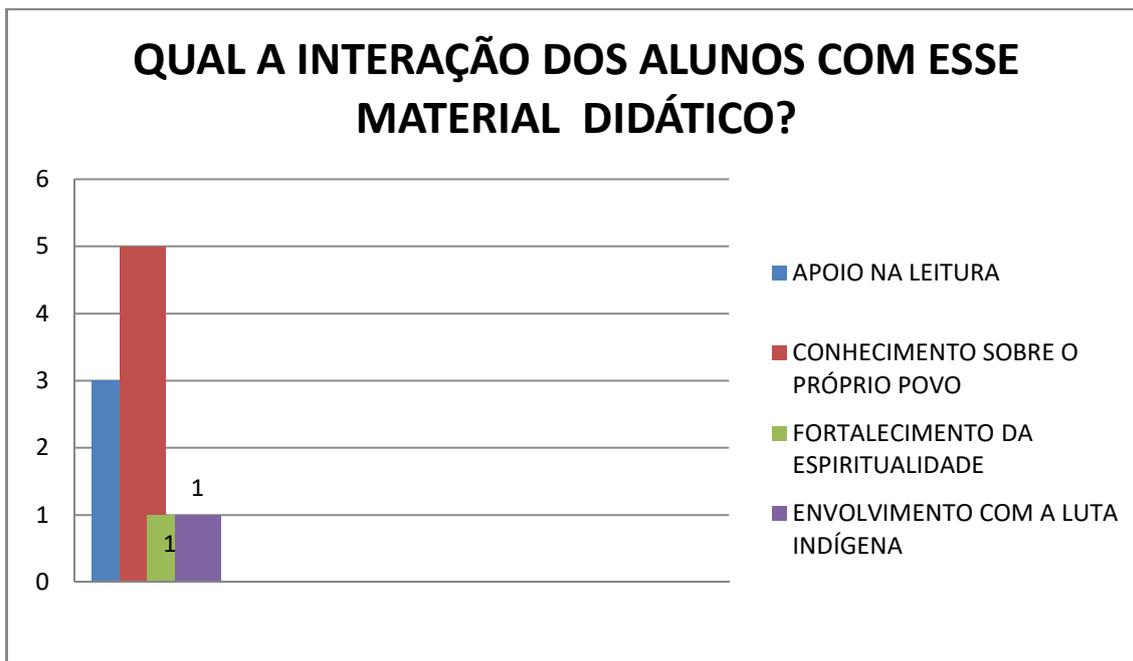
Fonte: Elaboração própria

Entre as melhorias mencionadas, vemos que 50% frizou a importância do autoconhecimento entre os mais jovens, e que esse material possui uma grande importância nesse sentido.

Ao mesmo tempo, que 20% destacou a importância desse material como apoio à luta indígena, por suas terras, territórios, melhorias nas condições de saúde e educação, seguido de 10% que destaca a consciência indígena, 10% que mostra a melhoria do apoio didático diante de 10% que evidencia a curiosidade e endoculturação relacionadas à manipulação de plantas medicinais.

Entre os mais velhos, os anciãos da comunidade o sentimento foi de alegria e de valorização na contribuição, de acordo com os relatos observados nas entrevistas, mesmo não sabendo ler e escrever, ficavam felizes vendo suas imagens e seu discurso no livro, e vendo as histórias materializadas e transcritas, e assim, evitando o rápido desaparecimento.

GRÁFICO 16



Fonte: Elaboração própria

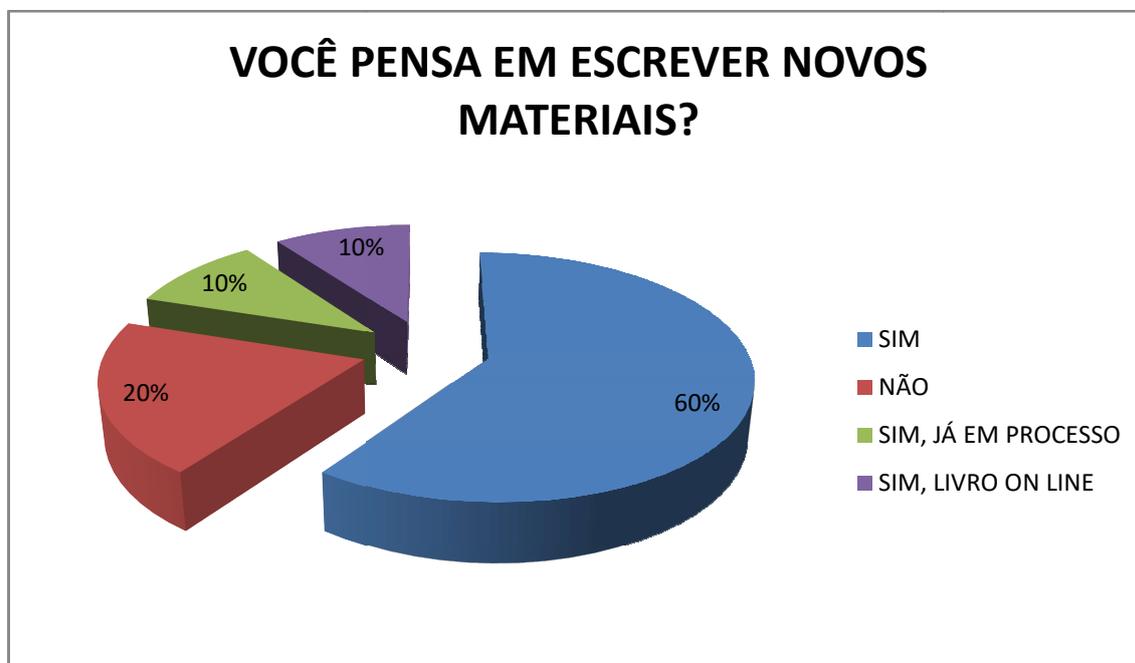
Observamos no gráfico 16, a reafirmação do gráfico anterior com a categoria de autoconhecimento com a afirmação de 50% da amostragem que reforça o conhecimento sobre o próprio povo com a interação dos alunos com o material produzido por seus professores. Tal categoria está diretamente associada ao conceito de intraculturalidade, mesmo que não trabalhado entre os Tremembé.

Foi detectado que 30% utilizam o material como apoio nas leituras em sala de aula ao mesmo tempo, que 10% enfatizam o fortalecimento da espiritualidade seguido dos outros 10% que associa esse material como ferramenta de apoio nas lutas indígenas.

Portanto, evidenciamos a importância da implementação conceitual proposta nesta pesquisa, como abordagem teórica capaz de fortalecer o que já vem sendo praticado nas escolas indígenas Tremembé. Ou seja, apoiar a

escolas indígenas na implementação dos conceitos de intraculturalidade e sobreculturalidade no Plano Político Pedagógico – PPP, das escolas indígenas.

GRÁFICO 17



Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre a pretensão de escrever novos materiais ou livros didáticos, 80% responderam que sim, onde desses 60% disse somente que sim, somados a 10% que afirmou já está em andamento à escrita de mais material, e 10% que pretende elaborar um material on line, uma vez que, observa o interesse dos mais jovens por ferramentas como a internet, esse último na tentativa de chamar a atenção dos jovens por meio da utilização das novas tecnologias da informação, afirma que o material sendo trabalhado com essas ferramentas e on line, ganharia uma maior visibilidade e conseqüentemente maior interesse dos jovens Tremembé. Aqui conjugamos mais uma vez com o conceito de sobreculturalidade, quando prega a sobrevivência cultural, mesmo que, com a utilização de elementos culturais não indígenas.

O restante, correspondente a 20% disse que não, ainda não se pensou sobre a escrita de novos materiais, mas ao mesmo tempo justifica que não estão fechados a essa possibilidade, falando sobre as escassas oportunidades de

estudos para indígenas e ao mesmo tempo a aposentadoria, mencionada por um dos entrevistados.

GRÁFICO 18



Fonte: Elaboração própria

Quando questionados sobre a eficácia na utilização desse material para o ensino da cultura na escola indígena, 90% não exitou em responder que sim, mencionando que despertou a curiosidade dos alunos, e assim, estando em posse de um material que incetiva a leitura, pode ser um excelente apoio didático nesse processo de fortalecimento cultural.

Os 10% restante, apesar de confirmar e concordar com os 90% que respondeu diretamente que sim, mencionou que dependeria muito do interesse do professor que estaria utilizando o material, mas que não têm dúvidas que se bem aproveitado em sala de aula, contribuirá com a eficiência do ensino sobre sua própria cultura, garantindo um fortalecimento comunitário.

Comentam que existe um certo entusiasmo tanto dos professores, que utilizam seu próprio material, como dos alunos que ao ler a obra associa ao seu professor como autor, além de mencionarem aos professores que viram seus

professores na televisão ou internet, dando entrevistas sobre a confecção desse material.

GRÁFICO 19



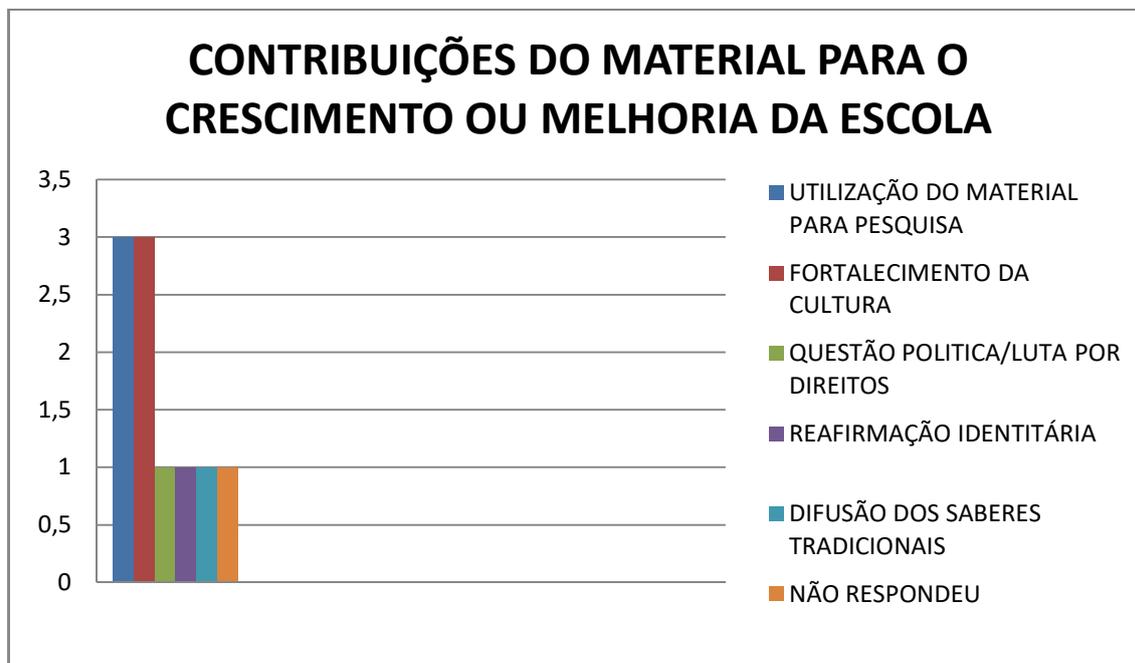
Fonte: Elaboração própria

Quando perguntamos sobre a segurança/confiança no processo de ensino-aprendizagem, com a utilização de um material confeccionado pelo próprio professor, deparamo-nos com 100% da amostragem confirmando que sim, o fato de o material ter sido escrito pelo próprio indígena trouxe maior segurança e também uma atuação mais efetiva do alunado que se mostrou mais participativo e curioso por estar fazendo parte da história abordada em sala de aula por seu professor.

Entre os argumentos relacionados com a segurança no processo de ensino-aprendizagem, surgiram as seguintes categorias: Um material escrito como forma de vivência; conhecimento indígena escrito pelo próprio indígena; pesquisa realizada pelo próprio indígena; um material melhor que livros externos e mais conhecimentos sobre sua própria história e cultura local.

Mencionaram que essa ideia era um sonho dos caciques da comunidade, pois explicavam que o material muitas vezes fornecido às escolas, estava longe da realidade dos alunos, distanciando e dificultando muito mais o processo de aprendizagem.

GRÁFICO 20



Fonte: Elaboração própria

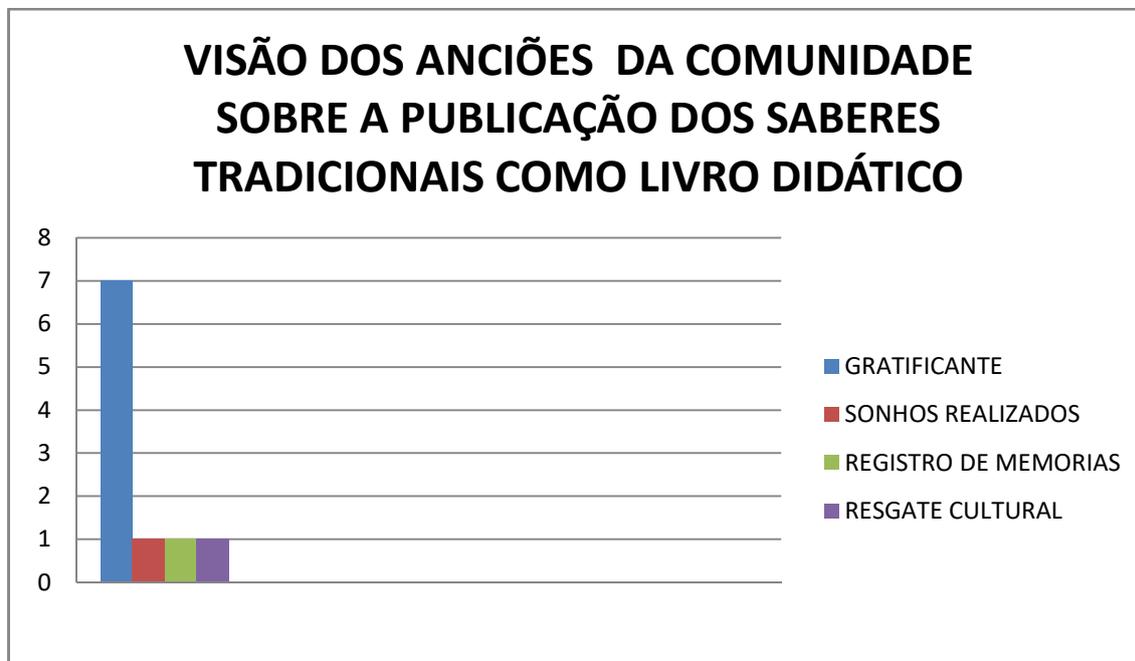
Surgiram algumas categorias, quando questionamos sobre as contribuições que o material produzido pelos próprios indígenas poderia trazer para a escola indígena além do processo de ensino.

Diante do questionamento, 30% mencionou a utilização desse material como fonte de pesquisa na biblioteca da escola servindo de incentivo aos alunos sobre leitura, escrita e pesquisa, bem como apoio para pesquisas externas.

Vemos que, 30% menciona que além de ser utilizado na educação, esse material serve de elemento de fortalecimento cultural, seguidos de 10% que menciona a contribuição política com a luta por efetivação dos direitos indígenas, 10% mencionou a reafirmação identitária do povo Tremembé, 10% mostrou a

importância na difusão dos saberes tradicionais Tremembé, enquanto 10% não respondeu esse questionamento.

GRÁFICO 21



Fonte: Elaboração própria

Pelo fato de os anciões Tremembé, serem os detentores dos saberes tradicionais e, portanto elementos importantes no processo da educação indígena, questionamos entre os autores sobre as impressões e visões dos anciões tremembé a respeito das publicações referentes aos saberes tradicionais como livros didáticos e o processo de transcrição da oralidade indígena.

Nesse sentido, 70% da amostragem mencionou sobre um sentimento gratificante, 10% com a sensação de sonhos realizados, 10% contente com os registros das memórias e os 10% restante feliz com o resgate cultural materializado em forma de livro didático.

Entre os relatos encontramos vários casos em que mostram a felicidade de muitos, sem saber ler e escrever, mostram e pedem aos visitantes que leiam suas palavras e vejam suas fotos, e com orgulho mencionam que ajudaram na pesquisa e que está muito bem-feita.

4.3 TRANSCRIÇÕES

Nesse apartado, iremos mostrar todas as transcrições na íntegra, das entrevistas realizadas com os professores indígenas das escolas diferenciadas indígenas Tremembé. Como explicado anteriormente, tais entrevistas somente foram realizadas com o apoio de alguns indígenas como mediadores na situação. Para essa ação em específico, cotamos com a colaboração de Benício Pitaguary, aluno regular da licenciatura de geografia na Universidade Federal do Ceará-UFC.

Com a ferramenta da entrevista semiestruturada, conseguimos observar a importância da transcrição da oralidade indígena, como espécie de manutenção da cultura indígena Tremembé, associando aqui nesse ponto com o processo de sobreculturalidade, quando se observa a busca por elementos não indígenas, (sistemas de ensino, escrita e sistema de publicações) com o propósito de manter viva a cultura indígena.

Com base nesse argumento, nos fazemos valer do pensamento de Carlos Rodrigues Brandão, quando nos diz que aprendemos, finalmente a crer que, se é com palavras que são escritas as regras que oprimem e que consagram a opressão, com elas também os homens entre si podem falar e escrever frases e modos de saber que, pronunciados e exercidos, poderão um dia libertar o homem e os seus mundos.

Uma vez observada então a importância das transcrições das entrevistas, como espécie de registro da oralidade desse povo, esse material será facilitado para a comunidade, como parte do acervo bibliográfico da comunidade e suas escolas. Abaixo segue inicialmente o modelo utilizado (guión), das entrevistas contando e explicando os objetivos da pesquisa, para que os entrevistados soubessem a fundo do que se tratava sua contribuição seguida de todas as transcrições das entrevistas realizadas no município de Almofala no Ceará.

Vale ressaltar que os audios serão postos em um DVD em anexo, e que poderá também ser utilizado pelas escolas e comunidade de um modo geral, pois todos leram ou ouviram o Termo de consentimento Livre e Esclarecido e não se opuseram com a divulgação e difusão desse material.

Guión

A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DOS TREMEMBÉ ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DIFERENCIADA COM BASE NOS SABERES TRADICIONAIS

Dr. Daniel Valério Martins

Triangulação conceitual do procedimento de investigação

A presente pesquisatenta demonstrar a existência de uma triangulação, assumindo a seguinte construção lógica: SABERES TRADICIONAIS - EDUCAÇÃO INTERCULTURAL - CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA, onde a contribuição científica surgiria como resultado do processo de interação promovido pela educação diferenciada e intercultural, levando em consideração os saberes tradicionais do povo Tremembé.

OBJETIVOS DA PESQUISA

O presente projeto se compõe dos seguintes objetivos.

Objetivo Geral:

Analisar as 20 monografias desenvolvidas pelos estudantes Tremembé observando os principais pontos abordados e de interesse indígena e como essas publicações podem ser consideradas práticas do conceito de *sobreculturalidade* e sua implantação nas Escolas Diferenciadas. Para tanto, pondera-se sobre os conhecimentos e saberes tradicionais relacionados com a produção científica e, por fim, o papel fundamental da educação crítica e conscientizadora na aprendizagem, bem como, na discussão dos direitos específicos desses povos.

Objetivos Específicos:

Ressaltar o papel da educação diferenciada e sua importância na transcrição da oralidade indígena;

Analisar, de igual modo, as monografias dos alunos Tremembé, observando suas perspectivas na busca pelo conhecimento científico e ao mesmo tempo com a perpetuação dos saberes tradicionais.

Observar, com isso, a contribuição que esta forma de ensino traz para o desenvolvimento econômico-social das comunidades, com a formação de profissionais indígenas qualificados para o trabalho interno;

Identificar os pontos mais abordados nas monografias dos estudantes Tremembé relacionando com os interesses e principais necessidades da comunidade;

Refletir sobre o processo de Sobreculturalidade, atentando para a teorização dos saberes tradicionais e de experiências da etnia e suas vivências no ensino superior indígena, como instrumento para manutenção e expansão cultural.

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome:

Livro:

- 1 Por que escolheu esse tema?
- 2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?
- 3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?
- 4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?
- 5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?
- 6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?
- 7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?
- 8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?
- 9 Alguma melhoria depois desse material didático?
- 10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?
- 11 Você pensa em escrever novos materiais?
- 12 A utilização desse material permite uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?
- 13 O fato de estar utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?
- 14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o

crescimento ou melhoria da escola?

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático

Trancrições

Nome: Ana Cristina Cabral

Livro: Histórias dos Tremembé, memórias dos próprios índios

1 Por que escolheu esse tema?

Eu escolhi o tema, por que percebi que já nossos ancião né?, nossos liderantes mais velhos estavam sumindo e ai foi na necessidade de deixar essa história para as futuras gerações, registrar a história.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Sim, sim, por que na medida que os nossos mais velhos não sabiam escrever, então é uma forma de deixar tudo registrado toda a história que eles vivenciaram, todos os relatos de vivência do povo tremembé.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

A minha perspectiva é que ele possa ser cada vez mais lido né?, e que outras pessoas venham a conhecer as histórias do povo tremembé a partir desse livro e de outros que estão sendo publicados.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Ele gerando impacto pra comunidade no sentido de que vão conhecer, vão perceber que a história está registrada, né?, e ai é uma forma de conhecer essa história a partir, não só dos relatos mas sim a partir da escrita.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

É uma sensação de alegria né?, e uma forma também de contribuir, de ajudar as pessoas, como os mais velhos não sabem escrever, então nós já temos essa ferramenta então é uma sensação de deixar registrado, que as pessoas percebam isso.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Pode sim, como é que eles vão contribuir? Vão mostrar pra ciência, como são os saberes de cada povo, como são, como é que os saberes são repassados e dessa forma que eles contribuem pra ciência .

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Tenho sim de fazer um mestrado, só que a gente por morar numa localidade distante da cidade a gente fica meio preocupada mais eu penso sim em continuar pra registrar a história do povo.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Sim, ele já é bastante utilizado né?, pra que exista nas aulas de história demais disciplinas essa é uma forma de registro do povo tremembé.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

Sim por que ele já é um apoio, já é uma ferramenta que os alunos e professores tem pra se basearem.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

É assim, eles sempre observam, sempre faz leitura pra conhecerem a história do seu povo, uma vez que são histórias registradas, histórias dos próprios índios, dos mais velhos e fatos que aconteceram aqui no povo tremembé.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Sim, eu penso em escrever né?, mais um livro, e já tenho até o título que é "A vivência do povo tremembé de antigamente e as mudanças nos dias atuais", já penso em escrever esse livro.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Sim, sim, por que tendo o material registrado, impresso, na forma de livro, os alunos têm mais facilidade de fazer uma leitura e de fazer um entendimento também em relação a cultura que está registrada aqui nesse livro.

13 O fato de estar utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Com certeza, por que o livro ele é produzido pelo próprio índio, então são o conhecimento do índio escrito pelo próprio índio, então é uma segurança que a gente tem em repassar também o que está aqui que foi uma história de vivência.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Por que a escola tendo esse livro e outros mais que foram produzidos, a escola passa a ter na sua biblioteca material produzido pelo próprio povo né?, então assim, são livros que falam da cultura da vivência tremembé e que são registradas pelos índios e estão na escola pra que outros alunos possam manuseá-lo.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Vê de uma forma bem gratificante, por que eles viram que foram histórias que eles vivenciaram, que eles repassaram para os mais novos no caso os professores que foram registrados que servirão sempre para os alunos, para os futuros tremembé que ainda virão.

Nome: Maria Aurilene de Holanda

Livro: Flora e Fauna Tremembé da Região da Mata

1 Por que escolheu esse tema?

Eu escolhi esse tema por que assim, a nossa fauna e nossa flora antes era uma né, antes de nós fazer o livro, ai no momento que a gente tava fazendo o curso, eu vi que tinha muita, a fauna e a flora tavam se acabando, então eu resolvi fazer esse livro pra ficar registrado como era antes e como está sendo.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Sim, sim, sim, a extinção né?, que antes tinha muito e ai com o desmatamento, desmatou a flora né?, e com esse desmatamento a fauna também foi sendo extinta né?.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

Acho que vai sair, dependendo né?, do interesse das pessoas por que aqui ele é muito utilizado.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Anham, anham, por que assim, o livro, os alunos né?, viam ou vejam que era diferente do jeito que ta hoje, então o livro dá uma conscientização e a preservação dessas.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

A sensação muito boa né?, saber que eu tô contribuindo né?, com meu povo, a luta do meu povo né?, muito bom.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Sim, com certeza, por que assim nos saberes tradicionais é a prática né?
Com a prática e a ciência é aquilo que comprova então uma coisa né?.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Sim, sim, sim, depois disso, da graduação fiz minha pós – graduação,
tenho interesse sim.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Sim, sim, sim, sim.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

É como eu tinha falado no início, é a conscientização né?, por que tinha
muitos animais e então esses animais há muito pouco, então os alunos
ficam conscientizados que aquilo não pode matar.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

Um muito bom, por que é um registro da sua comunidade.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Sim, sim, sim.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Com Certeza.

13 O fato de esta utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Anham, porque é uma coisa você trabalhar com um livro produzido aqui
né?, pelo próprio povo, outra é trabalhar com livros que vem de fora né?,
então é muito melhor.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Sim, sim, sim, com certeza.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Ah, muito boa, muito boa, por que é uma coisa que fica ali, registrada as pessoas que a gente entrevistou né?, muitos deles nem existem mais, então é uma coisa que fica guardada né?, na escola, muito legal.

Nome: Maria Jusque do Nascimento

Livro: A história da escola Tremembé Maria Venâncio

1 Por que escolheu esse tema?

Por que ela foi a primeira escola indígena do Ceará né?, na época ela era Alegria do Mar e a gente necessitava de uma escola, e isso Raimunda veio fortalecer que ela tinha pouca aprendizagem, mas a gente precisava, não podia sair pra outra escola devido ao preconceito, aí eu achei interessante ficar registrado no livro mais a minha amiga a Rita Félix pra gente escrever a história.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Em si o livro ele não fala os problemas que tem dentro da comunidade, apenas fala a história que, da nossa escola quando ela se iniciou e fala a dificuldade e fala das dificuldades que a gente enfrentava, por que na época não tinha carteira pra gente sentar, a gente sentava no chão , não tinha caderno apenas uma folha, então fala essas dificuldades em si né?

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

Quando a gente fez esse livro, todos nós achamos que esse livro não chegaria tão longe, né?, assim, porque a gente nunca tinha feito esse tipo de livro né?, mais o Babi Fontelles sempre dizia que nossos livros iriam longe, que a nossa história ia chegar longe, e a gente disse: "Não, nossos livros não vão tão longe, vão vir pra nossa comunidade, por que a primeira intenção pra gente trabalhar na nossa escola, mas a minha, a minha vontade, realmente era essa né?, que nosso livro chegasse muito longe mesmo.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Eu acredito que já gerou né?, porque ele é trabalhado nas escolas das próprias comunidades, as pessoas gostam de ler nossos livros né?, e

tudo, e as pessoas lá de fora também né?, acham interessante e conhecem um pouco da nossa história.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

Pra mim é muito rica né?, é muito importante por que qualquer povo que escreve sua história e que é publicada e que todo mundo consegue ler, é muito interessante porque essa história ela não vai ficar apagada, essa história não vai ficar esquecida por que antigamente os nossos mais velhos ele contava uma história, se você não aprendesse e começasse a passar dentro da própria comunidade ela seria esquecida e hoje não, a gente conta a nossa história, pesquisou a nossa história elas estão escritas, então elas nunca irá se apagar, é uma forma de registro.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Eu acredito que meu livro, ciência, ciência bem, assim não, mas alguns outros livros que já publicaram, que na época eles falam muito sobre isso né?, sobre toda a ciência que tem na cultura, a espiritualidade, essas coisas todas, tem alguns livros que contam muito essas coisas.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Eu acredito que aqui irá acontecer uma oportunidade pra gente fazer isso sabe, não agora né, mas a gente tem vontade de fazer, de formar em outros cursos e que sobre ali, a gente consegue fazer outro livro e outras histórias.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Com certeza, já usei, eu mesmo lá no fundamental a gente usou não só o meu livro, porque tem um que é para educação infantil né?, os primeiras letras do alfabeto e também no ensino fundamental, ensino médio a gente trabalha muito os livros.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

Eu já percebi e já ouvi né?, porque algumas pessoas acham muito bom trabalhar ele, porque ali tá contando coisas que eles não sabiam da nossa cultura, principalmente esses adolescentes né?, que eles não tem tanto aspecto para essas coisas, mas que ali no livro ele incentiva o adolescente a conhecer a nossa própria história.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

Nossos alunos gostam muito do livro, porque o meu livro está todo rimado, ele é de rima né?, então eles gostam muito das histórias também, que é sobre que a gente trabalhou na nossa escola com as crianças, é muito interessante que falava da espiritualidade que é o livro da Andreina, então assim, ele todo conta a história assim, de bruxa, encantados, menina, a gente fez um trabalho, uma pesquisa lá na casa da Andreina, e levamos o livro dela e ela mesmo foi muito elogiada com isso e eles acharam muito interessante porque conta no livro sobre a espiritualidade, das histórias né?.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Tipo, como assim?, pra usar na escola, ok, tipo algumas histórias tivesse contada, como a gente está usando muito agora a internet, esse tipo, se tivesse online tudo, eu acredito que seria, os alunos iria ficar muito mais ligados nessas coisas né?.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Eu acredito que sim, porque ele tá contando a história ali verídico né?, não foi ninguém, mas sim os próprios índios foram lá pesquisaram suas próprias lideranças.

13 O fato de estar utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Pra mim com certeza, porque eu tô fazendo algo que eu pesquisei, que eu fui atrás e que realmente eu não estou falando bobagem né?.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Ele contribuiu de vários aspectos, porque como você sabe, a nossa biblioteca ela é recheada de vários livros né? Mas quando a gente abre a nossa biblioteca e que vai lá procurar da nossa cultura, a gente pode encontrar isso nos nossos livros.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Eles acham muito interessante, porque principalmente cacique Venâncio, que ele é uma pessoa muito voltada para a escola, ele, ele sempre quis isso né?, que nós tivesse material, que fosse nosso pra gente trabalhar com nossos alunos, e eu acredito que um pouco dessa metodologia, desse sonho dele, foi um pouco realizado né, pra ser diferenciado como ele fala né – pra ser diferenciado, ele sempre toca nessa parte, ele sempre queria muito, nossas reuniões, nossos encontros, porque ele luta muito pela diferença, tem que ter essa diferença.

Nome: Maria Piedade dos Santos

Livro: Fauna e Flora Tremembé

1 Por que escolheu esse tema?

Primeiro porque eu gosto né?, do tema e também porque quis saber quais são os motivos que estavam gerando todo desaparecimento da fauna e da flora do povo Tremembé.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Sim, porque como tava se acabando a fauna e a flora, então tava causando impacto na sobrevivência de parte da moradia do povo, e ai a população foi crescendo e ai então eles não foram mais tendo muito esses espaços. Antigamente o pessoal vivia também da pesca né?, da agricultura e ai também não tinha mais esses espaços para estarem trabalhando para sobreviver né?.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

Bom, pensamento é que seja ampliado para outras escolas, não só nas escolas indígenas, mas nas outras escolas convencionais, para o pessoal, eles terem conhecimento também né?, da sobrevivência né?, da vivência do povo e ai com isso, eles vão trabalhando esses costumes, vão conhecendo a história do povo Tremembé.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Bom, se a gente né?, o intuito do livro né?, quando a gente escreveu, é isso né?, que gerasse esse impacto de conscientização, que a partir do conhecimento que as pessoas vão tendo, por isso que as novas gerações de o porquê que esse, aconteceu esse desaparecimento tanto da fauna quanto da flora. Então é gerar esse impacto de conscientização pra que as futuras gerações, elas não possam também tá tendo conhecimento disso e porque veem, que isso causou né?, mas assim, um dos maiores impactos

que aconteceu na fauna e na flora Tremembé foi né?, a chegada da empresa né?, que fez o desmatamento e também alguns animais desapareceram né?, e o intuito é que as novas gerações tenham esses conhecimentos pra ter o conhecimento do que fez isso.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

Uma sensação de conhecimento né?, porque a partir do momento que a gente ouve as histórias, que esculta os mais velhos né?, contam a forma de como eles sobreviviam né?, a história deles, então a gente está aprendendo cada vez mais.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Bom, pode, porque a partir do momento que as pessoas vejam as histórias né?, que eles conhecem, então se eles né?, tiverem esse conhecimento, tem esse interesse, então eles vão procurar saber o porquê disso e saber né?, a conhecer mais essa história, depois que a gente teve essas publicações desses livros, então a gente teve né?, mais gente querendo saber como era nossa história, o porquê que isso tinha acontecido, conhecer mais a fundo como era realmente né?, a vivência do povo naquela época e como é que taria sendo hoje.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Tenho sim, tenho, é um pensamento meu, não sei se vai da certo, mas tenho sim.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Bom, no momento não porque não tô em sala de aula, mas os livros, eles são expostos na escola que é justamente para os alunos terem pesquisando, os professores terem atuando, então repassando esses conhecimentos e está servindo como material pedagógico também para escola.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

Sim, porque quando os alunos, não só por conta do material, mas da forma como vem sendo aplicado, a forma de como se trabalha na sala de aula, então os alunos, eles se voltam mais também para a questão da luta, então seja, eles que procuram se envolver na luta, eles precisam se envolver para ter mais conhecimento referente as questões da cultura e com isso então, eles vão aprendendo cada vez mais né?.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

Para pesquisa, na sala de aula e na biblioteca.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Bom, no momento não, mas pensei ainda, mas assim, a gente trabalha muito a questão da cultura na escola né?, ai a gente escreve muito né?, como é que o material esta sendo feito, as opiniões, tudo , mas no momento escrever um livro eu não pensei ainda não.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Sim, sim, porque a partir do momento que você trabalha a questão cultural na escola, os alunos, eles vão interagir e cada vez mais entender a questão cultural.

13 O fato de esta utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Sim, porque é uma coisa que eu tenho de mais conhecimento né?, então já que eu escrevi um livro, então tenho mais conhecimento referente ao assunto e aquilo que você conhece mais você tem mais segurança de tá aplicando.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Como eu já falei no início, além do ensino ele vai contribuir pra questão política do povo Tremembé, então os alunos, eles vão ficar mais sendo conhecedores dessas histórias e também vão tendo mais interesses no

povo, direitos, reivindicando seus direitos e tendo mais conhecimento do povo Tremembé.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Bom, acredito que eles vejam como forma de a gente tá fazendo documentos né?, contando a história, a nossa história, e ter isso guardado como forma de não esquecimento, porque então, antigamente eles era mais na questão da oralidade e ai hoje tem mais a opção da escrita, eu posso tá dizendo que hoje escrevi um livro, mas futuramente então os meus filhos e novas gerações vão ter conhecimento dessas histórias através desse livro que foi escrito.

Nome: Raimundo Felix Jacinto Neto

Livro: Luta e Resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu território.

1 Por que escolheu esse tema?

Cara, eu escolhi esse tema por que foi uma luta grande desse povo aqui da varjota, dos índios contra a do porto, e aí a gente tava querendo mostrar através da escrita, através de um livro pra comunidade, pro povo mostrar através da escrita essas lutas que eles tiveram né?, esse embate que eles tiveram contra o do porto nessa resistência aí o por isso do tema.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

As lutas como disse na primeira.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

O desejo da gente, e o meu também era que esse livro contando essa história, dessa resistência, não ficasse só na comunidade né, o intuito era além da comunidade, da aldeia, eles se espalha pras outras aldeias e pras outras etnias e também pros não-índios entender e saberem conhecer que aqui a gente tá por conta dessa luta de resistência contra esses invasores. Esse era o pensamento da gente, sempre foi né?, é o que a gente deseja que isso aconteça né?.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Rapaz, é porque é uma questão tão ainda nova que, nem a gente mesmo como que fez, trabalhou o livro, estudou, construiu. A gente não pra pra pensar o impacto que causou, mas eu acredito que causou um impacto sim e principalmente na questão da visibilidade né?, dos não índios, conhecer que realmente porque até então se a gente for imaginar o que a gente é, e foi pra Fortaleza, pra Universidade colar grau e o interessante é que no município de Itarema há tanto tempo que não tinha se formado uma turma tão grande de pessoas como a gente se

fromou. Então já foi um impacto né?, um impacto pessoal, então isso é também a questão do reconhecimento né?, e mostrar que a gente é realmente Tremembé, que a gente é índio, e que a gente tá aqui lutando né?, então esse é o impacto que o livro causa e vai causar ainda né?.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

É uma sensação ímpar, porque a gente sabe que os índios como tá e principalmente os Tremembé, a oralidade é o marco principal na questão da formação ética comum do índio Tremembé, porque o nosso povo há muitos anos atrás o nosso povo não sabiam ler, não sabiam escrever e era através dessa oralidade, dessas histórias de cada um, de cada povo, das histórias de cada povo, do nosso povo, quer dizer né?, do seu também, como você é índio, guardado na memória né?, repassada de geração pra geração, então a importância de escrever essas histórias, essas oralidades, transcrever no sentido de deixar para as futuras gerações porque a gente sabe que hoje, nossos velhos que são os guardiões desse conhecimento, dessas histórias, eles vão morrendo né?, e como a tecnologia é tão grande que o pessoal hoje, os novos não se sentam mais para conversar, pra repassar essa oralidade, então através da escrita se torna mais fácil pra poder as futuras gerações terem conhecimento disso né?.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Eu acho que é para a ciência no âmbito em geral, porque através desse nosso trabalho né?, dessa importância desse nosso trabalho, muitos outros pesquisadores de fora né?, através deles estão fazendo ciência em cima disso né?, então eu acho que é uma importância muito grande para a ciência no âmbito geral.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Eu tenho, é tanto que eu tava até fazendo a pós-graduação e não terminei ainda, mas vou terminar. Na minha pós-graduação só tenho um tema que a tempos eu venho tentando escrever, mas o que eu já escrevi ainda não me satisfaz direito, que era sobre a importância da oralidade para a reaproveitamento do povo Tremembé, então meu tema é esse e já

escrevi já, conclui o trabalho, mas falta só apresentar né?, mas ainda não me deixou satisfeito, eu acho que ainda tem coisa que nesse tema que precisa ser abordado, que eu pretendo um dia fazer.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Eu não, mas uns colegas sim, tanto porque eu trabalho como secretário, ainda não fui para sala de aula assim não né?, mas os colegas sim, professores já utilizaram e utilizam até agora no novo curso, no MITS que tá acontecendo até hoje uma etapa, e o professor Elisinaldo, ele usou esse nosso material pra repassar essas histórias pra eles né?, pros nossos bolsistas professores.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

Eu não estou em sala de aula, mas percebo que sim, porque eu vejo que os alunos se interessaram mais pela história, em conhecer, tanto que através dos trabalhos a já vinha fazendo, mas se intensificou mais a questão da pesquisa com os alunos, os mais velhos, o conhecimento, então eu acho que melhorou nesse sentido, e eles alunos também trouxeram para eles essa questão de realmente de luta né?, de lutar também, conhecer a história e continuar pra frente essa luta né?.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

Sim, sim, sim, a gente tem lá na escola né?, tá disponível na biblioteca, eles sempre levam os livros, além dos professores tarem passando em sala de aula.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Sim, é o meu pensamento escrever essa questão da oralidade, mas também tem uma coisa que eu penso em escrever, que realmente ainda esta muito aleatório, mas a vontade que eu tenho é de escrever essas histórias, não só a história, essa história mesmo de luta e tal, mas essas histórias que o pessoal chama de trancoso, e o povo tremembé, eles foram uns caras muitos contadores de histórias, nós somos contadores de histórias, então muita história da gente que tá se perdendo e tenho vontade de fazer ainda, escrever uma cartilha, um livro a respeito dessas histórias.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Sim, sim, porque todo o trabalho que a gente fez, de todos os professores né?, alunos do MITS, foram voltados pro fortalecimento da cultura, então ele justamente, ele traz essa sensação né?, sensação não, realidade mesmo né?

13 O fato de esta utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Sim, traz porque é uma coisa que a gente criou né?, então a gente é um conhecimento, que a gente foi buscar, que a gente trouxe, que a gente escreveu. Então a gente tem muito mais segurança né?

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Eu acho que realmente é no fortalecimento da cultura né?, no fortalecimento da vivência de cada um e principalmente dessa questão de se reafirmar como índio né? Como índio Tremembé, então além disso essa questão é muito, tá muito vista assim claramente.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Com uma importância muito grande né?, que eles têm aqui dentro desses livros, a gente costuma dizer, eu acho que os ancião, que estão tão velhos, eles são nosso livro vivo, então eles se sentem com uma importância muito grande e a gente tá escrevendo o que eles têm dizendo, então eles se sentem realmente importante pra isso.

Nome: Maria da Conceição Moura

Livro: Medicina tradicional do povo Tremembé

1 Por que escolheu esse tema?

Eu escolhi esse tema, devido a necessidade né?, do povo aqui e também pra deixar pra futura geração que vem né?, pras crianças, pra futura geração trabalhar na escola também.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Sim possui, porque ele é a medicina né? A medicina Tremembé, e a gente aqui trabalha muito com a medicina.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

É, pelo querer da gente ele saia né?, saia pras outras comunidades também ter acesso né? O livro, pra poder passar também pros alunos de outras comunidades.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Nesse caso, da consciência eu acho que sim, eu acho que se as pessoas lerem, eu acho que eles vão tirar alguma coisa daqui né? Algum remédio, alguma coisa.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

É a minha sensação, é de alegria né?, de tá fazendo uma coisa pra deixar pra comunidade, porque eu não sei, a gente não sabe quanto tempo a gente dura né?, e a gente fazendo alguma coisa que deixe é uma sensação boa.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Eu acho que sim, porque tem muita gente que já faz esses remédios fora da aldeia mesmo, gente branco mesmo, de fora mesmo, que a gente sabe que não são índio, que faz remédios caseiros, eu acho que se pegasse um livro assim, tinha mais facilidade de fazer.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Não, ai eu tinha antigamente, eu tinha quando eu terminei, logo eu tinha, mas agora não porque eu já tô tentando me aposentar, tenho muitos anos já de contribuição, de trabalho, tenho mais de anos ai.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Já, quer dizer, logo eu ensinaria o 1º ano nas outras turmas, agora tô ensinando o 3º ano, eu já comecei a trabalhar ele na escola.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

Sim, notei porque muito dele já diz qual é as plantas que a gente faz os remédios.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

Eles tem muita interação nesse ponto desse material que eles querem aprender, eles querem aprender como fazer.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Sim, a gente aqui, a gente trabalha com cartilhinha né? Pra deixar na escola, a gente pesquisa, faz pesquisa e recolhe tudo junto com os alunos e faz a cartilhinha pras outras turmas né, trabalharem também com as cartilhas.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Conseguiu sim, a gente consegue ensinar melhor, porque a gente já tem o livro na mão, qualquer coisa que a gente não souber, a gente vai lá e pesquisa.

13 O fato de estar utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Traz, é uma aprendizagem nova, que a gente não sabia, com as pesquisas a gente aprendeu e quer repassar né?

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Além de nas aulas, também tem a comunidade em geral porque quando a gente se tem um que tá precisando, de um remédio, a gente vai lá na Maria, ou faz e dá para aquela pessoa.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Pra eles verem como a gente faz um trabalho com todos nós, fizemos os trabalhos muito bom, resgatando a cultura né? Que as vezes tá quase morta, a gente resgata pra trazer pro futuro. Eles acharam bom, muito bom.

Nome: Valdevanda dos Santos

Livro: A pesca no mar e no rio Aracatimirim

1 Por que escolheu esse tema?

Eu escolhi esse tema, por ser de família de pescador né? , e assim a convivência de morar em beira de praia, e minha relação com esse tema, tinha muita relação com o dia-a-dia né, da vivência e familiares que são tudo pescador e da gente viver da pesca né?

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Sim, é sim, algum problema sim, porque as vezes até problema de pesca né?, as vezes chega tempo de pesca, marido pescador, hoje tenho um filho pescador, ai tem tudo a ver, porque assim quando chega o tempo da pesca, que não pode pescar assim naqueles problemas né?, ai por a gente ter também em sala de aula o problema do lixo, tinha coisa do mangue, que não podia tirar a madeira, com o tempo não podia tudo, essas coisas levou tudo né?, alguns problemas que a gente vivia, tanto assim na vida pessoal, como ensinaria ?.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

Eu acho que não, porque eu acho que assim com a continuação do tempo, com o tempo vai servir né?, para alguém se basear nele, pesquisar alguma coisa ou fazer algum trabalho em cima desse nosso trabalho.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Eu acho que assim, não sei se impacto, bem, pra quem conhecer nosso trabalho eu acho que sim né?, vai assim de certa forma entender assim alguma coisa assim. Tô nervosa.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

Foi uma sensação muito boa né?, porque tava assim escrevendo né?, uma realidade que eu vivia e ver os meus familiares vivenciando né?, foi muito importante a gente poder escrever né? , e deixar isso escrito pra servir de ensinamento para algumas pessoas, ter o conhecimento né?, dessa realidade. Que hoje a gente vê assim, que em a gente já não ver tanto jovem interessando pela pesca, mas assim em sala de aula fica um ensinamento.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Eu acho que sim.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

Eu acho que sim, porque até continuando né?, depois que eu fiz, eu agora tô perto de terminar uma pós né?, também, é assim, no dia que surgir uma oportunidade de fazer um mestrado eu acho que faço também.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Já tenho usado já, em alguns temas assim com as crianças, assim quando eu ensino nas séries mais altas como 6º e 7º, já tenho ensinado alguns.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

Sim percebi, porque assim, a partir que eu fiz esse trabalho, eu também me aprimorei né?, mais conhecimento e me ajudou bastante em sala de aula.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

A pessoa interage, é muito bom, é um material que está escrito pelo próprio, o ensinamento da cultura né?.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

No momento eu não pensei ainda não, mas quem sabe né?.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Ajuda bastante, as vezes a gente, ajuda bastante no dia-a-dia, na metodologia, porque as vezes você pode sentir dificuldade na metodologia, você tendo o material ali de suporte ali, lhe ajuda bastante no dia-a-dia.

13 O fato de esta utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Dá né?, porque a gente se sente ali, que foi uma coisa que a gente teve uma participação né?, então quando a gente vê assim um material, alguém usar ou a gente usar a gente se sente assim fortalecido na sala de aula.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Sim, porque a gente tem alguns livros né?, que foram publicados e as vezes a gente vê alguém à procura pra comprar.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Assim, eles veem assim, se sente honrado né?, porque ali em cada publicação a gente tá contando a vivência deles né?, aí eles se sente

assim, até uma forma de ser prestigiado né?, pela sabedoria que eles têm, o conhecimento dele, que é com eles que a gente aprende.

Nome: Maria Andreina dos Santos

Livro: Os encantados e seus encantos, narrativas do povo Tremembé.

1 Por que escolheu esse tema?

Acho que assim, a primeira coisa que eu tento dizer é que sempre foi um assunto que me chamou muita atenção né?, sempre fui é, digamos, encantada por esse assunto da questão dos encantados, porque é uma coisa que se torna um certo mistério, então sempre gostei muito desse assunto, então por isso que eu resolvi escrever sobre ele.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

Eu acredito que sim, porque assim na minha visão, muitos dos problemas que são devidos certamente, a ausência do conhecimento dessas histórias, que tá um pouco distanciadas, então eu acho que o principal problema é esse, as pessoas hoje parecia não conhecer essas histórias como antigamente, então muitas coisas no meu ponto de vista, acontece de forma que não era pra acontecer exatamente, que as pessoas não mais acreditam né?, devido também as religiões que ainda tem, assim, digamos, entrado na nossa cultura, então eu acho que devido isso, as pessoas não entendem nem buscam principalmente também devido a questão da tecnologia, que hoje tem no nosso meio, que antes não tinha.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

Não, eu acho que ele não fica simplesmente na aldeia, assim, porque já tenho feito assim, até alguma entrevistas com outros historiadores né?, que tão fazendo alguma questão, tão estudando sobre alguma coisa que tem relação, então assim, logo que vê meu livro, tem me procurado pra entender um pouquinho desse assunto, então assim, não é uma coisa que tá fechada só pra nós indígenas, ele tem de certa forma e tem deixado um foco também pro mundo todo né?, então não abrange simplesmente a nossa cultura.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Eu não sei exatamente se assim, um impacto, mas assim, a partir do meu livro e pela parte que assim, que depois que ele foi publicado, que muitos, principalmente professores conheceram, então assim, de certa forma eu não sei bem né?, se é um impacto, mas tem chamado atenção, e ainda tem já outros professores que já chegaram a se interessar também pelo assunto e escrever também alguma coisa em cima dessas questões né?, então eu vejo por esse sentido, que de certa forma foi uma coisa boa, que de certa forma impactou pra alguém, que chamou atenção de outras pessoas, pra também escrever sobre esse assunto.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

Assim, não de completamente dever cumprido como professora Tremembé, mas assim, de certa forma eu me sinto um pouco realizada por escrever alguma coisa, que é de conhecimento e sabedoria do meu próprio povo né?, então acho que isso pra nós professores que é daqui, que outros professores também se interessem em escrever alguma coisa, porque um dia, nossos maiores sabedores das nossas histórias, eles vão morrer, eles não vão ficar pra sempre aqui, então se alguma coisa não ficar de forma escrita né?, pode que muita coisa se perca, diante disso né?, porque eu acho isso mais ou menos.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Eu acho que pela forma que já lhe falei em outra questão, outros estudiosos, outras pessoas que já tem estudado inclusive dentro da ciência, não me lembro exatamente agora o quê, né?, mas ele vem contribuindo sim, tanto que pessoas que estão estudando em outras universidades já tem me procurado pra falar sobre esse assunto e que não é um assunto diretamente ligado aos nossos encantados, são coisas científicas, então acredito que contribuem sim.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado,doutorado?

Eu penso, não sei ainda quando, nem de que forma, porque pra nós indígenas nao é fácil né?, mas pretendo sim.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas daescola?

Sim, já sim, várias vezes, sempre que tem uma oportunidade dentro da disciplina que a gente trabalha né?, em algumas também as vezes no ensino médio fui chamada pra dar algum tipo de uma entrevista, então é, já tenho sim, utilizado o meu livro.

9 Alguma melhoria depois desse materialdidático?

Sim, tanto pros professores né?, que tão aqui, chegaram, digamos, depois de mim né?, depois que conheceram, passaram a conhecer o meu livro e também alunos né?, da nossa escola mesmo do fundamental, que depois que conhece um pouquinho estão interessados de certa forma nesse assunto.

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse materialdidático?

Eles ficam bastante felizes de eles verem alguma coisa que os próprio professores deles tem escrito, entao a felicidade deles é muito grande. Já hoje tinha um aluno dizendo – tia eu já lhe vi na internet, falando dos livros que você escreveu. Entao assim, é muito bom a gente ouvir isso dele né?.

11 Você pensa em escrever novosmateriais?

Sim, se Deus quiser eu vou continuar meus estudos, como falei que me interesse por estudar sempre, eu pretendo sim, me aprofundar nesse assunto se possível.

12 A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Com certeza, porque ele trata diretamente de crenças que tá ligada a história do nosso povo, então eu acredito que tem melhoria sim.

13 O fato de estar utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Sim, sem dúvida nenhuma, porque a parte que é uma coisa que você mesmo escreveu, que você ouviu as histórias, que você ouviu as experiências, então não tem como nós não sentir seguro daquilo que você tá fazendo na sala de aula né?, nesse sentido.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Sim, com certeza.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Eles ficam também bastante felizes né?, não somente os alunos, mas já ouvi assim e de muitas lideranças nossos importantes do nosso povo, bastante satisfeito com nossos livros né?, que a gente escreveu, então isso pra nós é muito gratificante.

Nome: Maria Liduina dos Santos e José Getúlio dos Santos

Livro: Primeiras letras na cultura Tremembé

1 Por que escolheu esse tema?

O tema foi escolhido devido a carência, a gente já começou vendo a carência do material didático que a gente não tem, porque o estado a gente conhece a realidade, os livros são muito é precário, a palavra correta é essa, a gente não tem livros que se possam trabalhar nas séries iniciais, ai a gente já começa a pensar nesse né?, nesse caminho, nesse roteiro, e ai nosso orientador, a gente chegou nessa conclusão, que por sinal é um dos temas mais belos que eu acho, esse tema. Porque veja, Primeiras letras na cultura Tremembé.

2 O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?

De uma certa forma sim né?, que uma das questões dos problemas que podemos identificar na escola, principalmente nas escolas de um modo geral, é muitas vezes a questão da própria dificuldade de se alfabetizar com livros que tá muito distante da realidade, então por isso que foi a intenção da gente tá trazendo material né?, tá fazendo esse trabalho para que pudesse facilitar a alfabetização das nossas crianças dentro da nossa cultura. Eu acredito que é muito mais fácil você se alfabetizar dentro daquilo que você conhece, do que você se alfabetizar diante de algo que está muito distante de você.

3 Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?

A princípio a gente pensou na aldeia em termo de aldeamento, porque até porque a carência que a gente tava vendo, não possuir material didático mais assim na cultura, é tanto que a gente viu e a gente buscou, porque muitas crianças hoje em dia não conhecem muito daqueles desenhos que a gente coloca lá, quer dizer, as fotos né?, a gente vê que as crianças não tinham esse meio. Tem muitos deles que não conhecem, então assim, a gente pensou no futuro dessas crianças que a gente conversou, que por exemplo: um pote?, uma criança não vai mais conhecer um pote futuramente, mas tendo esse livro, a gente já é uma fonte que se abre pra essas crianças começarem despertar curiosidades de ir ali. Existe uma cultura, mas que não tenha esse

suporte, mas a gente vai buscar, um exemplo que a gente tá dando né?, por exemplo: um pilão né? Que tem lá na nossa casa, mas assim, todo mundo usa um pilão hoje? Cadê o pilão ? ele foi substituído por que?, mas tem como você fazer esse pilão, então tem esses questionamentos, então aí, com o decorrer do tempo a gente tá vendo que ele tá realmente é abrindo novos horizontes, abrindo novos caminhos, porque é a mesma coisa de divulgar o trabalho, porque isso é tão interessante e não só na aldeia, mas no município, a gente faz essa ponte também, mas questão de tá divulgando esse trabalho e tá despertando pra outras coisas, pra outras pessoas, porque enquanto você divulgar o seu trabalho, vai despertando a curiosidade de muitas pessoas, vai plantando a sementinha.

4 Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?

Com certeza, porque assim, tínhamos muita coisa que tava adormecida, ela veio né?, foi trazida né?, a memória do povo através do nosso trabalho, não só do nosso trabalho, como de outros nossos colegas, porque a intenção era essa mesmo, era fazer com que essas coisas que tariam lá, que as crianças já não tinham mais tanto acesso, pudessem dentro da aldeia, através do livro, elas conhecerem um pouco né?, e ali já tá o exemplo do pilão né? E tem outros instrumentos de pesca por exemplo, que hoje já não vê mais né? E estão dentro também do nosso livro, então de uma certa forma causou impacto sim principalmente na época que a gente tava fazendo né?, porque assim, de ir atrás das pessoas e as pessoas ficarem: - Por que que vocês querem saber de tudo isso? E tal e tal?. Então causa impacto sim.

5 Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?

A sensação de empoderamento né?, da nossa própria história, uma delas é, lá no Juá lá é assim, a gente não só ficou com as fotos, mas a gente fez questão de fazer texto, é tanto que são dois livros, um dos livros que saiu é nosso, porque é um livro do professor e outro do aluno: o do professor ele traz muito mais informações por exemplo, textinhos pequenos e uma delas é o Juá e aqui a gente fala da vivência do cacique, como é que o cacique sobreviveu, conseguiu sobreviver naquela época, foi justamente com o Juá cozido com sororó, então assim a gente procurou trazer essas questões pra dentro de nosso livro, e ele fazer com que as crianças conheçam realmente a realidade do passado e que não deixe esquecer.

6 Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?

Olha, os saberes tradicionais de uma certa forma, eles já são a ciência, agora muitas vezes as pessoas tem dificuldade de fazer essa relação né?, prefere acreditar muitas vezes só em teoria, teoria, teoria e esquece muitas vezes de viver a prática, então por isso que esse trabalho, nós acreditamos que é de fundamental importância pra gente tá colocando mesmo essas questões práticas.

7 Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?

José – Eu tenho

Maria – hoje ele tem um potencial para estar caminhando comigo né?, fez uma pós-graduação, ele me fez esse convite, e aí eu fui e fiz essa pós-graduação, e assim tô caminhando lado a lado com ele.

8 Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?

Já, demais, aqui a gente usa muito, a gente valoriza o máximo que a gente pode, pelo menos aqui usa muito, não só o nosso, porque a intenção foi essa mesma, fazer com que esses trabalhos fossem utilizados nas nossas escolas.

9 Alguma melhoria depois desse material didático?

O que eu percebo Benício, é um interesse muito maior pelo conhecimento do próprio povo, porque tem muito mais significado, você estuda com algo que você já conhece, já tem a ver com você, faz parte de você, do que você estudar algo que tá muito distante da sua realidade, e muitas vezes você fica perdido no mundo sem saber, e aí quando as crianças pegam um trabalho desses e você olha, ah tá, faz parte do dia-a-dia, então vai causar o que? Um interesse muito maior, e mesmo as crianças, aquelas que não conhecem né?, por que tem criança que não conhece essas coisas mais, assim já vai causar um impacto né?

10 Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?

Com certeza, a gente procura o máximo, e valorizar o que a gente escreveu e fazer com que busquem mais ainda o conhecimento.

11 Você pensa em escrever novos materiais?

Sim, com certeza, e as outras questões já respondem, a nossa ideia é fazer mais material didático e transformar nosso material em didático também, para os alunos fazerem pesquisas e também com umas atividadeszinhas, e não utilizar material que a escola recebe, distante da realidade do aluno.

12 A utilização desse material permiti uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?

Permite com certeza, mas ai depende muito também de quem vai trabalhar com esse material né?, com o professor, porque também se for um professor que não tenha interesse por aquele material, com certeza, ali vai ser um material que de uma certa forma vai se tornar inútil né?, mas é um material que assim, que a intenção é essa mesmo, é fazer com que tenham uma minoria pedagógica cultural da história.

13 O fato de esta utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?

Pra mim traz, é riquíssimo, e ai a gente sabe que hoje a gente pra sobreviver, a gente tem que escrever, o bom disso tudo, é que nós somos nossos próprios pesquisadores da nossa própria história.

14 Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?

Olha, uma das coisas é o fortalecimento da cultura né?, da história, porque assim, quando você tem acesso a esse tipo de material, como já falamos, que vai fazer com que você desperte para aquilo que seu povo passou, algo que você já não tem mais conhecimento, então facilita, porque os alunos vão até mesmo buscar mais.

15 Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

Olha, principalmente aqueles que foram entrevistados para o livro dos encantados, eu já tinha visto né?, é o livro da minha irmã, que é o que fala dos encantados, ela fez questão de contribuir com aqueles que ela entrevistou, por que alguns que ela pesquisou já não tá mais aqui de uma forma material, mas eu vi o encantamento, quando eles viram as fotos deles lá, eles fazem questão, teve uma que fez questão em que eu lesse o que ela tinha falado pra ela, porque cada um de nós tem uma coletânea, e ai eu tive que ler pra ela, ai ela fica falando “ olha, fui eu que disse isso aqui”, então ela se sente muito gratificada com aquilo.

4.4 CADERNO DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Reunião de professores Tremembé



Fonte: Autoria própria

Fotografia 2 – Sala de aula na escola indígena Maria Venancia



Fonte: Autoria própria

Fotografia 3 – Ginásio de Esportes da Escola



Fonte: Autoria própria

Fotografia 4 – Escola Indígena Tremembé



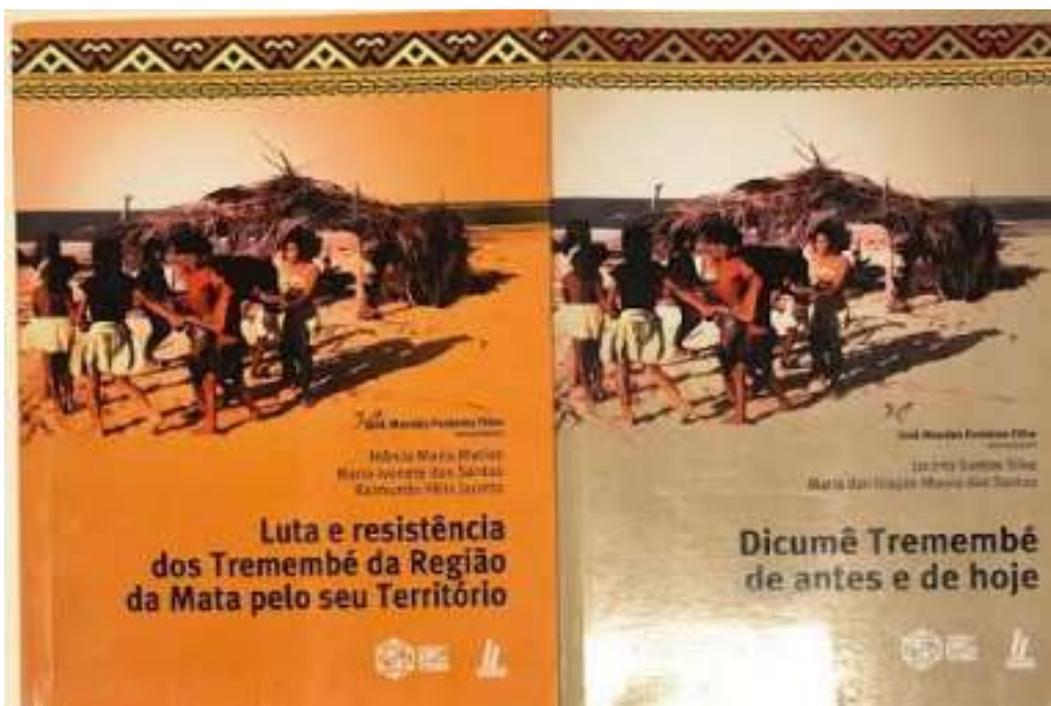
Fonte: Autoria própria

Fotografia 5 – Entrada da sala de Informática da escola



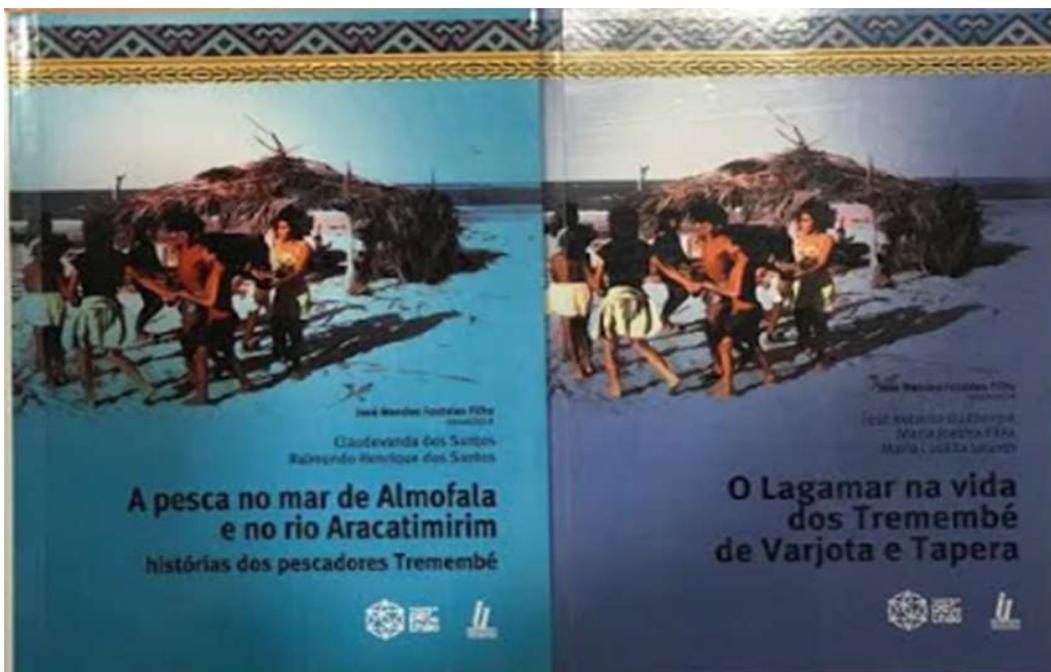
Fonte: Autoria própria

Fotografia 6 – Produção indígena (livros objeto de estudo)



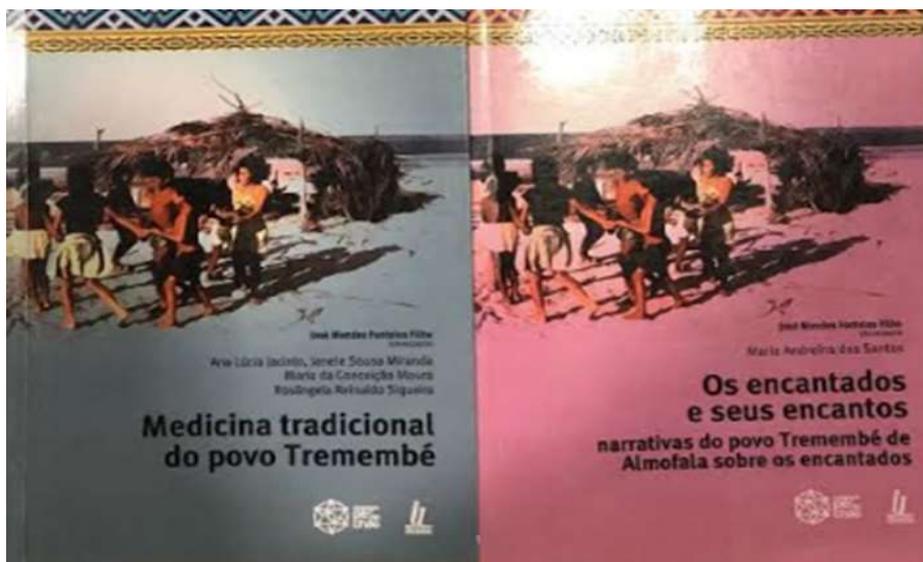
Fonte: Autoria própria

Fotografia 7 - Produção indígena (livros objeto de estudo)



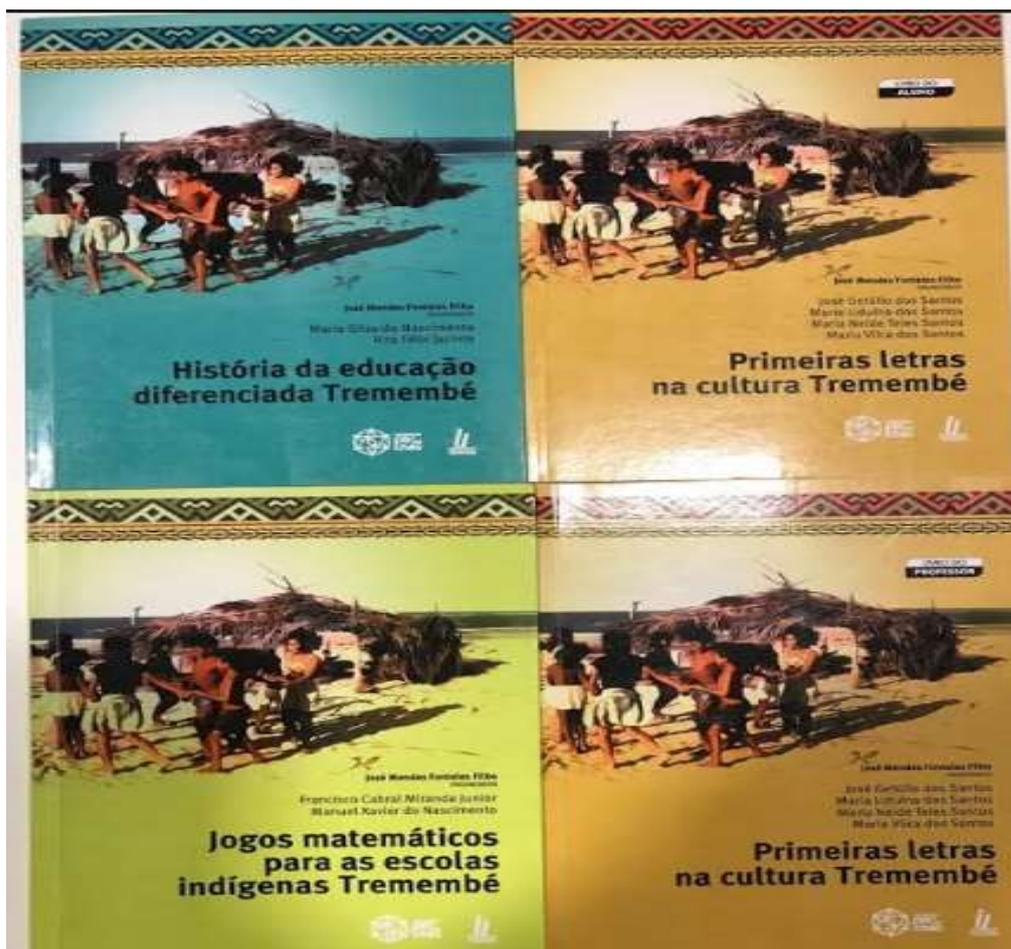
Fonte: Autoria própria

Fotografia 8 - Produção indígena (livros objeto de estudo)



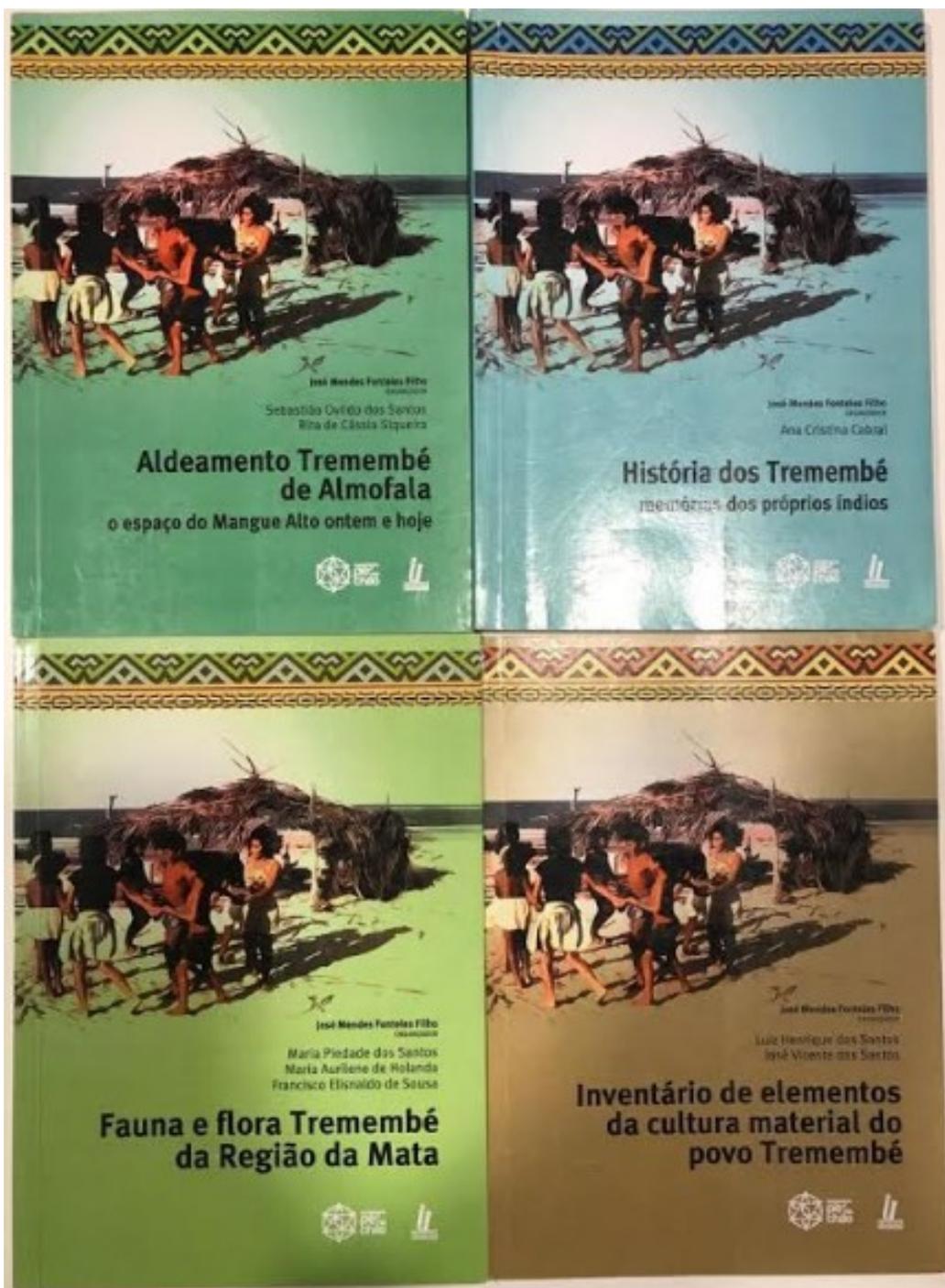
Fonte: Autoria própria

Fotografia 9 - Produção indígena (livros objeto de estudo)



Fonte: Autoria própria

Fofografia 10 - Produção indígena (livros objeto de estudo)



Fonte: Autoria própria

Fotografia 11 - Evento Povos do Mar – Apresentações Indígenas



Fonte: Autoria própria

Fotografia 12 - Evento Povos do Mar - Tapioca



Fonte: Autoria própria

Fotografia 13- Evento Povos do Mar - Chamada para o Toré



Fonte: Autoria própria

Fotografia 14 - Evento Povos do Mar – Lideranças Indígenas



Fonte: Autoria própria

CAPÍTULO V

RESULTADOS DA PESQUISA

Nesse capítulo serão apresentados os resultados da pesquisa, bem como uma discussão dos mesmos, procurando, portanto responder de forma clara as hipóteses planteadas no início da pesquisa, seguido de nossas conclusões relacionadas aos objetivos anteriormente propostos e nossas considerações finais.

5.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a realização dessa pesquisa havíamos proposto inicialmente algumas hipóteses que necessitam, além da leitura do objeto de pesquisa, ou seja, os livros, frutos dos TCCs dos alunos do MITS, a realização de uma entrevista com os autores do material para saber os anseios, ideias e símbolos que poderiam seguir implícitos mesmo com a leitura por meio do paradigma indiciário, e as análises de conteúdo e discurso.

Entre as hipóteses buscávamos essencialmente as reais intenções por trás da escrita desse material indígena, se estavam relacionadas ou não com as principais necessidades da comunidade Tremembé e serviria como chamada de atenção, visibilidade e empoderamento ou se a ideia central seria a conclusão e obtenção de um título superior até porque não tinham uma noção da repercussão do material, ou que mesmo sem essa noção estavam implícitas as ideias de visibilidade, empoderamento, fortalecimento identitário mesmo que não esperados como ideia central.

Nessa linha de raciocínio foram elencadas algumas categorias e variáveis que facilitaríamos a análise do material (livros e entrevistas), no intuito de sacar o máximo de informações possíveis. Entre tais categorias podemos

mencionar: identidade, saberes tradicionais, cultura, fronteiras, direitos humanos ,interculturalidade e transculturalidade além de algumas variáveis.

Para tanto iniciamos a leitura na busca de indícios que pudessem dar as primeiras pistas que nos levassem a uma argumentação plausível quando confrontados com as hipóteses. Assim, na primeira fase da análise de conteúdo a chamada pré-análise de acordo com o método Bardin, tivemos a necessidade da divisão do material em blocos, e os livros foram divididos e catalogados em 5 blocos, e nesse momento já se poderia associar aquele material escrito com os principais problemas da comunidade Tremembé, ou seja, problemas relacionados com as necessidades básicas de uma comunidade de minoria étnica.

Chegamos aos blocos relacionados com Terras e Territórios, História e resgate histórico, Educação e Educação Diferenciada, meios de subsistência e alimentação; Medicina e elementos culturais tradicionais, como mitos e lendas.

Diante dessa divisão em blocos, nos deparamos não somente com as principais necessidades, e sim, elementos fundamentais para a constituição de uma comunidade indígena, pois de acordo com os próprios indígenas, se não existe terra e território demarcado não existe uma justificativa da existência de uma comunidade. Ou seja, diretamente relacionado com a categoria identidade, nos pondo em total acordo com Hall, quando parte de uma ideia de alteridade, onde um “eu” necessita do contato com um “outro”, para observar nas diferenças o fortalecimento identitário, nos mostrando assim a justificativa em fincar o pé na luta por uma educação diferenciada, uma educação voltada para as especificidades Tremembé, justificando também a produção de um material de retroalimentação desse modelo educacional.

Em relação ao bloco associado com a alimentação e meios de subsistência, caça, pesca e coleta principalmente, aproveitamos para associar a escassez desses alimentos com a invasão, exploração e degradação ocasionadas por empresas em terras e territórios indígenas, ou seja, mesmo

não sabendo a repercussão e alcance do material, aproveitaram esse momento para denunciar os problemas de escassez de alimentos e invasão de suas terras.

Associamos aqui as categorias de direitos humanos, com a violação dos mesmos no que tange as liberdades e coletividades associados aos direitos humanos de segunda e terceira geração e ao mesmo tempo a categoria referente a fronteiras, mostrando o descaso das autoridades frente a invasão das terras e territórios indígenas. E nesse aspecto nos pomos em total acordo com Amante (2014), quando relata as fronteiras como espaços de construção e protestos identitários, onde os indígenas em suas terras e territórios demarcados, passam a lutar por direitos específicos que venham empoderar a comunidade Tremembé.

O bloco referente à história e resgate histórico bem como o bloco seguinte que faz referência a medicina e elementos tradicionais e culturais como mitos e lendas, associamos diretamente a categoria saberes tradicionais, e nos deparamos com respostas nas entrevistas sobre a preocupação com o saber ancestral que antes oralizado se perdia com o tempo, com a morte dos anciãos, rompendo o processo de endoculturação. Assim, os saberes tradicionais e sua relação direta com a oralidade indígena, ganha uma nova conotação com a transcrição dessa oralidade, garantindo uma perpetuação desses saberes.

A historicidade nesse contexto muda de foco, e antes o indígena invisibilizado ou mostrado somente como objeto de estudo, passa a ser o seu próprio historiador, protagonista, ator e autor de sua história. Observa-se assim, a importância dos anciãos, detentores da sabedoria ancestral indígena Tremembé em seu papel crucial quando entrevistados pelos pesquisadores indígenas no processo de construção de seus livros. E aqui nos pomos em acordo com Freire (1997), quando explica que os seres humanos são sujeitos inacabados e que estão em um processo contínuo de transformação e também quando afirma que o ser humano é o sujeito de sua própria educação, não

somente objeto dela e requer sua ação transformadora sobre a realidade. E nesse aspecto a educação indígena é realizadora dessa prática de liberdade.

As categorias cultura, interculturalidade e transculturalidade, perpassam todos os blocos observados, uma vez que, os indígenas também estão utilizando elementos não indígenas como a própria educação, publicação de livros e elementos de pesquisa, para fortalecimento de sua cultura, interação com a cultura indígena por meio dos resultados de suas pesquisas, bem como, gerando uma transformação cultural, interna e externa. Interna quando se fortalecem com base na transcrição da oralidade e externa quando logram visibilidade e ruptura de paradigmas e estigmas sociais impostos ao longo da história, principalmente quando contada por uma elite detentora do poder.

Aqui nos deparamos com o pensamento de Bourdieu (1962), quando nos diz que as “transformações inevitavelmente resultantes do contato entre duas civilizações, a colonização acrescenta as convulsões provocadas deliberada e metodicamente, de forma a assegurar a autoridade do poder dominante e os interesses econômicos dos seus compatriotas” .

E nesse aspecto, a educação indígena é realizada como prática de liberdade e equalizadora, onde associamos aqui o conceito de sobreculturalidade durante todo esse processo de luta indígena e chamada de atenção aos problemas. Isso ocorre quando, acontece um fortalecimento da identidade indígena e empoderamento, como bem exemplifica o conceito de intraculturalidade, ocorre um respeito por elementos culturais não pertencentes à cultura indígena, como modelo de pesquisa, publicação etc. exemplificado pelo conceito de multiculturalidade, o surgimento de uma interação com a publicação, entregas aos repositórios das universidades e leitura do material por um público não indígena, bem como a transformação sobre a maneira de ver uma comunidade indígena.

Nesse aspecto podemos observar em várias respostas explícitas nas entrevistas e quantificadas nos gráficos, que podemos conjugar com os autores

trabalhados, como exemplo podemos mencionar alguns casos obtidos com as respostas dos entrevistados, abaixo argumentados.

Quando de maneira unânime foi respondido que os livros produzidos pelos próprios indígenas gerariam impactos na comunidade e sociedade. Impactos positivos referentes à efetivação de uma educação diferenciada, desenvolvida pelos próprios indígenas e para os mesmos e de certa forma, uma ruptura de barreiras, onde o mesmo material ao atravessar as fronteiras da comunidade poderia gerar visibilidade e ao mesmo tempo deixar-se conhecer pelo outro. Aqui encontramos argumentos de apoio em (Freire, 1997), (Amante, 2014) e (Hall, 2005) com a pedagogia da autonomia, com as fronteiras identitárias e o fortalecimento da identidade.

Evidenciamos também, portanto, aqui nesse ponto, o processo de sobreculturalidade, como um constante movimento de conhecimento sobre si mesmo e sobre os demais, desenvolvendo uma constante troca de elementos culturais por interação, geradores de transculturas, ou culturas híbridas, e nesse ponto, conjugamos com (Canclini, 1989), (Espina, 1997) e (Martins, 2016).

Quando chegamos à situação de empoderamento, vimos Entretanto, que 20% deixou clara a visão de empoderamento e visibilidade que buscam essas minorias étnicas, seguida de 10% que mostrou um sentimento de gratificação, gratidão e orgulho, por ver seu próprio material ser trabalhado nas escolas indígenas, gratidão e orgulho também dos anciãos da comunidade, que viram suas histórias e relatos, materializados nas obras. Aqui mais uma vez conjugamos com (Hall, 2005), (Freire, 1997) e (Amante, 2014), quando vemos que as particularidades de um povo, constituem suas identidades e que podem ser fortalecidas por meio da educação, e no caso indígena, uma educação diferenciada

Quando evidenciamos que 10%, mencionaram sobre o conhecimento adquirido pelos próprios pesquisadores sobre sua cultura, suas histórias e

memórias, servindo de aprendizado com a sensação de ruptura de paradigmas, onde na pesquisa se posicionaram como pesquisadores de suas próprias histórias e não somente como objeto de pesquisa, muitas vezes não escutados. Remetemos diretamente a Freire e suas pedagogias da Autonomia, do oprimido e da libertação.

Quando vimos que, entre os mais velhos, os anciãos da comunidade o sentimento foi de alegria e de valorização na contribuição, de acordo com os relatos observados nas entrevistas, mesmo não sabendo ler e escrever, ficavam felizes vendo suas imagens e seu discurso no livro, e vendo as histórias materializadas e transcritas, e assim, evitando o rápido desaparecimento. Aqui associamos também a Freire, com a questão do empoderamento por meio do letramento e protagonismo popular.

A mesma situação quando observamos no gráfico 16, reforçando também a afirmação do gráfico anterior com a categoria de autoconhecimento com a afirmação de 50% da amostragem que reforça o conhecimento sobre o próprio povo com a interação dos alunos com o material produzido por seus professores. Tal categoria está diretamente associada ao conceito de intraculturalidade, mesmo que não trabalhado entre os Tremembé. E aqui conjugamos com (Aparício, 2011) e (Martins, 2016).

Portanto, evidenciamos aqui, a importância de nossa pesquisa com a pretensão de gerar uma implementação conceitual, como abordagem teórica capaz de fortalecer o que já vem sendo praticado nas escolas indígenas Tremembé. Apoiando as escolas indígenas na implementação dos conceitos de intraculturalidade e sobreculturalidade no Plano Político Pedagógico – PPP, dessas escolas.

Vemos a possibilidade de multiplicação e difusão desses conceitos, quando perguntamos sobre a segurança/confiança no processo de ensino-aprendizagem, com a utilização de um material confeccionado pelo próprio professor, deparamo-nos com 100% da amostragem confirmando que sim, o

fato de o material ter sido escrito pelo próprio indígena trouxe maior segurança e também uma atuação mais efetiva do alunado que se mostrou mais participativo e curioso por estar fazendo parte da história abordada em sala de aula por seu professor.

Entre os argumentos relacionados com a segurança no processo de ensino-aprendizagem, surgiram as seguintes categorias: Um material escrito como forma de vivência; conhecimento indígena escrito pelo próprio indígena; pesquisa realizada pelo próprio indígena; um material melhor que livros externos e mais conhecimentos sobre sua própria história e cultura local, mais uma vez corroborando com (Aparício, 2011) e (Freire, 1997).

Quando mencionaram que essa ideia era um sonho dos caciques da comunidade, pois explicavam que o material muitas vezes fornecido às escolas, estava longe da realidade dos alunos, distanciando e dificultando muito mais o processo de aprendizagem, vemos que podemos corroborar com (Amante, 2014) e (Freire, 1997).

Quando vimos que, 30% mencionou que além de ser utilizado na educação, esse material serve de elemento de fortalecimento cultural, seguidos de 10% que mencionou a contribuição política com a luta por efetivação dos direitos indígenas, 10% mencionou a reafirmação identitária do povo Tremembé, 10% mostrou a importância na difusão dos saberes tradicionais Tremembé, vamos ao encontro do que fala (Urquiza, 2014) e (Candau, 2003).

Em relação ao conceito de Sobreculturalidade de Martins (2016), o autor concorda com Fleuri (2009), quando diz que no âmbito da educação, a diversidade de conceitos e termos em torno de uma mesma ideia, ou linha de raciocínio, torna difícil a compreensão do fenômeno. Não obstante, ocorre uma discordância entre Martins e Fleuri quando nessa esteira, Fleuri (2009) alerta-nos sobre alguns aspectos a considerar, entre eles, a impossibilidade de reduzir esse conjunto de ideias em um único conceito, a exemplo da Multi, Inter e Transculturalidade.

Martins (2016), nessa linha, respeitando a complexidade de cada conceito, explica que os mesmos podem ser apresentados juntos como fases de um único processo. Trata-se do processo de Sobreculturalidade, que parte da idéia de unidade, que seja capaz de respeitar as diferenças e particularidades de cada sujeito ou grupo em contato, potencializando-se seu respectivo desenvolvimento, e gerando o empoderamento dessas comunidades e fortalecer o sistema educativo indígena.

De acordo com o entedimento de Aparício (2011), os conceitos de intra, inter, multi e transculturalidade se complementam entre si, o que fortalece a existência de cada um. Segundo o autor, na relação de contato, passa-se de um ponto de autoaceitação e autoreconhecimento, para a interação com o outro, seguido do respeito e da transformação gerada por esse contato.

Em contrapartida, discordamos do autor, quanto a posição elencada e assim, reforçamos o que propôs Martins (2016). Uma outra visão desse mesmo processo, mudando as posições de algumas etapas conceituais no sentido de mostrar o elo entre elas, ou seja: iniciando todo o processo com a autoaceitação e autorreconhecimento, para que, em uma situação de alteridade, contato com o outro ou diversidade, seja reforçada essa diferença e a necessidade de interação entre as culturas em contato gerando uma transformação. Situação essa, observada e constatada no material produzido pelos indígenas para utilização nas escolas básicas das comunidades, reforçando a cultura local e mantendo vivo os saberes tradicionais.

5.2 RESPOSTAS ÀS HIPÓTESES

Quando questionados sobre a escolha dos temas dos livros, foram observados entre as respostas das entrevistas, os fatores coletivos que atingiu 80% das respostas, e encontramos argumentos como: o desaparecimento da fauna e da flora local, a morte dos anciãos levando consigo o conhecimento

ancestral, educação local e carência de material didático, lutas por terra e território, registro histórico e transcrição da oralidade sendo essas duas últimas categorias as mais citadas como motivos, observadas nos gráficos 2 e 3.

Quando questionados sobre os motivos que levaram a escrever os livros e os respectivos temas, entre as questões pessoais encontramos as relações com dia a dia o que facilitaria a pesquisa para a construção do livro indígena, bem como as curiosidades sobre a própria cultura, à medida que o pesquisador (aluno tremembé) ia adentrando em partes de sua cultura que de certa maneira já havia caído no esquecimento. Respostas obtidas com relação a temática referente aos encantados.

Como visto no gráfico 2, em relação aos motivos mencionados como: o registro histórico 40% e a transcrição da oralidade indígena 40%, nos deparamos com uma visão amplamente voltada para o coletivo, somando nesse caso 80% que visa um enriquecimento comunitário além de um registro dessa riqueza para as futuras gerações.

Por fim, quando questionados se havia relação direta da escrita dos livros com os problemas enfrentados pela comunidade. Um dos entrevistados correspondente a 10% da amostragem disse que seu livro não tinha relação direta com os problemas da comunidade, mas observa-se que em seus argumentos, mencionou problemas como as dificuldades enfrentadas pela primeira escola indígena tremembé, como espaço precário, bem como com a falta de material na estrutura escolar como material de apoio.

Os outros 90% admitiu uma relação direta entre a escrita e os problemas evidenciados na comunidade indígena Tremembé. E é justamente nesse ponto que adquirimos argumentos para fortalecer nossa hipótese 1 planteada no início da pesquisa tratando da ligação e relação direta entre problemas sociais e a escrita dos TCCs.

Descartamos, portanto, a hipótese 2, pois a produção não foi realizada simplesmente como requisito para obtenção do título, e sim que o material foi utilizado como chamada de atenção aos problemas enfrentados pela comunidade Tremembé, mesmo não tendo noção das perspectivas e alcance da repercussão de tais materiais. Nesse ponto também descartamos a hipótese 3, pois a ideia central foi visibilidade da cultura indígena, seguida de fortalecimento identitário com o material que iria ser trabalhado nas escolas indígenas, ou seja, mesmo que implícito, o material mostra elementos da luta, e em alguns casos, apresentados diretamente na escrita e por isso não podemos considerar como pano de fundo, e ver estabelecida uma ligação direta entre o material produzido, os problemas enfrentados pela comunidade e a luta pelos direitos indígenas.

Observamos no gráfico 4 que entre os problemas evidenciados se destacam os relacionados com o meio ambiente atingindo 30% da amostragem, pois o desequilíbrio e desmatamento desencadeia outra onda de problemas, afetando diretamente a sobrevivência desse povo, com seus meios de subsistência, seguidos de problemas relacionados a falta de história escrita sobre o povo tremembé que chegou aos 20%, e que, o material produzido estaria buscando solução para tal problema.

Assim observa-se também no mesmo gráfico 4 que o registro das lutas travadas pelos tremembé por suas terras e territórios, que atingiu também 20% da amostragem, bem como por melhores condições na educação e saúde para a comunidade que atingiram 20% e 10% respectivamente.

Já o gráfico 5 deixa claro a busca por visibilidade da comunidade indígena tremembé, uma vez que, 70% mencionou a possibilidade que viram em difundir a história e cultura tremembé entre a população não indígena e ao mesmo tempo apresentando 30% que mencionou como esse material poderia fortalecer a educação local com um material didático produzido na própria comunidade e por membros da mesma, que seriam os protagonistas da difusão desse material.

Assim, vemos que, os dois pontos obtidos a partir das perspectivas em relação à produção indígena, nos leva ao processo de visibilidade e empoderamento indígena, mostrando a educação indígena e diferenciada como ferramenta capaz de se fazer chegar aos anseios almejados, o que fortalece a resposta à primeira hipótese.

Ainda em resposta a primeira hipótese, vemos que, de maneira unânime foi respondido que os livros produzidos pelos próprios indígenas gerariam impactos na comunidade e sociedade. Impactos positivos referentes à efetivação de uma educação diferenciada, desenvolvida pelos próprios indígenas e de certa forma, uma ruptura de barreiras, onde o mesmo material ao atravessar as fronteiras da comunidade poderiam gerar visibilidade e ao mesmo tempo deixar-se conhecer pelo outro.

Ficou evidenciado, portanto o processo de sobreculturalidade, presente na comunidade tremembé e no material produzido pelos indígenas, sendo observado como um constante movimento de conhecimento sobre si mesmo e sobre os demais, desenvolvendo uma constante troca de elementos culturais geradores de transculturas, ou culturas híbridas, como pregada por Canclini.

5.3 CONCLUSÕES

Todo o material foi trabalhado e analisado, com a utilização de técnicas e métodos propostos na metodologia dessa pesquisa. Por tanto, em posse desse material, foi possível utilizar a metodologia do Paradigma Indiciário na busca de indícios que nos levasse a construção de nossa pesquisa, mostrando que as evidências dos problemas políticos, sociais, econômicos e culturais, estavam implícitos nas obras publicadas, mas diretamente relacionados com as lutas enfrentadas pela comunidade, como uma espécie de chamada de atenção a esses problemas, e conscientização ou chamada à luta, como uma maneira de formação de cidadãos críticos e participativos.

Em seguida foi realizado uma análise de conteúdo, partindo de uma pré-análise, onde chegamos na divisão do material em 5 blocos, de acordo com as temáticas abordadas pelos autores, depois foi feita uma análise de discurso, observando os elementos e símbolos de lutas e resistência, bem como de garantias de direitos específicos, implícitos nos textos e que nos mostra uma relação direta com o conceito de sobreculturalidade, quando o mesmo prega sobre a sobrevivência cultural, com a utilização de ferramentas não indígenas, como o próprio sistema educacional. Portanto, toda metodologia aplicada nos facilitou para o desenvolvimento e chegada das conclusões que serão apresentadas e numeradas a seguir, em respostas aos objetivos inicialmente planteados.

Conclusão 1

De acordo com o objetivo da pesquisa que menciona sobre ressaltar o papel da educação diferenciada e sua importância na transcrição da oralidade indígena, observamos desde esse ponto e desde duas visões, uma interna e outra externa à comunidade, podendo associá-las aos pontos de vista Emic e Etic, que a educação diferenciada se torna um elemento fundamental na questão da educação indígena e suas particularidades. Nesse caso em específico podemos notar que a transcrição da oralidade indígena pelos alunos do curso de formação de professores indígenas Tremembé, se torna símbolo de empoderamento e ao mesmo tempo mecanismo de propagação e perpetuação dos saberes tradicionais que, uma vez escritos, serão mais difíceis de serem esquecidos, sem contar o papel crucial que terão os mesmos na contribuição às futuras pesquisas.

Desde um ponto de vista Emic, podemos observar que os autores não tinham a noção do tamanho ou grau de repercussão que teria tal material, e que escreveram no intuito de deixar registrados parte de suas identidades. (isso quando observadas as respostas à entrevista semiestruturada).

Desde o ponto de vista Etic, podemos observar que as transcrições da oralidade indígena, sem a educação diferenciada tal iniciativa se tornaria inviável, ou seja, precisam de mecanismos mesmo que externos a suas culturas para poder utilizar como mecanismos de manutenção das suas. Que nesse caso a educação diferenciada seria o meio de tornar isso possível.

Conclusão 2

Sobre o objetivo que busca analisar as monografias dos alunos Tremembé, observando suas perspectivas na busca pelo conhecimento científico e ao mesmo tempo com a perpetuação dos saberes tradicionais, observamos em um primeiro momento que todas as monografias analisadas mostram evidências e indícios de uma chamada de atenção aos problemas enfrentados pela comunidade, problemas esses, relacionados aos direitos específicos sobre suas terras e territórios, sobre a implementação e perpetuação da educação diferenciada, seus meios de subsistência e sustento comunitários voltados para a principal atividade econômica da comunidade, que nesse caso é bem evidenciado a atividade pesqueira.

Em um segundo momento, ademais da chamada de atenção aos problemas enfrentados pela comunidade, observamos que houve uma certa preocupação indígena pela busca de conhecimentos científicos para embasar seus escritos e que os mesmos pudessem servir de fontes para futuros estudos sobre a comunidade e seus saberes tradicionais, nesse momento a ideia é que os matérias produzidos pelos mesmos iria servir para os mais jovens, garantindo assim esse conhecimento indígena que estava desaparecendo com a morte dos mais velhos (anciãos), detentores de todo o conhecimento oral Tremembé.

Em um terceiro momento se observa que tal iniciativa pôde ir além das expectativas e que os beneficiados seriam ademais dos alunos da própria comunidade com o incentivo à leitura, escrita e pesquisa, mas também

estudiosos interessados pela causa indígena bem como, indigenistas que passaram a ver a importância de tal chamada de atenção no meio acadêmico.

Conclusão 3

Em relação ao objetivo que menciona observar a contribuição que esta forma de ensino traz para o desenvolvimento econômico-social das comunidades, com a formação de profissionais indígenas qualificados para o trabalho interno, vemos que a Educação Diferenciada, tem como missão ressaltar a cultura local, partindo de um pensamento intercultural, ou seja, o intercâmbio entre formas, estruturas de ensino que favoreceria a comunidade indígena uma vez que, estariam utilizando elementos da cultura não indígena para fortalecer a indígena como um sistema de ensino, e ao mesmo tempo enfatizando e frizando uma educação do campo que atenda as especificidades da cultura local, deixando para trás uma visão de adaptação de elementos da educação urbana na educação rural.

Sendo assim uma nova forma de analisar tal educação e vislumbrar seus pontos responsáveis pelo empoderamento e visibilidade da cultura e lutas indígenas em prol da coletividade.

Nesse caso, podemos ver que a ideia central seria formar profissionais indígenas para o trabalho comunitário interno, professores das escolas públicas diferenciadas das comunidades indígenas, se observa que, surge um fortalecimento sócio econômico comunitário, com profissionais qualificados, desenvolvendo a educação indígena e ao mesmo tempo dentro de um marco legal frente ao sistema educativo nacional brasileiro.

Conclusão 4

Quanto a menção do objetivo de Identificar os pontos mais abordados nas monografias dos estudantes Tremembé relacionando-os com os interesses

e principais necessidades da comunidade, detectamos e identificamos com base nos indícios e desde uma Pré-análise com base em Bardin, nos textos elaborados pelos alunos Tremembé, que cada ponto abordado sendo os mesmos divididos em grupos ou categorias para em seguida realizar uma inferência, estão diretamente relacionados com os problemas enfrentados pela comunidade Tremembé.

Observamos que, toda a luta por demarcação e homologação territorial, levando a morte de alguns membros da comunidade, estão evidentes na escrita, assim como a necessidade por sua subsistência, mencionando aqui seus bosques, invadidos de certo modo, por empresas locais, bem como a concorrência desleal na atividade pesqueira entre os moradores e empresas instaladas nos seus territórios. Também mencionam sobre a perda da história por ser de base oral, com a morte dos sábios anciões.

Quando abordado sobre a educação diferenciada, vemos a necessidade da perpetuação da sua cultura e dos saberes tradicionais Tremembé, ou seja, a valorização e importância de uma educação que fortaleça a cultura indígena e que tenha um currículo desenhado por membros da comunidade.

De acordo com a menção referente a história Tremembé e do resgate histórico, vemos que além da necessidade de registrar a história contada desde o ponto de vista dos próprios indígenas, de uma visão Emic, se observa o material como *standard* da luta indígena, e uma chamada de atenção para toda essa luta e resistência indígena, seja pela demarcação da terra, pela invasão das mesmas por posseiros e empresas, seja por uma educação diferenciada ou até mesmo mostrando seus elementos culturais como forma de comprovação de propriedade dos mesmos. E assim passam a mudar a historiografia, onde o indígena deixa de ser objeto e passa a ser sujeito da história e escritor de sua própria história e cultura.

Conclusão 5

Quanto a reflexão proposta sobre o processo de Sobreculturalidade, atentando para a teorização dos saberes tradicionais e de experiências da etnia e suas vivências no ensino superior indígena, como instrumento para manutenção, expansão e sobrevivência cultural, fica constatado que tal processo poderia ser utilizado e contribuir para o processo de desenvolvimento e empoderamento da comunidade e em específico na educação diferenciada e nos rituais Tremembé, pois os mesmos apresentam características de todas as fases consideradas no processo de sobreculturalidade, sejam, Intra, multi, inter e transculturalidade.

Tal processo versa, sobre o contato entre culturas distintas, partindo dos pressupostos de perda ou soma de cultura com o contato, nesse caso observamos a soma de culturas entendida como adculturação, onde com a ideia de manutenção da comunidade Tremembé, são utilizados elementos não indígenas, sejam técnicas, metodologias, didáticas, mas sempre com a visão de fortalecimento cultural local.

Observamos essas fases, a partir de um fortalecimento quando se deparam em uma situação de Alteridade (o outro e eu), e a partir desse momento afloram as intraculturas, (bagagens culturais), conhecimento sobre a cultura do outro e a interação que será a responsável por gerar uma transformação ou transcultura, fruto do contato inicial.

Assim a educação superior entra em cena, como protagonista e símbolo de luta e empoderamento em todo esse processo de manutenção da cultura Tremembé, pois seus alunos (professores indígenas) serão os responsáveis da propagação e difusão cultural, que garantirão a sobrevivência de sua cultura. E nesse caso, nada melhor que na utilização de um material produzido pelos próprios membros da comunidade, elementos difusores da tradição na educação de base, ou seja, nas escolas diferenciadas indígenas, palco de atuação dos alunos do projeto (professores indígenas Tremembé), com o

público alvo bem definido, crianças e jovens indígenas, futuros atores ativos nas lutas enfrentadas pela comunidade Tremembé.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a escrita dessa pesquisa, o trabalho de campo realizado, a aproximação com povos originários e as análises realizadas em um material de produção indígena, deixamos algumas observações sobre o aprendido nesse percurso. E sobre isso deixamos nossas considerações: Na convivência com os povos indígenas, aprendi que necessitamos, não de amor, respeito, tolerância ou solidariedade, podemos resumir tudo o que necessitamos em uma única palavra, consciência, ou duas, consciência humana. Como seres humanos sabemos o que seria melhor para o mesmo e com base na intraculturalidade, passaríamos a exercitar essa consciência com o autoconhecimento e autoaceitação, para saber que o outro tem os mesmos anseios, mesmas necessidades e assim tomar consciência sobre si e sobre o seu meio (pessoal, social, ambiental).

Para serem geradas tais mudanças na sociedade seria preciso a junção de conceitos, junção de conhecimentos e não a fragmentação dos mesmos. E isso poderia se tornar possível a partir da tomada de consciência humana e unificação dos saberes na busca do bem común. Resgatando valores como o de coletividade, muito praticado pelos povos indígenas e originários.

Quando falamos em resgate de valores, estamos levando em conta a ambição, a individualização e o egoísmo, que estão crescendo a cada dia e são os grandes males da vida humana em sociedade. “o lobo que cresce dentro de mim e o lobo que alimento” (provérbio indígena), a educação nesse caso seria a ferramenta a ser utilizada para a alimentação de valores, resgate dos mesmos para gerar essa tão desejada tomada de consciência humana.

Essa consciência humana, seria, portanto o ponto de equilíbrio necessário para a instauração do respeito a diversidade cultural, e o reconhecimento sobre o enriquecimento mútuo capaz de ser gerado com a interação e até mesmo unificação de conhecimentos. Nesse sentido, os conhecimentos ancestrais, em relação ao pensamento de coletividade, manipulação de plantas e ervas medicinais, cosmovisão voltada para a ancestralidade, seriam contribuições para a sociedade e humanidade. Como também a consciência ecológica, uma vez que, as grandes áreas verdes do mundo, estão diretamente associadas as zonas de preservação que estão em terras e territórios indígenas, nos fazendo questionar o conceito de civilidade.

Assim me pergunto: com a interação entre as culturas indígenas e não indígenas, quais delas têm mais a aprender e mais a ensinar? Diante de tal questionamento, além do observado sobre civilidade, tentamos com essa pesquisa uma contribuição às comunidades indígenas, mas que na verdade essa contribuição iria ser refletida como a imagem que volta frente ao espelho.

Finalmente como contribuição está posta em marcha a contribuição com a implementação conceitual, dos conceitos de intraculturalidade e sobreculturalidade no Plano Político Pedagógico – PPP, das escolas indígenas da Região de Almolândia – CE. Sem resultados ainda, pretendemos seguir a pesquisa no intuito de observar as mudanças pós-implementação em uma atividade pós-doutoral.

A mesma implementação conceitual está ocorrendo com outras comunidades indígenas do nordeste brasileiro, no caso, indígenas Potiguara do município da Baía da Traição, através de um projeto de extensão, submetido no edital Prac- UFPB no seu Município – 2019. Tal projeto está desenvolvendo uma ação de formação de professores indígenas e como resultado visa a implementação conceitual, dos conceitos de intraculturalidade e sobreculturalidade, nos Planos Políticos Pedagógicos - PPPs das escolas indígenas em uma parceria, onde já foram iniciados os trâmites com a Secretaria de Educação do Município da Baía da Traição - PB.(Anexo 3).

O projeto de extensão denominado “Da intracultura à sobreculturalidade: Ação de Formação de professores Indígenas Potiguara da Baía da Traição-PB” promete chegar a 300 professores indígenas do município, sendo a primeira ação desenvolvida para 60 professores.

A ideia central que move essa implementação conceitual, é fazer com que as comunidades indígenas do nordeste se fortaleçam com exemplos de comunidades indígenas da América Latina que já possuem nos seus currículos, a utilização teórica e prática de tais conceitos, como o caso de universidades indígenas no México e Bolívia, que serviram de palco para pesquisas anteriores.

Também por meio da circularidade de conhecimentos e práticas, os tremembé estão servindo de exemplo para outras comunidades, nesse caso, a comunidade Potiguara da Baía da Traição, com a produção de seus livros e do material didático pelos membros da comunidade, alimentando o sistema educativo das escolas básicas indígenas.

Um ponto forte de nossa pesquisa, é o poder de mostrar desde a ótica indígena uma outra historicidade, onde os indígenas deixam o papel de objetos e assumem o papel de sujeitos, e passam a ser escutados desenvolvendo sua voz ativa, frente a uma sociedade de opressão, que cala e invisibiliza. E a educação nesse contexto, diferenciada e intercultural tem um papel crucial, onde os professores serão além de ativistas na luta indígena, multiplicadores dessa tomada de consciência, aceitação e autoaceitação.

Outro ponto forte é a preocupação e chamada de atenção com a constante perda dos saberes tradicionais orais dos povos indígenas, culturas milenares com manipulação de plantas e ervas, capazes não somente de curas físicas, mas para muitas doenças psicossomáticas. E assim buscamos um ponto de equilíbrio entre as culturas, utilizando para tanto a educação intercultural nesse aspecto.

Terminamos essa pesquisa, mas com inquietações, que nos garante a uma não utilização de um ponto final, pois continuará em outras pesquisas, uma vez que, a utilização do material escolar produzido pelo indígena e para o indígena é muito recente, necessitando de um tempo de amadurecimento da prática nas escolas para uma melhor observação entre o alunado, de possíveis mudanças no processo de ensino – aprendizagem, como no caráter político do mesmo, pois esses elementos além de chamada de atenção para os problemas enfrentados pela comunidade Tremembé, são uma chamada aos alunos para dar continuidade a luta, como sujeitos ativos e reelaborando seu modelo de educação e sua cultura.

Nesse ponto comungamos com Brandão (2008), em seus estudos sobre o método de Freire, quando nos diz que: “Uma prática cultural libertadora deveria envolver um trabalho intelectual de reelaboração dos elementos ideológicos da tradição de um povo” (BRANDÃO, 2008, p.28). Exatamente o observado com a elaboração do material pelo professor indígena para o indígena, nos remetendo aos questionamentos da Pedagogia do Oprimido de Freire (1975): “A serviço de quem educamos? Para quem educamos? O que ensinamos? Como ensinamos?”.

Tais questionamentos nos remete ao início da pesquisa, mostrando o real significado da produção do material indígena pelo e para o indígena e assim, justificar a busca por difusão e visibilidade dos problemas enfrentados pelas comunidades indígenas de todo o Brasil, ou seja, a serviço de quem os indígenas produziram esse material? Para quem foi desenvolvido o material produzido? Qual a finalidade? O que realmente tem nesse material? E como pode ser utilizado?.

Respondendo a essa nova gama de inquietações chegamos as respostas exatas sobre todos os interesses implícitos nesse material e a real chamada de atenção a que ele nos remete, mostrando a importância da luta indígena e a utilização da educação como ferramenta de fortalecimento cultural, identitário e de multiplicação da luta entre o alunado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBJETO DE ESTUDO

- Alves E.L.; Félix, M.A e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *O lugar do Manguê na Cultura Tremembé*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará-UFC.
- Cabral, F.M.J.; Xavier, M.N. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Jogos matemáticos para as escola indígenas Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos,M.A. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Os Encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, L.H.; dos Santos, J.V. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Do Nascimento, M.G.; Félix, R.J. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *História da educação diferenciada Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, J.G.; dos Santos, M.L.; Teles,M.N.S.; dos Santos,M.V. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Primeiras letras na cultura Tremembé: livro do professor*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, J.G.; dos Santos, M.L.; Teles,M.N.S.; dos Santos,M.V. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Primeiras letras na cultura Tremembé: livro do aluno*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, C.; dos Santos, R.H. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *A pesca no mar de Almofala e no rio Aracatimirim*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, M.I.; Matias, M.M.; Félix,R.J e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Luta e resistência dos Tremembé da região da Mata pelo seu Território*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, S.O.; Siqueira, R.C. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Aldeamento Tremembé de Almofala: o Espaço do Manguê Alto ontem e hoje*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Dos Santos, M.P.; de Holanda, M.A.; de Sousa,F.E. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Fauna e Flora Tremembé da região da Mata*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Guilherme, J.R.; Félix, M.J.; Jacinto,M.L. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Olagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Jacinto, A.L.; Sousa, J.M.; Moura, M.C.; Siqueira, R.R. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Medicina tradicional do povo Tremembé*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Fundamentos Legais da Educação escolar Indígena: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Tremembé deuses do Mar: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.

- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Descobrimdo a vida do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Manual do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Malaquias, S. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2013). *Dicionário do pescador Tremembé: Saberes Tremembé do Céu, da Terra e do Mar*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG.
- Santos, J.S.; dos Santos, M.G.M. e Fonteles Filho, J.M.(Org).(2014). *Dicumê Tremembé de antes e de hoje*. Fortaleza: Imprensa Universitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguirre, A.B. (2017). *Cómo Investigar: Metodología Cualitativa en la investigación científica*. Barcelona: PROFIT Editorial.
- Aguirre, A. B. (2004). *La Cultura de las Organizaciones*. Barcelona: Ariel.
- Alexim, J. da S. (2013). *Diálogo Ambiental, constitucional e internacional*. Vol. 1. Fortaleza: Premius.
- Álvarez, J.L.; Jiménez, A.E.; Gonzales, J.L.; Ubillos, S.L. & Palmero, C.C. (2007). *La Formación de Educadores en Contextos Multiculturales. Diseño de programas a partir de la investigación básica sobre nuevas estrategias cognitivo-sociales de control de la estereopatía y del prejuicio en Guillén, C.L. Y Gui, R.: (Ed.) Psicología Social: un encuentro d perspectivas*, pp. 97-110, Cádiz: Universidad de Cádiz.
- Amante, M. (2014). *Das fronteiras como espaço de construção e contestação identitária às questões da segurança. Etnográfica*, São Paulo: Etnográfica
- Aparício, J. M. (2011). *Interculturalidad, Educación y Plurilingüismo en América Latina*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Aparício J.M.; Tilley, D.B. & Orozco, M.L. (2015). *La Escuela como mecanismo de aculturación en la Araucanía durante el siglo XIX*. Bogotá: Revista colombiana de educación, nº68.
- Ardoino, J. (1998). *Abordagem multirreferencial das situações educativas e formativas*. São Carlos: UFScar.
- Azevedo, F. de.(1976). *A transmissão da cultura: parte 3 da 5. ed. da obra A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL.

- Batista, C.A.(2014). *Diversidad e Identidad*. Santo Domingo: Ministério da Cultura, Ediciones INDAASEL.
- Bauer, M. W. (2015). *Análise do conteúdo clássica*. In: Bauer, M. W. Gaskell, G.(Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagens e som: um manual prático*. 15. ed. Petrópolis: Vozes.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 LDA.
- Beattie, J. (1980). *Introdução à Antropologia Social*. São Paulo: Editora Nacional.
- Benítez, O. S. e Torres,A.M.(2007). *La inclusión del otro: Más allá de la tolerancia*.Córdoba: Diputación de Cordoba.
- Boas, F. (1964).*Cuestiones Fundamentales de Antropologia Cultural*. Buenos Aires: Ediciones Solar.
- Bonato Barcellos, A. A. (2018). *Introdução à teoria antropológica*. Salamanca: IIACyL.
- Bourdieu, P. (1962); (1958). *The Algerians*. Boston : Beacon.
- Brandão. C.R. (2000). *Educação Popular na Escola Cidadã*. Petropoles: Vozes.
- Brandão. C.R. (2008). *História do menino que lia o mundo*. 3ª Ed. Veranópolis: ITERRA.
- Brandão, H. H. (2004). *Introdução a análise do discurso*. Campinas: Unicamp.
- Brennand, E.G. e Guedes, E.C. (2003). *Educação e Alteridade*. João Pessoa: Editora Universitária.
- Cabral, A. C. (2014). *História dos Tremembé: memórias dos próprios índios*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Candau, V. (2008). *Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença*. São Paulo: Revista Brasileira de Educação.
- Corry, S. (2014). *Pueblos indígenas: Para el mundo del mañana*.Madrid: Círculo Rojo.
- Delgado, L. d. (2006). *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Denzin, N. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso.

- Durkheim, É. (1978). *As formas elementares da vida religiosa*. . São Paulo: Abril Cultural.
- Edwin G., West. (1994). *La Educación y el Estado un estudio de economía política*. Madrid:Unión Editorial.
- Espina, Á. B. (2006). *Conocimiento local, comunicación e interculturalidad*. Recife: Massangana.
- Espina, Á. B.(1997). *Manual de Antropología Cultural, 2ª Ed.:* Amarú Ediciones. Salamanca.
- Fernández Malanda, D. e Calvo, R.(2012). Quatro propostas educacionais de consumo responsable do tempo extraescolar na provincia de Burgos. Burgos: sips - pedagogía social. revista interuniversitaria [1139-1723 (2012) 19, 141-154] tercera época
- Fernández Malanda, D. “El “Sexto Sol” o el mito de la esperanza del retorno de los tiempos nuevos: breve aproximación al Pacha Andino”, en Cifuentes García, A.; Gómez Campelo, E. (coord.) (2016) *Nuevas concepciones sobre el desarrollo en América Latina: Elementos para el debate desde los movimientos sociales ya la Universidad*, Burgos: Universidad de Burgos.
- Filho, J., & Malaquias, S. (2013). *Descobrimo a Vida do Pescador Tremembé*. Belo Horizonte: Literaterras.
- Fleuri, R. M. (2009). O que significa Educação Intercultural. In: Educação para a diversidade e cidadania. Florianopolis: Mover, NUP.
- Fonte, S. S., & Loureiro, R. (2011). *Educação Escolar e o multiculturalismo: crítica a partir de Simone de Beauvoir*.Campinas: Pro-posições.
- Freire, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). *Política e educação*. São Paulo: Cortez Editora.
- Freire, P. (1999). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *A Educação na cidade.4.Ed*. São Paulo: Cortez Editora.
- Garcia, C. N. (1989). *Culturas Híbridas estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Miguel Hidalgo, México: Editorial Grijalbo.
- Garcia, T.V. (2011). Diversidad Cultural, educación intercultural y currículo. En J. M. Gervás, Interculturalidad, Educación y Plurilinguismo en America Latina. (págs. 65- 77). Madrid: Pirámide.

- Gertz, C.(1997). *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes.
- Gill, R. (2002). *Análise de Discurso*. Petrópolis: Vozes.
- Ginzburg, C. (1989). *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras.
- Goffman, E.(1978).*Estigma: notas sobre a manipulação de identidade deteriorada*.Rio de Janeiro : Zahar.
- González Castro, J.L.; Fernández Malanda, D. “Trabajo interdisciplinar en el ámbito de la interculturalidad” en Calvo de León (coord.) (2005) *Los jóvenes, el conflicto y la pluriculturalidad*, Burgos: Aldecoa.
- Gonzalez Castro, J.L.; Fernández Malanda, D. “Racismo, discriminación y prejuicio”, en Páez et al (coord.) (2004) *Psicología Social, cultura y educación*, Madrid: Pearson Prentice Hall.
- Gonzalez Castro, J.L.; Fernández Malanda, D. “Prejuicio y manejo del conflicto en el aula”, en Páez et al (coord.) (2004) *Psicología Social, cultura y educación*, Madrid: Pearson Prentice Hall.
- Gregolin, M. d. (1995). *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo: Ed. Alfa.
- Greimas, A. (1975). *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Rio de Janeiro: vozes.
- Grupioni, L. D.B.(2006). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Ministério da Educação. Brasília.
- Hall, S. (1978). *Más Allá de la cultura*.Barcelona: Gustavo i Gili.
- Hall, S. (2005). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Harris, M.(2011). *Manual de Antropologia Cultural*. Madrid: Alianza Editorial.
- Jiménez, A.E.(2006). *Transferencia de conocimientos, traducción e Interculturalidad: escenarios y actores desde una perspectiva universitária*. En: Espina Bárrio, A.B.(Ed) *Conocimiento Local, comunicación e interculturalidad*, Fundação Joaquim Nabuco. Recife: Editorial Massangana.
- Kymlicka, W. (1996).*Ciudadanía Multicultural*. Barcelona: Paidós.
- Leal, T. B. (2011). *Imanência Indígena*. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará.

- Le Goff, J. (2012). *História e Memória*. São Paulo: Unicamp.
- Libâneo, J. C. (2001). *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Curitiba: Editora da UFPR.
- Ludke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Martins, D. V. (2016). *A intraculturalidade nas comunidades indígenas da região metropolitana de Fortaleza-ce, Brasil: caminho para o desenvolvimento e sobreculturalidade*. Salamanca: Ediciones Vitor.
- Mazière, F. (2017). *A análise do discurso: história e prática*. São Paulo: Parábola.
- Meliá, B. (1979). *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola.
- Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: ed. Hucitec.
- Moreira, A. F., & Candau, V. M. (2003). *Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos*. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação.
- Oliveras, E. (2017) *Cómo Investigar: Entrevistas*. Barcelona: PROFIT Editorial.
- Oliveira Filho, J. P. (1999). *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Oliveira Junior, G. (2006). *O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza*. Fortaleza: Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- Orozco Gómez, M.L.; Fernández Malanda, D.; Robayo Fiqué, N. "Indigenismo, educación colonial y etnoeducación", *Revista Interuniversitaria de Historia de la Educación*, 37 (2018), pp.145-164.
- Palitot, E. M. (2009). *Na mata do sabiá: contribuições sobre la presença indígena no Ceará*. Fortaleza: Expressão Gráfica.
- Peggión, E. A. (2003). *Educação e diferença: a formação de professores indígenas em Mato Grosso*. Brasília.
- Pelto, P. (1977). *Iniciação ao estudo da Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Porto Alegre, M. S. (1994). *Documentos para a história indígena no Nordeste*. São Paulo: NHII/USP/FAPESP.
- Ribeiro, D. (2015). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: global.

- Rodrigues, L. C. ; da Silva, I. B.. (2014). *Saberes locais, experiencias transnacionais interfaces do fazer antropologico*. Fortaleza: ABA Publicações.
- Sarlo, B. (1999). *Escenas de la vida posmoderna: intelectuales, arte y videocultura em la Argentina*. Buenos Aires: Ariel.
- Sastre, M. (2011). *Aportaciones a la Educación Intercultural. Mundos interculturalizados y educación intercultural*. Temuco: Editor digital: Letra25.
- Seeger, A. (1977). *O conceito de cultura nas ciências sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Silva, I. B. P. (2005). *Vilas de Índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino*. Campinas: Pontes Editores.
- Silva, I. B.P.(2007). *Povos indígenas do Ceará: organização, memória e luta*. Fortaleza: Editora e Gráfica Ribeiro's.
- Silva, I. B. P.; Piorsky, A., M. M. (2009). *Direitos humanos e a questão indígena no Ceará - Relatório do observatório indígena biênio 2007-2008*. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- Soares, I. M.; Moraes da Silva, Í. B. (2014). *Cultura, Política e Identidades: Ceará em perspectiva* (Vol. 1). Fortaleza: Iphan.
- Sousa Lima, A.C. (2003). *Trilhas de conhecimentos: o ensino superior de indígenas no Brasil*. Projeto educacional.
- Urquiza, A. (2014). *Formação de Educadores em Direitos Humanos*. Campo Grande: Editora UFMS.
- Vieira, J., Muniz, A., & Gomes, J. (2007). *Povos Indígenas no Ceará: Organização memória e luta*. Fortaleza: Memorial da Cultura cearense, do Centro Dragão do Mar de arte e cultura.
- Wittmann, L. T. (2015). *Ensino (d)e história indígena*. São Paulo: Autêntica editora.
- Brasil. *Constituição Federal*. Senado Federal, (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm, acesso em: 29/05/2018

Brasil. *Constituição Federal*. Senado Federal, (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm, acesso em: 29/05/2018.

Brasil. *Estatuto do Índio*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6001.htm. Acesso em: 03/03/2018.
BRASIL, Lei nº 9.394/1996: *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 20 de dezembro de 1996.

Brasil. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 20 de dezembro de 1996. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm, acesso em: 29/05/2018.

Brasil. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica Cenário Contemporâneo Da Educação Escolar Indígena No Brasil. Relator: Conselheiro Gersem José dos Santos Luciano Brasília, 2007

Brasil. Relatório técnico diagnóstico e avaliação dos formulários e da metodologia do censo inep referente à questão indígena. Gersem José dos Santos Luciano Departamento de Educação Escolar Indígena Universidade Federal do Amazonas Consultoria 6ª CCR-PGR 2015.

Brasil. Decreto Nº 6.861, de 27 de maio de 2009. Sobre a Educação Escolar Indígena, define sua organização em territórios etnoeducacionais, e dá outras providências. O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso IV, e tendo em vista o disposto no art. 231, ambos da Constituição, e nos arts. 78 e 79 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001, e no Decreto nº 5.051 de 19 de abril de 2004.

ANEXOS

ANEXO 1

GUIÓN - ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DO TREMEMBÉ ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL COM BASE NOS SABERES TRADICIONAIS

Dr. Daniel Valério Martins

Triangulação conceitual do procedimento de investigação

A presente investigação, demonstra a existência de uma triangulação, assumindo a seguinte construção lógica: SABERES TRADICIONAIS - EDUCAÇÃO INTERCULTURAL - CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA, onde a Contribuição científica surgiria como resultado do processo de interação promovido pela educação diferenciada e intercultural, levando em consideração os saberes tradicionais do povo Tremembé.

OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O presente projeto se compõe dos seguintes objetivos. Objetivo Geral: Analisar as 20 monografias desenvolvidas pelos estudantes Tremembé observando os principais pontos abordados e de interesse indígena e como essas publicações podem ser consideradas práticas do conceito de sobreculturalidade e sua implantação nas Escolas Diferenciadas, com o intuito de verificar seus aspectos positivos e negativos. Para tanto, pondera-se sobre os conhecimentos e saberes tradicionais relacionados com a produção científica e, por fim, o papel fundamental da educação crítica e conscientizadora na aprendizagem, bem como, na discussão dos direitos específicos desses povos. Objetivos Específicos:

Ressaltar o papel da educação diferenciada e sua importância na transcrição da oralidade indígena;

Analisar, de igual modo, as monografias dos alunos Tremembé, observando suas perspectivas na busca pelo conhecimento científico e ao mesmo tempo com a perpetuação dos saberes tradicionais.

Observar, com isso, a contribuição que esta forma de ensino traz para o desenvolvimento econômico-social das comunidades, com a formação de profissionais indígenas qualificados para o trabalho interno;

Identificar os pontos mais abordados nas monografias dos estudantes Tremembé relacionando com os interesses e principais necessidades da comunidade;

Refletir sobre o processo de Sobreculturalidade, atentando para a teorização dos saberes tradicionais e de experiências da etnia e suas vivências no ensino superior indígena, como instrumento para manutenção e expansão cultural.

Nome:

Livro:

- 1 – Por que escolheu esse tema?
- 2- O tema possui alguma relação com problemas na comunidade?
- 3- Qual a sua perspectiva em relação ao seu livro? Até onde pode chegar sua publicação?
- 4- Crês que gerará algum impacto para a comunidade e sociedade?
- 5 – Qual sua sensação em estar transcrevendo a oralidade indígena?
- 6 - Os saberes tradicionais podem contribuir com a ciência? Como?
- 7- Tem interesse em continuar os estudos? Um mestrado, doutorado?
- 8- Já começou a utilizar sua publicação nas aulas da escola?
- 9- Alguma melhoria depois desse material didático?
- 10- Qual a interação dos alunos na escola com esse material didático?
- 11- Você pensa em escrever novos materiais?
- 12- A utilização desse material permitiu uma metodologia mais eficaz no ensino da cultura na escola?
- 13- O fato de estar utilizando um material que você escreveu te traz mais segurança no processo de ensinar?
- 14- Além do ensino como você acredita que esse material contribuiu para o crescimento ou melhoria da escola?
- 15- Como os anciões de sua comunidade veem essa publicação dos saberes tradicionais como livro didático?

ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Eu Daniel Valério Martins, responsável pela pesquisa “A Contribuição Científica dos Tremembé através da Educação Intercultural e Diferenciada com base nos Saberes Tradicionais”, Estou Fazendo Um Convite Para Você Participar Como Voluntário Deste Estudo.

Esta pesquisa pretende Analisar as 20 monografias desenvolvidas pelos estudantes Tremembé observando os principais pontos abordados e de interesse indígena e como essas publicações podem ser consideradas práticas do conceito de *sobreculturalidade* e sua implantação nas Escolas Diferenciadas, com o intuito de verificar seus aspectos positivos e negativos. Para tanto, pondera-se sobre os conhecimentos e saberes tradicionais relacionados com a produção científica e, por fim, o papel fundamental da educação crítica e conscientizadora na aprendizagem, bem como, na discussão dos direitos específicos desses povos.

Acreditamos que ela seja importante porque de acordo com a temática indígena de luta contra a discriminação, onde está inserida a luta pela reafirmação identitária como minoria étnica, fortalecida por base na diferença, observamos o desenvolvimento de um pensamento equitativo, no qual as comunidades indígenas do Brasil, ao longo dos anos, em suas lutas pela identidade, terras e reconhecimento social, buscam na Educação o meio alternativo para a manutenção e a propagação de suas culturas¹⁵ quase sufocadas pela cultura ao seu redor (não-indígena). Ao mesmo tempo, sentem

¹⁵ A ideia de cultura aqui abordada segue o contexto antropológico, seria, portanto, o resultado mais profundo de toda realidade coletiva, sendo produzida pela interação de seus membros na busca dos objetivos grupais podemos dizer que os indivíduos se agrupam e se organizam socialmente a partir do momento que pertence a uma cultura. (Ángel Aguirre Baztán em sua obra *La Cultura de las Organizaciones*. 2004). Na Constituição Brasileira de 1988, a cultura aparece no artigo 5º, IX, assegurando a liberdade de expressão, e os artigos 215 e 216, tratam dos direitos culturais e da proteção do patrimônio cultural em uma perspectiva de democracia cultural e de acordo com suas diversas concepções, vem do verbo latino “colere”, que significa cultivar, criar, tomar conta, cuidar, na antiguidade designava o cuidado dos homens com a natureza (agricultura), com os deuses (culto) e com as crianças- especialmente essas últimas, que eram educadas tendo seus corpos e espíritos moldados e adequados ao convívio social. (Julia Alexim da Silva, 2013).

a necessidade de extrair os aspectos positivos desta sociedade, uma vez que se tratam de pequenas comunidades, com poucos habitantes, e poucas oportunidades de emprego, não sendo desenvolvidas o suficiente para manter a todos apenas com seus recursos naturais.

Considera-se, portanto, que o presente projeto vem a contribuir para a promoção da Educação Superior Diferenciada, compreendida como uma importante ferramenta que as comunidades indígenas possuem, em concreto mesmo que limitada para, a partir dos conhecimentos adquiridos com ela, vislumbrar e buscar os benefícios em prol da coletividade, tais como seus direitos políticos e socioculturais. Isto porque os cursos superiores diferenciados têm a finalidade de colaborar para o desenvolvimento interno e sustentável das comunidades indígenas, fazendo ver a importância da seguinte triangulação: : SABERES TRADICIONAIS -EDUCAÇÃO INTERCULTURAL - CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA

Para sua realização será feito o seguinte: Realiza-se, para tanto, uma observação *in loco*, informal e participante, principalmente durante as festas das comunidades. Afinal, é neste contexto que os membros das comunidades se encontram mais descontraídos, envolvidos de seus costumes e hábitos diários.

Ademais, se fará uso de questionários, com perguntas objetivas, ainda que informais, com os moradores, representantes, professores e principalmente com os alunos do Projeto MITS, a fim de identificar as particularidades e originalidades que definem o grupo estudado, sendo portanto a essência da estrutura dessa investigação. Será, também, observada a interação entre os hábitos locais com aqueles exteriores à comunidade, assim como sua influência no sistema educativo. Não será, no entanto, esquecido o uso de ferramentas de áudio e vídeo como registro e arquivo das informações obtidas.

Sua participação constará de apoio na realização dos questionários ou entrevistas bem como na apresentação do pesquisador como forma de promover uma aproximação para a realização das metodologias propostas. É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos; a não aceitação por parte dos membros da comunidade, em relação ao pesquisador

por tratar-se de uma pessoa alheia a comunidade, a negação na participação de entrevistas ou respostas dos questionários bem como o pensamento de lucro ou vantagens econômicas por parte de membros da comunidade. Os benefícios que esperamos como estudo são portanto, além de incentivar a participação dos povos indígenas antes invisibilizados, agora como protagonistas e futuros propagadores dos conhecimentos tradicionais bem como dos conhecimentos positivos adquiridos com o contato em suas comunidades, fortalecer a aplicação do conceito de *Intraculturalidad*, pois trata-se de um conceito Espanhol criado por Aparício Gervás professor das Universidades de Salamanca e Valladolid e utilizado como um dos pilares de construção da UNIBOL- Universidade Indígena da Bolívia, refletido assim, no alunado indígena, da America Latina. E também na reflexão sobre a criação de um modelo de educação com base no contato e interação entre culturas distintas.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com algum dos pesquisadores ou com o Conselho de Ética em Pesquisa (Garantia de esclarecimentos).

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão (voluntariedade).

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação (confidencialidade). Será também utilizada imagens.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores (ressarcimento de despesas). Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Autorização:

Eu, _____,
após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresse minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Assinatura do voluntário ou de seu representante legal

Assinatura de uma testemunha

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste voluntário (ou de seu representante legal) para a participação neste estudo.

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Dados do pesquisador:

Nome: Daniel Valerio Martins

Endereço: Rua Josias Lopes Braga, 309, Apto. 205, Cep. 58051-800, Bancários, João Pessoa – PB.

Telefone,(083) 998917234

endereço eletrônico :jifadelino@hotmail.com

ANEXO 3 FOLDER PROJETO

<p>Organizadores</p> <p>Coord: Prof. Luiz Gonzaga</p> <p>Ministrante: Prof. Daniel Valério</p> <p>Organização e colaboração: Ane Flavia Carlos Eduardo Erica Lira Joana Danasceno José Benício Maria Alda M^a Sonia de Macedo Miriam Gomes Obede Santana Pedro Lobo Tays de Sousa</p>	<p>Apoio</p> <p>Prefeitura Municipal de Baía da Traição</p> <p>OPIP - Organização dos Professores Indígenas Potiguara</p> <p>CE - Centro de Educação da UFPB</p> <p>PPGE - Programa de pós-graduação em educação da UFPB</p>	 <p>Ação de Formação de Professores Indígenas</p> <p>Local - Baía da Traição De junho a novembro de 2019</p>
--	---	---

<p>Apresentação</p> <p>Essa ação de formação surgiu com a submissão de uma proposta ao edital PRAC UFPB no seu município, sendo aprovada.</p> <p>A ideia surgiu a partir de experiências em etnografias em universidades indígenas no México e na Bolívia que proporcionaram a aproximação aos conceitos trabalhados nesse projeto.</p> <p>O projeto vem em resposta ao apoio indígena obtido durante o período de pesquisas e assim se reverte em uma ideia recíproca de contribuição.</p> <p>O projeto vem fortalecer a educação escolar indígena através do vínculo entre universidade e município – por tratar-se de uma ação voltada para a educação e seus formadores.</p> <p>A ação de formação está proposta para 12 encontros quinzenais, totalizando 60 horas que serão certificadas.</p>	<p>Objetivos da ação</p> <p>Refletir sobre a riqueza da diversidade cultural, à luz da Educação Escolar Indígena Potiguara no processo de contato entre culturas diferentes, com base na diversidade observada no Estado da Paraíba.</p> <p>Compreender a relação entre identidade e diferença com base no princípio de Alteridade.</p> <p>Identificar e perceber os conceitos abordados como etapas de um único processo de contato entre culturas.</p> <p>Implementar por meio de dinâmicas de grupo, técnicas e métodos de ensino, os conceitos de Intra e Sobreculturalidade, como apoio ao movimento indígena.</p> <p>Trabalhar a legislação escolar indígena, o currículo escolar e o Paradigma Indiciário a partir da matriz indígena.</p>	<p>Tópicos</p> <p>06/07 – Intraculturalidade, alteridade e identidade indígena</p> <p>06/07 – Multiculturalidade e diversidade na educação escolar indígena Potiguara</p> <p>03/08 – Interculturalidade e Educação Escolar Indígena</p> <p>03/08 – Transculturalidade na questão indígena</p> <p>07/09 – 14/09 Sobreculturalidade o Processo de sobrevivência cultural indígena</p> <p>07/09 – 14/09 Os Direitos Humanos de Segunda e Terceira geração/ a questão do meio ambiente no território Potiguara</p> <p>05/10 – O Paradigma Indiciário e a matriz indígena</p> <p>02/11 – 09/11 Legislação Escolar Indígena / Currículo Escolar Indígena/ Reflexões sobre as práticas pedagógicas</p> <p>02/11 – 09/11 História local e o fortalecimento da identidade Potiguara. / Miriam Gomes/ M^a Sonia Macedo/ Rafael Sabino.</p>
--	--	---

Declaração de autoria

Eu, Daniel Valério Martins, declaro que a redação do trabalho, *A contribuição Científica dos Tremembé, através da Educação Diferenciada e Intercultural com base nos Saberes Tradicionais*, para a Tese doutoral no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Burgos na Espanha, foi de forma autônoma com a ajuda das fontes e literatura citadas na bibliografia e que identifiquei como tais, todas as partes tomadas das fontes e da literatura indicada, textualmente e conforme seu sentido.

Em Burgos a de Junho de 2019